

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

HUGO LEONNARDO CASSIMIRO

**SOCIALIZAÇÃO, DIFERENÇA E DESTINO: A
EXPERIÊNCIA *TRANS***

GOIÂNIA
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

HUGO LEONNARDO CASSIMIRO

3. Título do trabalho

Socialização, diferença e destino: a experiência trans

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **HUGO LEONNARDO CASSIMIRO, Usuário Externo**, em 28/06/2023, às 19:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anita Cristina Azevedo Resende, Usuário Externo**, em 30/06/2023, às 13:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3853704** e o código CRC **C2AB6D2E**.

Referência: Processo nº 23070.034173/2023-06

SEI nº 3853704

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

HUGO LEONNARDO CASSIMIRO

**SOCIALIZAÇÃO, DIFERENÇA E DESTINO: A
EXPERIÊNCIA *TRANS***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação, doutoramento, na Universidade
Federal de Goiás. Linha de pesquisa:
Fundamentos dos processos educativos

Orientadora: Prof. Dra. Anita Cristina Azevedo
Resende

Co-orientadora: Prof. Dra. Adriana Pereira
Bernardes

Área de concentração: educação.

GOIÂNIA
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

CASSIMIRO, HUGO LEONNARDO
SOCIALIZAÇÃO, DIFERENÇA E DESTINO: A EXPERIÊNCIA
TRANS [manuscrito] / HUGO LEONNARDO CASSIMIRO. - 2017.
113 f.

Orientador: Profa. Dra. Anita Cristina Azevedo Resende; co orientadora Dra. Adriana Pereira Bernardes.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2017.
Bibliografia.

1. Diferença sexual. 2. Socialização. 3. Pessoas trans. I. Resende, Anita Cristina Azevedo, orient. II. Título.

ATA DA REUNIÃO DA BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE TESE DE HUGO LEONNARDO CASSIMIRO – Aos vinte e oito dias do mês de agosto do ano de dois mil e dezessete (28/08/2017), às 14h, reuniram-se os componentes da Banca Examinadora: Prof.^a Dr.^a **Anita Cristina Azevedo Resende**, orientadora, doutora em Ciências Sociais pela PUC SP; Prof.^a Dr.^a **Adriana Bernardes Pereira**, coorientadora, doutora em Psicologia Social pela PUC-SP; Prof.^a Dr.^a **Cynthia Maria Jorge Viana**, doutora em Educação pela UFG; Prof.^o Dr.^o **Glacy Queirós de Roure**, doutora em Linguística pela Unicamp; Prof.^a Dr.^a **Renata Leite Soares**, doutora em Psicanálise e Cultura pela UnB e Prof.^a Dr.^a **Marília Gouvea de Miranda**, doutora em Educação pela PUC SP, para, sob a presidência da primeira e em sessão pública realizada nas dependências da Faculdade de Educação, procederem à avaliação da defesa da tese intitulada: **“Socialização, diferença e destino: a experiência trans”**, em nível de Doutorado, área de concentração em **Educação**, de autoria de **Hugo Leonnardo Cassimiro**, discente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás. A sessão foi aberta pela presidente da Banca Examinadora, Prof.^a Dr.^a Anita Cristina Azevedo Resende, que fez a apresentação formal dos membros da Banca. A palavra, a seguir, foi concedida ao autor da tese que, em 30 minutos, procedeu à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da Banca arguiu o examinando, tendo-se adotado o sistema de diálogo sequencial. Terminada a fase de arguição, procedeu-se à avaliação da defesa. Tendo-se em vista o que consta na Resolução nº 1063/2011 do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (CEPEC), que regulamenta o Programa de Pós-Graduação em Educação e procedidas às correções recomendadas, a tese foi **APROVADA** por unanimidade, considerando-se integralmente cumprido este requisito para fins de obtenção do título de **DOCTOR EM EDUCAÇÃO** pela Universidade Federal de Goiás. A conclusão do curso dar-se-á quando da entrega da versão definitiva da tese na secretaria do Programa. Cumpridas as formalidades de pauta, às 18hs a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de tese e, para constar, eu, Sandra Valéria Limonta Rosa, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora em três vias de igual teor.

Prof.^a Dr.^a Anita Cristina Azevedo Resende
Presidente – PPGE/FE/UFG

Prof.^a Dr.^a Adriana Bernardes Pereira
Coorientadora – PUC/GO

Prof.^a Dr.^a Cynthia Maria Jorge Viana
Membro – Faculdade Atenas/MG

Prof.^a Dr.^a Glacy Queirós de Roure
Membro – PUC-GO

Prof. Dr. Renata Leite Soares
Membro – FE/UFG

Prof.^a Dr.^a Marília Gouvea de Miranda
Membro – PPGE/FE/UFG

Agradecimentos

Meu reconhecimento às tantas e tão valiosas amizades que atravessam minha história, especialmente: Larissa Leão, companheira destemida nas batalhas da vida; Amanda, cúmplice de desventuras e aventuras; Lucienne, que inspira a dançar na chuva; Daley, moreno agridoce do Pará; Larissa Rodrigues, pela força entre tantos horrores; Eveline, pela abertura para o mundo; Renata, que me acolhe como num abraço com sua família toda; Valeska Maria, que me deixou nessa e saiu correndo, mas sempre acredita e me leva pro seu mundo; Sandra, companheira de estudos e de batalhas; Lucas, companheiro de vida e com quem este trabalho ganhou corpo antes de existir; Priscila, companheira de luta incansável; Robert, companheiro de mil e uma viagens ao centro de Marte.

Às amizades e formação que me atravessam desde as Pastorais da Juventude, Casa da Juventude e Trama, especialmente: Jaciara, Katiane, Jonair, Ghesley, Kássia, Flávio, Valkíria e Junio; às que me acolhem desde Jataí: Fernanda, Kamilla, Ana, Anne, Pablo e Aline.

A Nathália e Marcélio, com quem compartilho e enfrento destinos, e às sobrinhas e sobrinhos que fazem ter esperança.

À Flor da beira mar, Fábio, com quem, entre carinhos, divido sonhos e dores.

Aos diversos grupos de estudo e luta e às companhias de trabalho.

À Iara, Maíra, Kauane, Ubirajara e Jandir (*in memoriam*) por compartilharem suas histórias.

Às professoras Anita Cristina Azevedo Resende e Adriana Pereira Bernardes pela orientação deste trabalho.

Às professoras Cynthia Viana, Glacy Roure, Marília Miranda e Renata Soares por contribuírem com este trabalho.

À vidas aberrantes, que transformam a vida e criam condições para trabalhos como este por meio de suas experiências e invenções como a CAPES.

Resumo

CASSIMIRO, Hugo Leonnardo. **Socialização, diferença e destino: a experiência *Trans***. 2017. 114 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

Esta pesquisa de doutoramento, desenvolvida no *Programa de Pós-graduação em Educação*, na linha de pesquisa *Fundamentos dos processos educativos*, teve como objetivo compreender como as regulações sociais relacionadas à diferença sexual estão implicadas na experiência de pessoas *trans*, ou seja, interessa compreender a experiência *trans* pela mediação dos processos de socialização ou, antes dos processos educativos. A diferença sexual é objeto de interesse, debate e controle por parte de diferentes grupos, organizações e instituições ao longo da história e se inscreve no debate ente natureza e cultura. A relação do sujeito com a cultura, como desenvolvida a partir de Freud, e as determinações das condições de objetivação e subjetivação na realidade, como postulada por Marx, são basilares na orientação teórica dessa análise. Neste sentido, as pessoas *trans* incorporam traços regulados como característicos de grupos diferentes daquele ao qual foram endereçadas na relação com grupos, organizações e instituições – como a família, a escola, a religião, a ciência e o estado – e transformam traços da diferença sexual presente no corpo com o auxílio dos instrumentos culturais desenvolvidos pelas formas históricas do trabalho. Para desenvolver a pesquisa que se sintetiza nesse trabalho buscou-se compreender o processo de socialização do sujeito, a constituição histórica de modelos de regulação da diferença genital a partir de fontes bibliográficas e adotou-se a técnica de história de vida visando apreender o processo de constituição e socialização do sujeito a partir da história que o mesmo narra acerca de si. Cinco pessoas narraram suas histórias: duas mulheres transexuais, uma destas também intersexual; uma mulher travesti; e, dois homens transexuais. As narrativas foram organizadas a partir dos temas sobre os quais o sujeito falou, o que orientou a identificação das categorias que compõem a experiência narrada: diferença, destino e (trans)formação. A transformação das características físicas da diferença sexual inscritas no corpo é a dimensão mais aparente na experiência *trans*. Entretanto, a transformação incide também sobre os limites tanto quanto a aparatos investidos no corpo como roupas e acessórios como quanto ao modo de se expressar através do corpo, na voz, nos gestos ou nos movimentos. Tudo isso implica também enfrentar as regulações sociais que endereçam o sujeito a grupos determinados e estabelecem limites entre estes grupos e, principalmente, implicam a constituição de vínculos de identificação que admitam a diferença e auxiliem no enfrentamento da agressividade e na ruptura com os destinos culturalmente estabelecidos para a diferença sexual. O sujeito da experiência *trans* marca, assim, suas identificações no corpo pela incorporação de aparatos e transformação de partes do corpo.

Palavras-chave: Diferença sexual. Socialização. Pessoas *trans*.

Resumen

CASSIMIRO, Hugo Leonnardo. **Socialización, diferencia y destino: la experiencia Trans.** 2017. 114 f. Tesis (Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

Esta investigación de doctorado, desarrollada en el *Programa de Postgrado en Educación*, en la línea de investigación *Fundamentos de los Procesos Educativos*, tuvo como objetivo comprender cómo las regulaciones sociales relacionadas a la diferencia sexual están implicadas en la experiencia de personas *trans*, o sea, interesa comprender la experiencia *trans* por la mediación de los procesos de socialización o, antes, de los procesos educativos. La diferencia sexual es objeto de interés, debate y control por parte de diferentes grupos, organizaciones e instituciones a lo largo de la historia y se inscribe en el debate entre naturaleza y cultura. La relación del sujeto con la cultura, como desarrollada a partir de Freud, y las determinaciones de las condiciones de objetivación y subjetivación en la realidad, como postulada por Marx, son basilares en la orientación teórica de ese análisis. En este sentido, las personas *trans* incorporan rasgos regulados como característicos de grupos diferentes de aquel al que se dirigieron en la relación con grupos, organizaciones e instituciones - como la familia, la escuela, la religión, la ciencia y el estado - y transforman rasgos de la diferencia sexual en el cuerpo con el auxilio de los instrumentos culturales desarrollados por las formas históricas del trabajo. Para desarrollar la investigación que se sintetiza en ese trabajo se buscó comprender el proceso de socialización del sujeto, la constitución histórica de modelos de regulación de la diferencia genital a partir de fuentes bibliográficas y se adoptó la técnica de historia de vida visando aprehender el proceso de socialización, la constitución y la socialización del sujeto, a partir de la historia que el mismo narra acerca de sí. Cinco personas narraron sus historias: dos mujeres transexuales, una de ellas también intersexual; Una mujer travesti; Y dos hombres transexuales. Las narrativas fueron organizadas a partir de los temas sobre los cuales el sujeto habló, lo que orientó la identificación de las categorías que componen la experiencia narrada: diferencia, destino y (trans)formación. La transformación de las características físicas de la diferencia sexual inscrita en el cuerpo es la dimensión más aparente en la experiencia *trans*. Sin embargo, la transformación incide también sobre los límites tanto a los aparatos invertidos en el cuerpo como ropas y accesorios como en cuanto al modo de expresarse a través del cuerpo, en la voz, en los gestos o en los movimientos. Todo ello implica también enfrentar las regulaciones sociales que dirigen al sujeto a grupos determinados y establecen límites entre estos grupos y, principalmente, implican la constitución de vínculos de identificación que admitan la diferencia y auxilien en el enfrentamiento de la agresividad y en la ruptura con los destinos culturalmente establecidos para la diferencia sexual. El sujeto de la experiencia *trans* marca, así, sus identificaciones en el cuerpo por la incorporación de aparatos y transformación de partes del cuerpo.

Palabras clave: Diferencia sexual. Socialización. Personas *trans*.

A ciência contentou-se em estender a mão à teologia, – com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo ficavam à beira de uma revolução.

Machado de Assis, [1882], O Alienista.

Sumário

Agradecimentos	3
Resumo	4
Resumen	5
Introdução	8
Capítulo I – Diferença	16
1.1 Modelos de regulação da diferença sexual.	17
1.2 Experiências <i>trans</i> e a regulação da diferença sexual.	35
Capítulo II – Destino	38
2.1 A diferença sexual como destino	39
2.2 Educação para a regulação do destino	44
Capítulo III – (<i>Trans</i>)Formação	69
3.1 Cultura, transformação e a diferença sexual.....	69
3.2 Socialização, regulação, resistência e (<i>trans</i>)formação.....	76
3.3 Espaços de regulação e resistência	85
Breves considerações finais.....	105
Referências	111
Anexo I.....	114

Introdução

O interesse, debate e controle sobre a diferença sexual, aquela determinada pela condição biológica, vem de longe e se atualiza no presente. Os destinos dessa diferença são traçados também pelas formas e conteúdos estabelecidos por diferentes modelos culturais em particularidades sociais e históricas específicas. Entre mais, as religiões, a ciência, a família, a escola, os grupos e o estado disputam o endereçamento desses destinos que podem ser estabelecidos a partir da crença em determinações biológicas, divinas, naturais ou sociais.

Ao nascer, o sujeito, marcado pela diferença biológica da pertença a um sexo, é endereçado a um grupo – dos homens ou das mulheres– a partir da aparência dos órgãos genitais. Desde o início do processo de socialização, a família, já transversalizada por outros grupos e instituições, designa e (pré) destina a criança “pondo fim” à questão da identidade daquele que chega ao mundo: é um menino ou uma menina, é um homem ou é uma mulher. Desde aí, o sujeito é destinado a atividades, fins e objetos de investimento. Assim, modelos sustentados na diferença sexual biológica, ou diferença genital, comparecem desde o início na experiência do sujeito tentando estabelecer seu destino e seu lugar na vida social.

Essa destinação, contudo, poderá ser incorporada e experienciada pelo sujeito de diferentes formas. A identificação com o modelo de regulação da diferença correspondente à determinação biológica e aquela designação dada ao nascituro não esgota todas as possibilidades. Esses, que são designados cisgêneros e podem ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, correspondem ao padrão e estão dentro do estabelecido porque incorporam, com diferentes nuances, modelos do grupo ao qual foram endereçados: homens ou mulheres. Tal “problema” desenvolve-se com a existência de sujeitos cuja identificação com tais modelos se dá de forma diferente. Mas, qual é a destinação da diferença daqueles cujo corpo não pertence aos quadros biológicos estabelecidos, como intersexuais? Ou àqueles que incorporam aspectos do modelo atribuído a um grupo diferente daquele ao qual foi

destinado pela sua condição biológica, como travestis e transexuais? São muitos os caminhos e os percalços implicados nesse processo.

As tentativas de compreender e analisar teoricamente essas diferentes resoluções relativas à diferença sexual de diferentes sujeitos não são consensuais (JESUS, 2012; DUMARESQ, 2016). Sequer com relação ao termo *transgênero*, nomeando aqueles sujeitos que se identificam com o gênero que não corresponde à sua condição sexual/genital, há consenso. (JESUS, 2012). Sem reivindicar uma elaboração unitária e exclusiva, nesse trabalho, é adotado o termo *trans* para se referir a sujeitos que incorporam características atribuídas a um grupo de identidade sexual diferente daquele ao qual foi endereçado em razão de sua condição biológica-sexual desde o nascimento, que marcam essa experiência com radicalidade no próprio corpo, que se identificam e que reconhecem a si mesmos como travesti ou transexual¹.

No diálogo com a destinação social da diferença sexual, a questão que orientou o desenvolvimento desse trabalho pode ser sintetizada em compreender como as regulações sociais relacionadas à diferença sexual estão implicadas na experiência de pessoas *trans*. Ou seja, interessa compreender a experiência *trans* pela mediação dos processos de socialização ou, antes dos processos educativos. Afinal, é certo que as pessoas *trans* incorporam traços regulados como característicos de grupos diferentes daquele ao qual foram endereçadas na relação com grupos, organizações e instituições – como a família, a escola, a religião, a ciência e o estado – e transformam traços da diferença sexual presente no corpo com o auxílio dos instrumentos culturais desenvolvidos pelas formas históricas do trabalho.

A radicalidade da marca no corpo caracteriza as pessoas *trans*. Essa radicalidade incide sobre as fronteiras que demarcam grupos constituídos a partir das características corporais relacionadas à diferença sexual. Tais fronteiras, estabelecidas pela partição de lugares sociais, econômicos ou culturais entre homens e mulheres iniciaram ser questionadas desde o século XIX especialmente pelas feministas que “reivindicavam, entre outras coisas, poder votar (numa época em que só os homens votavam nas eleições), ter acesso à educação (ter o mesmo tempo de escolaridade dos meninos) e poder ter posses e bens (quando só homens podiam ser proprietários de uma casa, por exemplo)” (PISCITELLI, 2009, p. 126).

Questões relacionadas à forma como o corpo é educado para corresponder ao modelo de regulação da diferença sexual passaram a ser levantadas e desenvolvidas desde

¹ Uma das mulheres transexuais revelou, durante a entrevista, ser também intersexual. Ela foi identificada pela família como menino ao nascer pela presença de pênis, contudo, desenvolveu caracteres como mamas, se identificou como travesti na adolescência e descobriu, durante o tempo que morou na França, a intersexualidade. Ela se identifica como mulher transexual e fez intervenções no corpo.

a primeira metade do século XX a partir de diferentes aportes teóricos. Dentre tantos, é possível destacar os trabalhos de Simone de Beauvoir e Margareth Mead que apontavam, guardadas as diferenças entre ambas, para a formação de homens e mulheres e a variação entre o que se considerava atividades e aparatos relacionados a homens e mulheres em diferentes sociedades.

Na década de 1970, Gayle Rubin afirmou que um conjunto de arranjos, por ela chamado de *sistema sexo/gênero*, converteria a diferença sexual no corpo em produtos da atividade humana e as características biológicas em características de homens e mulheres (PISCITELLI, 2009). Assim, as fronteiras entre sexos definidas a partir da diferença biológica foram problematizadas quanto a aparatos e atividades divididos como característicos de cada grupo e indicadas como produtos de um processo social de regulação da diferença.

As pessoas *trans* são emblemáticas no questionamento das fronteiras entre grupos regulados a partir da diferença sexual assim como dos limites da diferença sexual no corpo. Para Berenice Bento,

A aproximação com a transexualidade e travestilidade é reveladora das convenções sociais sobre a masculinidade e a feminilidade. Diariamente profissionais da saúde, juízes/as, advogados/as, professores/as, parlamentares, amigos/as e familiares são instados a se posicionar e encontrar sentidos para as demandas de pessoas que reivindicam o pertencimento ao gênero distinto daquele que lhes foi imposto (2008, p. 549).

Assim, as pessoas *trans* põem em questão as fronteiras reguladas como características masculinas ou femininas sustentadas nas características corporais da diferença sexual. Ao mesmo tempo, a experiência destas pessoas é mediada por esses modelos de regulação. E é nesse sentido que se busca compreender tais mediações no processo de socialização do sujeito.

Esse trabalho se orienta pela perspectiva cultural da psicanálise freudiana quanto à constituição do sujeito na sua relação com a cultura. É dessa perspectiva que se compreende que a diferença sexual é regulada social e culturalmente por meio de modelos que implicam a destinação dessa diferença e, especialmente, incidem sobre os fins sexuais, os objetos de atração e as características que identificam sujeitos em grupos. Se orienta também pela noção de trabalho, enquanto objetivação de si e subjetivação da realidade, especialmente em Marx como constituinte das formas históricas da cultura e dos limites e

possibilidades de constituição e apropriação de objetos e aparatos culturais na relação com a natureza.

A constituição do sujeito está relacionada a um processo cultural/educativo no qual está em causa a internalização da cultura, do outro, pelo sujeito (FREUD, 2010) e é transversalizado pela relação do sujeito com grupos, organizações e instituições (ADORNO e HORKHEIMER, 1973). Assim, pode-se postular que a “resolução” da diferença sexual coloca em pauta a relação entre natureza e cultura; que histórica e culturalmente são oferecidos modelos de regulação dessa relação; e, ainda, que o modelo hegemônico estabelece fins, objetos de atração e aparatos de investimento no corpo.

Esse modelo regula a diferença genital e seus vínculos, estabelecendo um padrão para homens e mulheres. De maneira particular, a partir dos séculos XVIII e XIX esse modelo, especialmente via interpretação científica da sexologia, estabeleceu a radical diferença entre estes dois grupos ao mesmo tempo em que instituía a noção de complementariedade entre ambos, justificava a reprodução e a heterossexualidade como destino natural de todos os indivíduos e estabelecia critérios de normalidade e anormalidade (LAQUEUR, 2001). Tal regulação, desde já, implicava a conversão da diferença em desigualdade ao postular e justificar o domínio dos homens identificados com o modelo de masculino hegemônico.

A transformação do corpo se inscreve na ordem da história e é condição da espécie humana. Ao apropriarmos da materialidade externa, transformamos a materialidade interna, o corpo, e estas modificações possibilitam novas apropriações. Contudo, as transformações sobre o corpo tornaram-se objeto de regulação cultural. As vestimentas demarcam rituais, estados, posição social; os gestos indicam pertença a grupos; a forma dos músculos, a textura da pele, os odores indicam, por exemplo, as atividades às quais um corpo está relacionado; a cor da pele e os formatos da face se transformam em objeto de preconceito e violência. Assim também ocorre com as regulações sobre a diferença genital.

Para desenvolver a pesquisa que se sintetiza nesse trabalho buscou-se compreender o processo de socialização do sujeito, a constituição histórica de modelos de regulação da diferença genital a partir de fontes bibliográficas e adotou-se a técnica de história de vida visando apreender o processo de constituição e socialização do sujeito a partir da história que o mesmo conta acerca de si.

A história de vida narrada pelo próprio sujeito produz a imagem que este tem de si, de sua história, de sua experiência, de como se constituiu. Paulilo (1999), revisa pesquisas

com história de vida a partir das quais afirma que com essa metodologia é possível apreender a cultura pelo lado de dentro, aquilo que o sujeito internalizou da cultura. E o faz pelo livre fruir do discurso do próprio sujeito por meio do qual a narração dá ensejo às vivências singulares profundamente entranhadas no social (PAULILO, 1999).

Para Paulilo (1999),

Através da história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se a evocações passadas. Podemos, assim, dizer, que a vida olhada de forma retrospectiva faculta uma visão total de seu conjunto, e que é o tempo presente que torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado (p. 140-141).

A escolha da metodologia da história de vida se justifica, portanto, por ser a técnica de pesquisa mais próxima da narrativa da constituição do sujeito por ele mesmo, possibilitando, nesse processo, perceber os objetos aos quais sua história está relacionada. A história de vida supõe o mínimo de interferência na narrativa do sujeito e a aprovação da versão final pelo mesmo após o processo de entrevista prolongada, ou seja, um conjunto de entrevistas ao longo das quais o entrevistado narra sua vida (BOSI, 2003).

Cinco pessoas *trans* foram convidadas a participarem da pesquisa. Duas mulheres transexuais, uma mulher travesti e dois homens transexuais. Dois critérios foram adotados para tal: se identificarem como pessoas *trans* e terem efetuado alguma transformação corporal. Uma das mulheres transexuais revelou durante a entrevista ser também intersexual. Estas cinco pessoas receberam nomes de origem indígena comum no Brasil: Iara, Maíra, Kauane, Ubirajara e Jandir.

Iara se identifica como mulher transexual. A partir de suas características sexuais ao nascer, foi designada como homem. Ela cresceu com a família na zona rural em uma propriedade da própria família na floresta Amazônica e se mudou de lá aos 15 anos para ingressar na vida religiosa. No período em que viveu essa experiência ela se confrontou com as questões que a levaram a iniciar o processo de transformação e entrar no projeto que atende transexuais no Hospital das Clínicas da UFG. Ela é professora.

Maíra se identifica como mulher transexual e é também intersexual. Foi designada como homem ao nascer. Cresceu com a família na zona rural em uma propriedade no interior do estado de Goiás. Enfrentou violência e preconceito na vida escolar por seus traços associados a traços físicos designados como femininos. Foi considerada um menino afeminado. Traços da intersexualidade como o surgimento de mamas intensificaram esse processo. Começou a se travestir na adolescência e enfrentou agressões por parte da

família que a fizeram se mudar para a França. No período em que esteve neste país, descobriu sua intersexualidade e iniciou as transformações corporais. Voltou para o Brasil e está se formando para ser professora.

Kauane se identifica como mulher travesti. Foi designada como homem ao nascer. Nasceu e cresceu em Goiânia. Sofreu violência e preconceito na escola e tinha de esconder seus interesses e características da família. Na adolescência começou a trabalhar como cabelereira e conheceu as travestis da Av. Paranaíba no Centro da capital. Com elas, aprendeu como fazer as transformações corporais e como trabalhar na rua fazendo programa. Começou a tomar hormônio nesse período, orientada pelas amigas travestis. Trabalhou na Suíça, onde fez o implante mamário. Voltou após alguns anos com patrimônio acumulado e vive em Goiânia próxima à família.

Ubirajara se identifica como homem transexual. Foi designado como mulher ao nascer. Sofreu preconceito e violência na escola por se interessar por meninas e por apresentar traços que colegas e profissionais consideravam masculinos. Nasceu em Goiânia e morou em diversas cidades do país. Na adolescência, juntamente com a família, voltou a morar em Goiânia. Cursava graduação para ser professor quando rompeu com a família e foi morar com amigos. Adotou roupas masculinas, fez hormonização e retirada das mamas.

Jandir se identifica como homem transexual. Foi designado como mulher ao nascer. Sofreu pressão da família durante a infância e a adolescência para que não se parecesse menino. Descobriu as possibilidades de transformação corporal aos 29 anos através da esposa com quem viveu por cerca de dez anos. Iniciou o processo de transexualização. Foi aposentado por problemas de saúde.

A partir do detalhamento dessas cinco histórias, foram identificados alguns processos comuns que foram organizados nos seguintes eixos para análise: diferença, destino e transformação; processos de socialização; e, de isolamento e enfrentamento. Transcritas as narrativas, uma primeira leitura foi feita orientada pela técnica da transcrição sequencial (SPINK, 2010). Buscou-se identificar os temas aos quais cada indivíduo se reportava ao contar sua história. Nesse sentido, a noção de enunciado em Bakhtin (1997) orientou a identificação dos temas. Segundo o autor o enunciado é uma unidade da comunicação verbal.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições

específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Um enunciado caracteriza-se por possuir fronteiras que demarcam uma narrativa. A primeira delas é a entre os sujeitos participantes. Um enunciado termina e se inicia no intercâmbio entre seus sujeitos. A segunda, remete ao acabamento do enunciado que lhe dá totalidade. Esta última é composta “[...] por três fatores indissociavelmente ligados no todo orgânico do enunciado: 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento” (BAKHTIN, 1997, p. 300).

Nesse sentido, ao serem solicitados a narrarem suas histórias os sujeitos passaram a remeter-se a objetos/temas vinculados a essas histórias. A primeira leitura via transcrição sequencial buscou identificar esses temas conforme apareciam. Num segundo momento esses temas foram agrupados por proximidade possibilitando perceber alguns conjuntos. Os cinco indivíduos remeteram-se a processos e grupos/instituições pelos quais passaram ou aos quais se vincularam, respectivamente. Dentre os processos destacam-se a transformação do corpo, a transexualização; o reconhecimento pelo próprio sujeito de suas identificações, bem como pelos grupos aos quais está vinculado, estando presente neste a popularmente conhecida “saída do armário”, momento no qual o sujeito assume publicamente a destinação que faz da diferença; e, o isolamento implicado nesses processos, seja pelo silenciamento ou pela violência direta. Quanto aos grupos e instituições, destacam-se a família e a escola com maior expressão entre diversos outros grupos e instituições.

Para expor o resultado da pesquisa, esse trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta as formas históricas de regulação da diferença. Fins sexuais, objetos de atração e aparatos de investimento no corpo comparecem regulados por modelos a partir das características corporais relacionadas à diferença genital e são perpassados pelo debate entre natureza e cultura que se tornou hegemônico sobre o tema entre os séculos XVIII e XIX (LAQUEUR, 2001; DABHOIWALA, 2015). Esses modelos estabelecem

limites à apropriação de aparatos de investimento no corpo e definam fronteiras entre grupos.

O Segundo capítulo trata da forma pela qual esses modelos são transmitidos ao sujeito. Os modelos são transmitidos no processo de socialização mediado pela relação do sujeito com grupos, organizações e instituições (ADORNO e HORKHEIMER, 1973) como um destino determinado pela diferença genital. A noção de destino remete a limites e possibilidades do sujeito estabelecidas por forças sobre as quais ele não tem controle (SOUZA, 1999). A socialização é atravessada por violência, preconceito e isolamento no qual se destacam a relação do sujeito com a família e a escola e se estende a outros grupos.

O terceiro trata da apropriação do sujeito sobre a diferença sexual, os processos de transformação pelos quais o sujeito incorpora os traços regulados como pertencentes ao grupo dos homens ou das mulheres e transforma os traços da diferença genital amparados pelos desenvolvimentos históricos do trabalho na forma de conhecimentos e procedimentos que permitem a manipulação das características genitais. Aquela apropriação relaciona-se com as transformações na vida cultural que implica transformações internas e externas ao sujeito (FREUD, 2010). Dentre estas as constituídas pelo trabalho (RESENDE, 2009).

A transcrição integral das entrevistas segue, nesse trabalho, como anexo I, em mídia digital.

Capítulo I – Diferença

A diferença genital é objeto de regulação social e cultural. No processo de socialização, de educação, modelos historicamente constituídos de destinação dessa diferença são, pela mediação de grupos, organizações e instituições diversos, reportados aos indivíduos, aos quais se endereçam fins, meios e objetos de “resolução” daquela diferença. Esses modelos dominantes estabelecem um destino exclusivo para a diferença; interditam identificações que não as prescritas; ocultam a intersexualidade; firmam fronteiras entre a normalidade e a patologia; afirmam a legitimidade de objetos de identificação sexual; destinam a diferença ao fim reprodutivo; e, entre mais, legitimam a exclusão daqueles que não se enquadram na regulação estabelecida. Nesse compasso e contrapasso também a resistência e a recriação do modelo ofertado se constituem na experiência concreta de sujeitos concretos, que poderão ser tomados como aberrações ou desviantes e, enquanto tais, serem julgados e “merecerem” ser excluídos, discriminados, agredidos e violentados.

A diferença sexual ou genital está aqui circunscrita à anatomia, às partes do corpo humano, às características corporais relacionadas ao sistema reprodutor. Características que são reguladas como “indícios” no corpo de que o indivíduo “pertence” ao grupo dos homens ou das mulheres. Partes no corpo que são divididos entre dois tipos. Ovários, pênis, clitóris, mamas, vagina, por exemplo, utilizados para designar um indivíduo como menino-menina ao nascer. Entretanto, “se uma criança nasce com dois cromossomos X, ovários, um útero na parte de dentro, mas com um pênis e uma bolsa escrotal na parte de fora, por exemplo, é um menino ou uma menina?” (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 20).

Assim, a diferença genital tem sido objeto de regulação e controle social em particularidades históricas específicas. Seja pela via da religião ou da ciência, essa diferença tem sido objeto de um debate que vem de longe. Desde a antiguidade até o período de transformações culturais pelo qual passou a Europa na modernidade, a questão está em pauta e muitos são seus fundamentos. Do predomínio das noções religiosas nas

quais a regulação da diferença é dada pela revelação do desejo divino, até as postulações referendadas em procedimentos racionais que constituíram a ciência moderna, está em pauta o desafio de dar destino social e cultural à diferença genital a partir do impasse acerca de sua gênese biológica e sua significação social. A questão da relação entre a ordem do que seja natural ou social se atualiza de maneiras diferentes em tempos diferentes e se recria na consideração da relação entre indivíduo e sociedade, sujeito e cultura, normal e patológico, incluídos e excluídos, entre mais. Assim, a diferença genital permanece como objeto de interesse contemporâneo e sua consideração coloca em pauta tanto a relação entre natureza e história quanto as determinações implicadas nos percalços dos processos de identificação e constituição do sujeito na sociedade atual. Porque, afinal, se aquela diferença está submetida a modelos de regulação social também é na mesma sociedade que se estabelecem os modelos e que a resistência e as novas formas de subjetivação serão constituídas. A transexualidade e a travestilidade são emblemas disso e a experiência *trans* sintetiza e revela os caminhos e descaminhos do processo de socialização de sujeitos reais tributários, ainda hoje, de uma história que vem de longe.

1.1 Modelos de regulação da diferença sexual.

Desde a antiguidade, formas religiosas de conceber a diferença sexual estão transversalizadas na cultura em geral. As religiões monoteístas constituíram modelos que se tornaram referência até o surgimento da ciência moderna e que permanecem como tal para parcela da população. Naquelas está presente o controle sobre as práticas e os prazeres relacionados à diferença genital, bem como sobre as fronteiras entre grupos e o endereçamento dela à reprodução em relações monogâmicas (DABHOIWALA, 2013).

Outra forma de pensar a diferença sexual atravessou escritos filosóficos, teológicos e experimentais desde a Grécia antiga. O modelo baseado na ideia de calor vital, elaborado por Galeno na Grécia antiga, reconhecia apenas gradações do mesmo que respondiam pela existência de homens e mulheres.

Durante milhares de anos acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens, só que – como dizia Nemesius, bispo de Emesa, do século IV – ‘a delas fica dentro do corpo e não fora’. Galeno, que no século II d.C. desenvolveu o mais poderoso e exuberante modelo da identidade estrutural, mas não espacial, dos órgãos reprodutivos do homem e da mulher, demonstrava com detalhes que as mulheres eram essencialmente homens, nos quais uma falta de calor vital – de perfeição – resultara na retenção interna das estruturas que no homem são visíveis na parte externa (LAQUEUR, 2001, p. 16).

O modelo galeano atravessou as noções sobre a diferença genital desde a antiguidade ocidental até a modernidade. As transformações ocorridas na Europa, marcadamente a partir do século XVI, implicaram noções e regulações da diferença genital em outros termos. No interior do cristianismo os movimentos reformistas tensionaram com a ordem religiosa católica.

A diferença mais importante entre a atitude católica e a protestante em relação ao sexo era a aspiração protestante à perfeição. A visão católica tradicional era de que os desejos carnis eram repreensíveis, mas inevitáveis: refreá-los totalmente talvez fosse impossível, ou contraproducente. Sendo assim, a imposição da disciplina sexual era compensada por certa tolerância à prostituição organizada e ao concubinato entre o clero. Em contrapartida, a tendência protestante era acreditar que a incastidade podia de fato ser abolida do mundo, ou pelo menos que os cristãos tinham o dever de erradicá-la o mais completamente possível (DABHOIWALA, 2013, p. 69).

Os conflitos, que se seguiram à onda de reformas que atravessou a Europa, colocaram em pauta a questão da liberdade religiosa e em seu encaixe a liberdade moral. O tema foi tratado em termos de liberdade individual por pensadores iluministas e se tornou recorrente nas disputas políticas. Associado a isso, a concentração de pessoas nas cidades criou dificuldades à disciplina moral e sexual pretendida de diferentes formas por religiosos católicos e protestantes (DABHOIWALA, 2013). Na Inglaterra, o Ato de Tolerância proclamado após a revolução de 1689, representou uma tentativa de estabilidade política na qual a noção de liberdade de consciência ganhou terreno influenciando nas regulações sobre a diferença genital.

Isto não aconteceu porque os argumentos intelectuais a favor da tolerância se tivessem tornado amplamente aceitos. Pelo contrário, a maior parte da opinião dominante continuava sendo crítica à ideia. A nova lei foi proposta apenas como uma concessão política limitada, feita a contragosto após a Revolução de 1689 ter deposto Jaime II, e com a intenção de ganhar o apoio dos dissidentes religiosos para o novo regime, não como uma política desejável em si. (Na verdade, muitos membros da Igreja rapidamente vieram a se arrepender da aprovação do ato, e trabalharam para que fosse revogado). No entanto, na prática, ele logo estabeleceu uma liberdade de consciência mais ou menos completa, ao menos para homens e mulheres nominalmente protestantes. Ele também possibilitou que pessoas simplesmente evitassem o culto de um modo geral, apesar do texto da lei. Acima de tudo a instauração da tolerância ajudou a enfraquecer o pressuposto de que a pluralidade em questões de fé inevitavelmente gerava desordem social. Embora as divisões religiosas e políticas após a Revolução Gloriosa continuassem ferrenhas, tornou-se cada vez mais comum enfatizar que a divergência de discurso e de crença era inevitável, e que as leis deviam reger apenas ações, e não pensamentos. A vida pública inglesa, portanto, passou a ser caracterizada

por uma diversidade de opinião e expressão sem precedentes (DABHOIWALA, 2013, p. 135).

A ideia de liberdade de crença baseada na de consciência resvalou na liberdade sexual. Tal ideia colocou em relevo, nos debates teológicos e filosóficos dos primórdios do Iluminismo, questões como “a natureza da verdade e como alcançar a certeza dela, sobre a posição da Bíblia, e sobre os fundamentos corretos da autoridade civil e ética. Destes debates surgiram, vindas de diversas direções, novas ideias que punham em dúvida a proibição generalizada da incastidade” (DABHOIWALA, 2013, p. 148).

O critério para a definição da disciplina sexual passa, assim, para a argumentação racional sob influência dos debates iluministas.

No século XVIII [...] houve diversas tentativas de provar que a monogamia e a castidade eram preceituadas pela razão e pela natureza. Agora, no entanto, a maior parte dos teólogos e filósofos tentava fazer isso de forma mais objetiva, primeiro definindo e, só então, referindo-se a conceitos supostamente universais como justiça, benevolência e verdade (DABHOIWALA, 2013, p. 156).

Nesse sentido, pensadores como Bernard Mandeville se dedicaram a tratar a disciplina sexual relacionando-a a outros aspectos sociais como a diferença entre vida privada e pública e a implicação de tal disciplina em questões econômicas. O ascetismo religioso que pretendia pureza sexual foi atacado em termos de separação entre público e privado, bem como quanto aos interesses econômicos que implicava.

Assim como no comércio e na indústria, também era nas questões sexuais: ascetismo, temperança e outras virtudes convencionais eram contraproducentes. Na verdade, os seres humanos eram impelidos por paixões egoístas, e era o correto gerenciamento, e não a repressão destas paixões, que gerava os resultados mais socialmente desejáveis. Num mesmo golpe, ele [Mandeville] questionou a maior parte das justificativas ainda remanescentes para o policiamento sexual (DABHOIWALA, 2013, p. 177).

A diferença sexual e sua disciplina passaram assim ao campo dos debates públicos e fundados em pressupostos racionais. No entanto, “a ideia de permissividade carnal era incessantemente deplorada e atacada, e a maioria dos homens e mulheres continuava a respeitar os ideais da disciplina sexual (DABHOIWALA, 2013, p. 183). As ideias surgidas desse debate orientado na liberdade individual de consciência restringiam-se, mesmo entre grupos libertinos e libertários, à defesa da liberdade sexual como atividade natural e saldável em relações heterossexuais (DABHOIWALA, 2013).

Embora a ideia de liberdade carnal fosse articulada em todos os níveis da sociedade, e uniões livres de diversos tipos fossem encontradas em

muitas comunidades operárias do fim do século XVIII e de todo o XIX, sua justificação racional era principalmente associada à alta e baixa nobreza. Por contraste, o decoro sexual era muitas vezes apresentado como traço distintivo da respeitabilidade da classe média. De modo semelhante, tornou-se um consenso nos círculos instruídos que a moral das classes trabalhadoras era uma questão pública, porque a força e a prosperidade geral da nação dependiam diretamente dela, e porque os nascimentos ilegítimos entre os pobres eram um fardo para os impostos e recursos da paróquia (DABHOIWALA, 2013, p. 185).

A liberdade sexual, entretanto, era restrita também, e por argumentos racionais, ao homem heterossexual.

Sua franca extensão às mulheres esteve intimamente relacionada à ascensão do feminismo e outras ideologias de igualdade social. Esta conexão não foi imediata. A maioria dos primeiros feministas e seus partidários, deplorando a ascensão da liberdade masculina, acreditava que as mulheres eram o sexo mais casto, e aspiravam a melhorar o autocontrole masculino, não a conceder às mulheres a mesma licenciosidade que os homens (DABHOIWALA, 2013, p. 191).

A aglutinação nas grandes cidades inglesas desde o século XVIII possibilitou a formação de grupos que, assim como as feministas, passaram a reivindicar as ideias de liberdade sexual. Dessa forma, o ambiente pluralista no qual a liberdade sexual dos homens heterossexuais ganhava terreno, passou a cena de debates sobre a extensão dessa liberdade tanto às mulheres quanto aos então chamados sodomitas, entre os quais figuravam grupos de travestis. Nesses casos, contudo, os argumentos se concentraram na definição do que era natural e antinatural relacionado à diferença sexual (DABHOIWALA, 2013).

Assim, a questão da diferença genital deixa de ser pautada imediata e exclusivamente a partir dos fundamentos religiosos para ser tomada a partir dos processos de transformação cultural que estavam em curso na Europa, especialmente no que concerne às fronteiras entre o que é público e privado.

O sexo foi também um importante campo de batalha da Revolução Francesa: ‘uma contestação entre homem e mulher, onde a criação revolucionária da classe média de cultura política validava a cultura política dos homens e culpava a das mulheres’. Por mais que muitas linhas de classe fossem obscurecidas, ‘a linha entre homens e mulheres tinha a todo custo de tornar-se visível’. As promessas da Revolução Francesa – que a humanidade em todas as suas relações sociais e culturais podia ser renovadas – fizeram surgir não só um feminismo novo e genuíno como também um novo tipo de antifeminismo, um novo medo das mulheres, e fronteiras políticas que criaram fronteiras sexuais. A criação de uma esfera pública burguesa, em outras palavras, levantou com violência a questão de qual sexo(s) deveria ocupa-la legitimamente. E em todo lugar a biologia entrava no discurso. Obviamente, os que se

opunham a um crescente poder civil e privado das mulheres – na grande maioria homens articulados – criaram a evidência da inadequação física e mental das mulheres para esses avanços: seus corpos não eram adequados aos espaços químicos que a revolução abria inadvertidamente (LAQUEUR, 2001, p. 242).

Nesse processo, os fundamentos da diferença sexual “eram mais comumente buscados em teorias antropológicas e históricas sobre a evolução e o propósito das relações sexuais e sociais e em fatos biológicos supostamente indisputáveis sobre as diferenças mentais e corporais entre os sexos (DABHOIWALA, 2013, p. 349). O surgimento das ciências biológicas reestabeleceu o debate sobre a diferença deslocando-o do modelo galeano de sexo único e hierárquico fundado na ideia de gradações do calor vital na determinação dos órgãos genitais para a ideia de sexo incomensurável, radicalmente diferente e complementar (LAQUEUR, 2001).

Por volta de 1800 todos os escritores determinaram-se a basear o que insistiam ser as diferenças fundamentais entre os sexos masculino e feminino, entre o homem e a mulher, em distinções biológicas constatáveis e expressá-las em uma retórica radicalmente diferente. Em 1803, por exemplo, Jacques-Louis Moreau, um dos fundadores da ‘antropologia moral’, argumentou apaixonadamente contra a bobagem escrita por Aristóteles, Galeno e seus seguidores modernos sobre o assunto das mulheres com relação aos homens. Não só os sexos são diferentes, como são diferentes em todo aspecto concebível do corpo e da alma, em todo aspecto físico e moral. Para o médico ou o naturalista, a relação da mulher para o homem é ‘uma série de oposições e contrastes’ (LAQUEUR, 2001, p. 17).

Nos oitocentos, as ciências em desenvolvimento se ocuparam da questão e, com o auxílio de novos instrumentos, vasculharam o corpo biológico em busca de explicações. Desse processo surge a noção chamada por Laqueur (2001) de sexo incomensurável. A anatomia dos genitais deixou de ser vista como espelhamento uma da outra e passou a radicalmente diferente e complementar. As “verdades da biologia” foram consideradas como referência das “características determinantes de sexo” (LAQUEUR, 2001, p. 241). A noção de dimorfismo sexual tomado como normal constituiu-se sustentáculo da ideia de sexo incomensurável (LAQUEUR, 2001).

A ideia de diferença radical e complementar da anatomia à moral havia, contudo, sido estabelecida antes na filosofia desenvolvida durante o movimento iluminista. Rousseau dedicou o capítulo quinto de seu livro sobre a educação, o *Emílio*, à educação que a menina deveria receber.

[...] esse capítulo é um catálogo de diferenças físicas e conseqüentemente morais entre os sexos; as diferenças físicas, diz Rousseau, ‘nos levam,

sem pensar, às diferenças morais'. Portanto, 'uma mulher perfeita e um homem perfeito não devem se parecer mais em espírito que no físico'. Das diferenças de cada sexo à sua união resulta que 'um deve ser ativo e forte, e o outro passivo e fraco' (LAQUEUR, 2001, p. 247).

Os procedimentos racionais que foram evocados no debate que minou a disciplina sexual fundada na moral religiosa foram, ambivalentemente, evocados na reordenação social no momento seguinte às revoluções. O ideal de homem e mulher foi estabelecido tendo como referente as investigações sobre as distinções nos organismos biológicos, fundamentalmente, na diferença reprodutiva.

As demandas políticas imediatas para a criação de sexos biologicamente distintos e o papel específico da ciência nesse empreendimento são especificamente claros no final do século XIX. A médica Elizabeth Blackwell, na sua construção de sexualidade da mulher mentalmente dominada, escreveu como profissional: 'ao resguardarem as faculdades humanas' e ao promoverem 'o crescimento gradual do pensamento, que leva a formas mais altas da sociedade', o médico e a médica 'prestam uma ajuda muito importante'. A fisiologia era importante porque ela acreditava que o progresso cultural, o crescente comportamento moral, era impresso na carne das sucessivas gerações da mesma forma que os hábitos individuais tornavam-se uma segunda natureza do corpo. Os animais, argumentava ela, não têm componente mental nas relações sexuais; os povos primitivos e as classes operárias têm relativamente pouco e não são castos; os povos civilizados têm um componente mental dominante e por isso valorizam muito a castidade (LAQUEUR, 2001, p. 252).

O controle racional sobre a diferença sexual, os prazeres, a sexualidade comparecem, nesse momento, como ideal civilizador de um grupo, distintivo em relação a outros grupos. Homens e mulheres civilizados poderiam ser reconhecidos pelo controle sobre a sexualidade e pelo destino bem traçado entre ambos, cada qual se ocupando de atividades distintas e importantes para o progresso civilizacional. Dentre as qualidades mais elevadas que eram esperadas das mulheres, estava a vanguarda moral em questões de sexualidade. Os homens eram capazes de castidade se dominassem racionalmente os prazeres, mas às mulheres era incumbida a tarefa de ir à frente. A noção de maternidade como um sentimento puro que daria certas aptidões morais às mulheres lhes daria também aptidões morais para encaminharem a civilização rumo à regeneração sexual (LAQUEUR, 2001).

Num nível básico, as atitudes após 1800 evoluíram de duas maneiras contrastantes. Por um lado constatamos que continuava existindo um controle social, talvez até mais rígido, sobre diversas formas de comportamento sexual. Embora a máquina da punição pública tenha sido em grande medida abandonada, seus ideais não foram. Em parte, como vimos, isto era inerente às novas formas de pensamento iluministas, que

não descartavam a distinção entre o sexo permissível e o impermissível, mas apenas a redefiniam. No século XVIII, o crescimento da liberdade sexual ‘natural’ para homens heterossexuais de classe média e alta andava de mãos dadas com a interdição mais acentuada dos comportamentos definidos como ‘antinaturais’ ou socialmente objetáveis. No século XIX, conforme os modos científicos de descrever a sexualidade foram investidos de uma autoridade recém-descoberta, eles também foram usados principalmente para defender a indesejabilidade da lascívia feminina, do comportamento homossexual, ou da licenciosidade sexual entre as classes mais baixas. Ideais semelhantes de ‘pureza social’ foram centrais para o feminismo e outras ideologias progressistas até um momento bem avançado do século XX. Os modos de pensar modernos não necessariamente levavam a uma liberdade maior, ou pelo menos não para todos (DABHOIWALA, 2013, p. 546).

A disciplina sexual, portanto, muda de fundamentação no processo de transformação pelo qual passou a Europa entre os séculos XVI e XIX. O ímpeto racional associado às transformações culturais pelas quais o continente passou nesse período se tornou instrumento auxiliar na recomposição de ideais de pureza e complementariedade sexuais úteis na reordenação social. Nesse sentido, os fundamentos do debate sobre a cultura e a diferença sexual mudaram, de argumentos sustentados na revelação religiosa, para aquilo que “parecia intrinsecamente ‘razoável’ ou ‘natural’” (DABHOIWALA, 2013, p. 154). As investigações, portanto, se reorientaram a partir da noção de Lei Natural, advinda dos debates do século XVII, sobre o estado de natureza e se associavam à preocupação dos estados com temas como o controle e crescimento populacional, orientações que, associadas à disciplina sexual, se estenderam pelos séculos XVIII, XIX e XX, e implicaram classificação e perseguição a grupos cujas práticas foram consideradas antinaturais (DABHOIWALA, 2013).

Na raiz deste anseio coletivo dos séculos XIX e XX de restringir práticas sexuais supostamente antinaturais estava uma importante mudança no modo como este comportamento era concebido. Mais que atos pecaminosos, estas práticas tendiam cada vez mais a ser vistas como marcas de desvios de personalidade, cujas origens (fossem na natureza ou na criação) agora se tornavam o foco de um intenso debate. A tipologia de comportamentos ‘naturais’ e ‘antinaturais’ passou, portanto, a ser mapeada numa patologia medicalizada de tipos de personalidade – o ‘invertido’ homossexual, o ‘ninfomaniaco’, a ‘mulher criminosa’, e assim por diante. Como já vimos, esta abordagem tinha origem no desejo iluminista de entender a natureza humana de novas maneiras científicas; mas tornou-se progressivamente mais elaborada e poderosa nos séculos seguintes, conforme a medicina e a biologia passaram, cada vez mais, a deter a autoridade determinante do que era sexual e socialmente ‘natural’ (DABHOIWALA, 2013, p. 557).

Esse programa de compreender a natureza humana de maneira científica marcou uma mudança na autoridade da determinação dos destinos da diferença sexual e, por conseguinte, nos meios dessa determinação. Partes no corpo foram requeridos para regular relações, estabelecer grupos e destinos da diferença sexual. Este processo desdobrou-se na psiquiatria na segunda metade dos oitocentos na forma do diagnóstico.

A essa época, a maioria dos psiquiatras atuavam em asilos, onde os pacientes eram mantidos como em cativéis, sem perspectivas de tratamento efetivo. Os psiquiatras eram considerados pelas outras especialidades médicas um pouco mais que ‘tutores’, não merecendo ser chamados médicos (PAOLIELLO, 2013, p. 32).

Uma reforma psiquiátrica foi proposta, na segunda metade século XIX, por Wilhelm Griesinger baseando-se na constatação de que os pacientes sofriam de transtornos dos nervos e do cérebro de forma que “a partir de diretrizes diagnósticas precisas, ao invés de cuidadores observando pacientes, os psiquiatras se tornariam médicos tratando de doenças do cérebro” (PAOLIELLO, 2013, p. 32).

Na segunda metade do mesmo século o debate sobre a diferença sexual e suas manifestações seguiu se pautando por criação e substituição de nomenclaturas que buscavam descreve-la. Em 1969 Karl-Maria Kertbeny cunhou o termo homossexual em substituição à pederasta e Karl Ulrich, na mesma década, publicou uma série de sete panfletos “afirmando que o amor de um homem por outro é tão natural quanto o de um homem por uma mulher, criando o termo ‘uranismo’, para designar esse sentimento que, segundo ele, equivaleria a uma ‘alma de mulher em corpo de homem’ e vice-versa” (PAOLIELLO, 2013, p. 33). Essa proposição intentava provocar o debate sobre a criminalização das práticas sexuais consideradas abominações ou desvios e foi seguida do primeiro estudo médico, empreendido por Karl Westphal, sobre casos de um homem e uma mulher que se atraíam por pessoas do mesmo sexo.

Dentro do espírito da época de se criarem novos diagnósticos e classificações, Westphal desenvolveu um novo diagnóstico, o ‘*conträre sexuellempfindung*’ (sentimento sexual contrário), considerando esse sentimento congênito e não um costume contra a natureza, e criticando as leis contra as práticas homossexuais (PAOLIELLO, 2013, p. 33, grifos da autora).

O termo foi traduzido para o inglês como “inversão sexual” e permaneceu sendo usado em traduções e descrições das homossexualidades (PAOLIELLO, 2013). A noção de inversão passou por transformações no decorrer da institucionalização da psiquiatria e dos estudos da sexologia.

Em 1883, o psiquiatra alemão E. Kraepelin, considerado o fundador da Psiquiatria moderna, lançou a primeira edição de seu *Tratado de Psiquiatria*, descrevendo o ‘*conträre sexuellempfindung*’ entre os ‘estados de fraqueza psicopatológica’. Nas sete edições seguintes, há transferências da homossexualidade para várias outras categorias nosológicas: na segunda edição, em 1887, é situada como ‘desenvolvimento sexual anormal’; na quinta edição, em 1896, apareceu como ‘insanidade degenerativa’; enquanto nas sétima e oitava edições (1900/1915), foi descrita como ‘condição mental de constituição original’ (PAOLIELLO, 2013, p. 34).

Em fins do XIX um novo campo científico é criado e implicou considerações acerca da diferença sexual: a sexologia. Contando com saberes médicos e biológicos, deu ensejo à consideração da sexualidade “a partir da noção de instinto [que] reduzia o sujeito a um padrão fixo de comportamento e classificava como perversa toda e qualquer conduta sexual que não conduzisse à preservação da espécie” (MARQUES, 2013, p. 59). E inscreveu como ciência uma concepção naturalizante da sexualidade.

Em 1892, o professor Richard Von Krafft-Ebing, presidente da *Sociedade de Neurologia e Psiquiatria de Viena* e considerado o fundador da ‘sexologia’, apresentou sua *Psychopathia Sexualis*, cunhando os termos ‘sadismo’ e ‘masoquismo’ e descrevendo-os como uma ‘sujeição sexual’ [obra em que também] adotou o termo ‘homossexual’, cunhado por Kertbeny, popularizando-o nas comunidades científicas e médicas [...] Ebing classificou a homossexualidade entre as anomalias do instinto de reprodução da espécie (*anomalien der geschlechtstrieb*), considerando-a uma degeneração e situando o problema em referência à procriação, tomada como norma para a vida sexual (PAOLIELLO, 2013, p. 34).

Ainda que dentre pesquisadores da sexualidade humana desse período figurassem indivíduos cujas intenções fossem, por exemplo, a descriminalização das práticas sexuais classificadas como anormais ou antinaturais, a produção da época é marcada pelo mesmo procedimento científico que buscava estabelecer o natural e o antinatural constituindo formas normalizantes de pensar a sexualidade. A noção de instinto sexual natural passa a orientar, assim, as investigações sobre a diferença sexual e a estabelecer grupos nos quais tal instinto apareceria como normal ou anormal. Dentre os categorizados como normais, a estabelecer posições sociais distintas, características pessoais que indicassem a diferença, vínculos considerados adequados, incluindo o tipo de objeto de atração sexual.

A determinação da diferença sexual em termos de natureza, na qual a noção de instinto sexual se destaca, foi questionada por diferentes perspectivas ao longo do século XX. Três em especial merecem destaque por serem referências importantes ainda nos estudos atuais sobre experiências *trans*: psicanálise, construtivismo social e construcionismo social.

No início do século XX, na Psicanálise desenvolvida por Sigmund Freud comparece como uma forma crítica de pensar a diferença sexual a partir da noção de instinto sexual natural e das fronteiras entre normal e anormal tais como estavam estabelecidas. A partir do conceito de pulsão, a diferença sexual pode ser pensada como formas diferentes de obtenção de prazer que são reguladas pela cultura através de modelos que estabelecem vínculos e grupos. Freud introduz o conceito de pulsão em 1905, nos *Três ensaios para uma teoria sexual* (1973) e dedica, em 1915, o primeiro de seus textos metapsicológicos para desenvolvê-lo. A diferença entre as noções de instinto sexual e pulsão implica que fins, objetos de atração sexual e de identificação do sujeito são constituídos na experiência do mesmo e mediados pelas relações sociais historicamente constituídas que implicam exigências culturais. Nesse sentido, o amalgamento da polaridade atividade-passividade ao masculino-feminino, presente nas crenças populares e no modelo que se desenvolveu na ciência até o século XIX, é indicado por Freud (2013) como um processo que está implicado na regulação das relações sociais na cultura e, enquanto tal, não pertence exclusivamente à ordem natural.

Outra perspectiva importante no que concerne à diferença sexual e sua naturalização é constituída ao longo do século XX e se sintetiza na noção de gênero, a partir de uma visão mais antropológica. Nesta, outro elemento constituído no debate até o século XIX nas ciências, quanto à divisão entre público e privado que é fundada na biologia como características naturais de cada grupo – homens e mulheres – é problematizada. A fixação de características sociais, como privado-feminino e público-masculino, em termos biológicos começou a ser questionada por trabalhos como o da antropóloga Margaret Mead. A partir da noção de papéis sociais, difundida na década de 1930, ela observou três sociedades tribais da Nova Guiné e demonstrou que características consideradas naturais ou biológicas como docilidade e agressividade, ligadas a feminino e masculino, respectivamente, não coincidiam entre tais grupo. “Trabalhando na perspectiva dos papéis sexuais, autores e autoras como Margaret Mead apontaram para o caráter de *construção cultural da diferença sexual*” (PISCITELLI, 2009, p. 130).

Na década de 1940, Simone de Beauvoir, filósofa existencialista, propôs a ideia de situação para pensar o sexo. O vínculo das mulheres a determinados objetos de atração sexual, aparatos de investimento no corpo e atividades, bem como dos homens, seriam determinados pela existência dos mesmos, suas possibilidades de se apropriar dos mesmos em sua perspectiva global de existência, constituindo uma situação de cada um dos grupos.

Os valores atribuídos a cada grupo, suas atividades e aparatos “só se poderia definir num mundo de valores [...] comandado pelo projeto fundamental do existente” (BEAUVOIR, 2009, p. 95). As possibilidades de agir de cada grupo-sexo seriam constituídas pelo conjunto de valores existentes relacionado a tal projeto que os situam em cada lugar. A situação num mundo existente de valores tornariam alguém mulher ou homem.

Margareth Mead e Simone de Beauvoir, portanto, apontam em seus trabalhos a dimensão social ou cultural que incide sobre a diferença sexual variando de cultura para cultura e tendo relação com os vínculos e valores estabelecidos em cada uma. A destinação de grupos ao privado e ao público, por exemplo, seriam construções culturais sobre a diferença.

A distinção entre o corpo biológico e o que se faz com ele em cada cultura-sociedade, a diferença entre sexo e gênero, anunciada pelos desenvolvimentos dessas vertentes de análise desdobraram-se em perspectivas diferentes. Na década de 1950, o debate sobre a diferença sexual é retomado na psiquiatria marcando-se o corte entre sexo como da ordem da natureza e gênero como do social. John Money, Robert J. Stoller, Colette Chiland e Yvonne Noizet desenvolvem investigações a respeito da diferença entre sexo biológico e gênero social ou cultural. A ideia de variação cultural é nominada de gênero por Money. Observando e tratando de pessoas intersexuais, Money propõe que a educação se sobrepõe ao biológico. Dessa forma, um indivíduo com “genitália ambígua” poderia ser educado segundo as normas de gênero de uma sociedade (MICHEL, 2010). Um homem ou uma mulher, masculino ou feminino, poderiam ser produzidos ali onde a biologia deixara uma questão.

Stoller observou sujeitos chamados transexuais² e formulou a ideia de uma identidade de gênero visando distinguir as determinações exclusivas da biologia

[...] que fazem objetivamente de um indivíduo um macho ou uma fêmea e os dados psicológicos e sociais que o instalam na convicção de ser um homem ou uma mulher. Nessa acepção, a identidade de gênero designaria a experiência identitária realmente vivida expressa em termos de pertencimento ao masculino ou ao feminino, sem que estes termos possuam um conteúdo geral *a priori*. É masculino ou feminino o que é qualificado como tal pelas instâncias (o ambiente cultural e social em que evolui o indivíduo) que atribuem uma significação às experiências, aos seres e às coisas (MICHEL, 2010, p. 13).

² Harry Benjamin formulou o termo na década de 1940 (ATHAYDE, 2001).

Dessa forma, Stoller faz uma apropriação muito particular da postulação freudiana de que todo sujeito se compõe de masculino e feminino. Sustentado na ideia do Édipo como identificação a um dos progenitores que, nas condições mais comuns, representariam cada um dos polos, Stoller elabora também a ideia de disforia de gênero, que acontece quando as identificações do sujeito não coincidem com essas condições comuns (MICHEL, 2010).

A noção de identidade de gênero, elaborada nos Estados Unidos por Stoler e Money, atravessa o Atlântico e é apropriada na França por Colette Chiland e Yvonne Noizet. Por uma questão de tradução o termo gênero é substituído por sexual. Diferenciando, assim, identidade sexuada de identidade sexual. Dessa forma privilegiaram

[...] o termo *identité sexuée* [identidade sexuada] para distinguir o que diz respeito ao *sexuado* – e atesta a divisão da espécie humana em dois sexos (isto é, a sexuação) – e aquilo que corresponde ao *sexual*, à conjugação dos sexos, às relações sexuais (isto é, a sexualidade). Assim, um indivíduo pode sofrer de perturbações da identidade sexuada sem por isso apresentar uma perturbação qualquer de sua orientação sexual, e inversamente (MICHEL, 2010, p. 15, grifos da autora).

Baseando-se na ideia de sexuação referente a dois sexos, macho e fêmea, as autoras evidenciam a formação de identidades sexuais nas relações que os dois sexos estabelecem. Acompanhando Stoller, elas consideram a correspondência entre sexuação biológica e a identidade sexual como típica (MICHEL, 2010). O que chamam de perturbações da identidade sexual se relacionaria com a disforia de gênero de Stoller. Contudo, elas reinsiram a discussão das “inversões identitárias” na sexualidade, ressaltando que a identidade e a orientação – escolha de objeto amoroso – poderiam se compor de diversas formas.

[...] um homem que tem como escolha de objeto sexual seu semelhante – um homem – apresenta uma orientação sexual de tipo homossexual. Esse homem homossexual não sofre de uma perturbação de sua identidade sexuada – ele se sente com clareza pertencente ao gênero masculino e não coloca seu pertencimento sexuado ao seu sexo biológico em questão –, mas de uma orientação sexual atípica (MICHEL, 2010, p. 15, grifos da autora).

Nessa concepção, tanto homossexuais como transexuais e travestis inverteriam um caminho considerado típico. Evidenciando, portanto, a expectativa implícita de que um indivíduo identificado como macho da espécie mantenha coerência entre sexo biológico, identidade sexual (homem-masculino) e escolha de objeto amoroso (heterossexual: mulher-feminino). A diferença entre típico e atípico guarda a noção de desvio,

reaproximando o tema da diferença sexual da concepção calcada na determinação biológica que elaborou a noção de inversão do instinto sexual normal no século XIX.

A distinção sexo-gênero foi apropriada também por intelectuais feministas nas décadas seguintes, relacionadas à perspectiva chamada construtivismo social, procurando “mostrar como as distinções entre feminino e masculino são da esfera do *social*” (PISCITELLI, 2009, p. 125, grifo da autora). O trabalho da antropóloga estadunidense Gayle Rubin popularizou a noção de gênero nesse sentido. Ela elaborou a noção de *sistema sexo/gênero* para distinguir natureza e cultura-social. Sexo referia-se à divisão fêmea-macho e gênero ao “conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana” (PISCITELLI, 2009, p. 137). O gênero seria construído socialmente por sistemas de significação que produzem noções de diferença entre homens e mulheres (PISCITELLI, 2009).

Dois trabalhos da autora se tornaram referência na década de 1980: “The Traffic in Women: Notes on the ‘Political Economy’ of Sex” e “Thinking sex”. Em entrevista a Judith Butler (2003) Gayle Rubin comenta que no primeiro ela buscava pensar temas como as relações lésbicas para além dos limites do paradigma da *New Left*³. A partir da leitura de *Estruturas Elementares do Parentesco*, de Lévi-Strauss, ela procurou demonstrar que “[...] as relações de parentesco estavam a serviço do heterossexualismo compulsório, [e] podia mostrar também que as identidades de gênero derivavam, em certa medida, das relações de parentesco” e “o resíduo cultural, as manifestações simbólicas e todos os outros aspectos desse sistema, e a internalização daquelas estruturas e categorias nas pessoas” (RUBIN; BUTLER, 2003, p. 162). Assim, as construções sociais de gênero teriam como fim produzir compulsoriamente sujeitos heterossexuais. A identidade de gênero, a atribuição de um gênero masculino ou feminino a um indivíduo, seria destinada a sustentar vínculos de troca de objetos sexuais, de forma que as próprias fronteiras de gênero teriam como referência a diferenciação desses objetos.

Na década seguinte, contudo, foi elaborada a crítica da separação entre natural-sexo e social-gênero. Inspiradas nos trabalhos de Michel Foucault e Jacques Derrida, principalmente, a perspectiva *queer*⁴ criticou essa separação; a noção de minorias

³ New Left um movimento intelectual iniciado na Gra-Bretanha na década de 1950 que representou ruptura com uma interpretação dogmática do marxismo e o pensamento social até então dominante na chamada esquerda e, assim, foi chamado de Nova Esquerda. Ver HALL. S. 2014.

⁴ Os primeiros teóricos *queer* rejeitaram a lógica minorizante dos estudos socioantropológicos em favor de uma teoria que questionasse os pressupostos normalizadores que marcavam a Sociologia canônica. A escolha do termo *queer* para se autodenominar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e

identitárias dos estudos gay e lésbicos na sociologia; e buscou desconstruir os discursos que estabilizavam a heterossexualidade compulsória implícita na divisão sexo-gênero (MISKOLCI, 2009).

O diálogo entre a Teoria Queer e a Sociologia foi marcado pelo estranhamento, mas também pela afinidade na compreensão da sexualidade como construção social e histórica. O estranhamento queer com relação à teoria social derivava do fato de que, ao menos até a década de 1990, as ciências sociais tratavam a ordem social como sinônimo de heterossexualidade. O pressuposto heterossexista do pensamento sociológico era patente até nas investigações sobre sexualidades não-hegemônicas. Apesar de suas boas intenções, os estudos sobre minorias terminavam por manter e naturalizar a norma heterossexual (MISKOLCI, 2009, p. 151).

A noção de dispositivo de sexualidade foucaultiana como regime de poder e saber que produz discursivamente o normal e o anormal foi fundamental nas elaborações *queer*. A vontade de saber e de poder sobre os prazeres teria configurado a recomposição da diferença entre o grupo dos homens e das mulheres em termos de complementar e radicalmente oposta (LAQUEUR, 2001) e também deslocado a noção de inversão criando sujeitos estáveis em identidades construídas com referencial em uma prática. O discurso científico do século XIX e seus desenvolvimentos teriam estabelecido a heterossexualidade como normal e as demais manifestações da sexualidade como patológicos-anormais-aberrações. O empreendimento *queer* dedica-se a criticar, portanto, a heterossexualidade como norma.

Muito mais do que o aperçu de que a heterossexualidade é compulsória, a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade (MISKOLCI, 2009, p. 156-157).

Os discursos dominantes, assim, buscariam regular a heterossexualidade como normal e como identidade do sujeito. Dessa forma, produziriam a redução das experiências de prazer e vínculos daí possíveis ao par homem-mulher.

desvio, servia para destacar o compromisso em desenvolver uma análise da normalização que, naquele momento, era focada na sexualidade. Foi em uma conferência na Califórnia, em fevereiro de 1990, que Teresa de Lauretis empregou a denominação *Queer Theory* para contrastar o empreendimento *queer* com os estudos gays e lésbicos. Em termos políticos, não tardou para que ele denotasse uma alternativa crítica aos movimentos assimilacionistas (MILKOLCI, 2009, p. 151-152).

Nessa perspectiva, Judith Butler (2015) elabora em seu *Gender Trouble – Feminism and the Subversion of Identity*, no início da década de 1990, uma crítica, inspirada na noção de dispositivo de sexualidade foucaultiana, dos discursos que constroem a sexualidade e a identidade de gênero baseados na noção de dimorfismo sexual conforme apontado por Laqueur (2001). Esse construto social é apontado por ela como paradigma sexista que prescreveria ao sujeito uma identificação normativa restrita ao sexo compreendido como binário, um par coerente: macho-masculino-homem e fêmea-feminino-mulher. Relegando outras práticas e experiências à categoria de anormais-aberrações.

A crítica de Judith Butler (2015) problematiza a separação sexo-natureza e gênero-social apontando que ambos são construtos discursivos que estabelecem fronteiras entre normal e anormal. A noção de sexo baseada no dimorfismo reduziria a sexualidade ao binário, produzindo a aparência de estabilidade e coerência. Nesse sentido, a psicanálise seria um dos discursos a sustentar a coerência entre sexo, tomado como dimorfismo genital, e as normas que tentam instituir a heterossexualidade como fim natural. A psicanálise seria um dispositivo discursivo de poder que, por meio de noções como identificação e complexo de Édipo, reificaria o modelo essencialista de diferença sexual constituído, fundamentalmente, pela sexologia do século XIX. Essas noções estabeleceriam fronteiras entre gêneros inteligíveis e não-inteligíveis, estes últimos sendo tomados reiteradamente como objetos do saber e constituídos como desvios da norma (BUTLER, 2015).

Segundo a autora,

Algumas explicações psicanalíticas argumentam que a feminilidade baseia-se na exclusão do masculino, sendo o masculino uma ‘parte’ da composição psíquica bissexual. Supõe-se a coexistência desse binário, e então intercedem o recalçamento e a exclusão, para fabricar, a partir dele, identidades de gênero distintas, com o resultado de que a identidade é sempre já inerente a uma disposição bissexual que, por meio do recalçamento, é separada em suas partes componentes. Num sentido, a restrição binária sobre a cultura coloca-se como a bissexualidade pré-cultural que se divide na familiaridade heterossexual por via de seu advento na ‘cultura’. Desde o começo, contudo, a restrição binária à sexualidade mostra claramente que a cultura não é de modo algum posterior à bissexualidade que ela supostamente reprime: ela constitui a matriz de inteligibilidade pela qual a própria bissexualidade primária se torna pensável. A ‘bissexualidade’ postulada como fundação psíquica, e que se diz ser recalçada numa data posterior, é uma produção discursiva que afirma ser anterior a todo discurso, levada a efeito mediante práticas excludentes compulsórias e geradoras de uma heterossexualidade normativa (BUTLER, 2015, p. 101-102, grifos da autora).

A noção de bissexualidade primária, portanto, guardaria estreita relação com a de dimorfismo sexual, seria uma reificação desta. A autora elabora, a partir dos textos freudianos *Luto e melancolia* e *O eu e o id*, a ideia de uma melancolia de gênero para falar sobre a identificação com o masculino ou o feminino. Ela aponta, em Freud, que pela perda do objeto de amor masculino ou feminino, representados pela mãe e pelo pai, a criança teria de escolher entre as duas predisposições. O recalco de uma das disposições seria uma exigência de afastamento da possibilidade homossexual e incestuosa. Dessa forma,

Se a diferenciação do gênero decorre do tabu do incesto e do tabu anterior da homossexualidade, então ‘tornar-se’ um gênero é um laborioso processo de tornar-se *naturalizado*, processo que requer uma diferenciação de prazeres e de partes corporais, com base em significados com características de gênero. Diz-se que os prazeres residem no pênis, na vagina e nos seios, ou que emanam deles, mas tais descrições correspondem a um corpo que já foi constituído ou naturalizado como portador de traços específicos de gênero. Em outras palavras, algumas partes do corpo tornam-se focos concebíveis de prazer precisamente porque correspondem a um ideal normativo de um corpo já portador de um gênero específico. Em certo sentido, os prazeres são determinados pela estrutura melancólica do gênero pelo qual alguns órgãos são amortecidos para o prazer e outros vivificados. A questão de saber que prazeres viverão e que outros morrerão está frequentemente ligada a qual deles serve às práticas legitimadoras de formação da identidade que ocorrem na matriz das normas de gênero (BUTLER, 2015, p. 127).

O discurso que requer e naturaliza a diferenciação de prazeres e de partes corporais em termos de masculino e feminino operaria por repetição transformando modelos históricos-contingentes em universais ou transcendentais. A autora nomeia melancolia de gênero o processo de perdas exigido ao sujeito para corresponder ao ideal de masculino e feminino (BUTLER, 2015). A distinção homem-mulher, masculino-feminino, heterossexual-homossexual seria uma construção histórico-contingente fundada na noção binária de diferença.

Beatriz Paul Preciado (2014), compartilha da crítica butleana à distinção sexo-gênero, buscando demonstrar o sexo como uma tecnologia, apoiando-se na noção foucaultiana de tecnologia a produzir o corpo, o sexo e o gênero. Segundo ela,

A força da noção foucaultiana de tecnologia reside em escapar à compreensão redutora da técnica como um conjunto de objetos, instrumentos, máquinas ou outros artefatos, assim como em escapar à redução da tecnologia do sexo às tecnologias implicadas no controle da reprodução sexual. Para Foucault, uma técnica é um dispositivo complexo de poder e de saber que integra os instrumentos e os textos, os

discursos e os regimes do corpo, as leis e as regras para a maximização da vida, os prazeres do corpo e a regulação dos enunciados de verdade (PRECIADO, 2014, p. 154).

Haveriam, ao menos, quatro grandes grupos de técnicas: “técnicas de produção, de transformação e de manipulação dos objetos, técnicas de sistemas de signos, técnicas de poder e técnicas de si” (PRECIADO, 2014, p. 155). Nesse sentido,

Para Foucault, a técnica é uma espécie de micropoder artificial e produtivo que não opera de cima para baixo, mas que circula em cada nível da sociedade (do nível abstrato do Estado ao da corporalidade). Por essa razão, o sexo e a sexualidade não são os efeitos das proibições repressivas que obstaculizam o pleno desenvolvimento de nossos desejos mais íntimos, e sim o resultado de um conjunto de tecnologias produtivas (e não simplesmente repressivas). A forma mais potente de controle da sexualidade não é, logo, a proibição de determinadas práticas, mas a produção de diferentes desejos e prazeres que parecem derivar de predisposições naturais (homem/mulher, heterossexual/homossexual etc.), e que serão finalmente reificadas e objetificadas como ‘identidades sexuais’. As técnicas disciplinadoras da sexualidade não são um mecanismo repressivo, e sim estruturas reprodutoras, assim como técnicas de desejo e de saber que geram as diferentes posições de sujeito de saber-prazer (PRECIADO, 2014, p. 156).

Desse modo, a produção tecnológica da carne operaria sustentada num pressuposto moderno: “a crença segundo a qual o corpo resguarda um grau zero ou uma verdade última, uma matéria biológica (o código genético, os órgãos sexuais, as funções reprodutivas) ‘dada’” (PRECIADO, 2014, p. 157). Contudo, “se prestarmos atenção às práticas contemporâneas da tecnociência, veremos que seu trabalho ignora as diferenças entre o orgânico e o mecânico, intervindo diretamente sobre a modificação e a fixação de determinadas estruturas do ser vivo” (PRECIADO, 2014, p. 157). A autora dá relevo, assim, à relação do orgânico com as tecnologias.

A partir da noção de *ciborgue* de Donna Haraway, Paul Beatriz Preciado (2015) propõe que o que chamamos de sexo e gênero “deveriam ser considerados como formas de incorporação prostética que se fazem passar por naturais, mas que, em que pese sua resistência anatômico-política, estão sujeitos a processos de transformação e de mudanças constantes” (PRECIADO, 2014, p. 166). O *ciborgue* implicaria uma relação promiscua entre “corpo” e “máquina” por acoplamento de próteses.

A perspectiva *transfeminista*⁵, contudo, problematizou a centralidade da heterossexualidade na análise da norma que produz o par homem-mulher como estável e

⁵ O *transfeminismo* tem sido elaborado por pessoas trans que, no Brasil ainda com acesso restrito à universidade e seus instrumentos, o fazem principalmente via blogs. Ver: *Transfeminismo*

natural. Num movimento de desestabilização do suposto normal, indicaram que não apenas a heterossexualidade era presumida como o que chamaram cisgeneridade. Uma pessoa cisgênera se identifica com o gênero, homem ou mulher e/ou masculino ou feminino, designado ao nascer (GOMES, 2012). O termo cisgênero começou a ser usado para se referir às pessoas que não eram compreendidas como transgênero. Este último termo havia sido elaborado em meio à discussão sobre identidade de gênero e orientação sexual na década de 1980, nos Estados Unidos, para descrever genericamente transexuais, travestis e intersexuais, entre outros, pessoas geralmente descritas como portadoras de disforia de gênero (DUMARESK, 2016).

Leila Dumaresk afirma que,

[...] a palavra cisgênero é hoje um caso bem-sucedido de *ocupação epistêmica*, pois foi adotada por diversas pessoas transgêneras, travestis, mulheres transexuais e homens trans para designar aqueles que não são tratados como transgêneros pela sociedade. Se, do ponto de vista teórico, vemos a palavra ser problematizada enquanto ação de política identitária, do ponto de vista prático, das filas de atendimento do SUS, das delegacias de polícia, hospitais e banheiros públicos é muito fácil identificar que pessoas estão sendo estigmatizadas como transgêneras e quais não estão (2016, p. 126, grifos da autora).

Assim, transgêneros e cisgêneros seriam variações de gênero. Homens e mulheres podem ser, portanto, descritos como transgêneros ou cisgêneros em relação à identificação com a designação atribuída ao nascer. A noção de cisgeneridade evidencia uma exigência para além da heterossexualidade apontada pelos estudos *queer*. Indica que de homens e mulheres se espera que se identifiquem com determinados investimentos corporais.

Essa breve retomada de questões ligadas à compreensão histórica das questões vinculadas à diferença sexual revelam as imbricações culturais, religiosas, filosóficas, ideológicas e científicas nos modelos de regulação e controle social da sexualidade. A partir desses modelos, fins sexuais (prazer ou reprodução, por exemplo), objetos de atração, aparatos de investimento no corpo e o próprio corpo são controlados e endereçamentos do sujeito a grupos são constituídos.

1.2 Experiências *trans* e a regulação da diferença sexual.

As experiências de pessoas *trans* concretas é mediada por essas regulações da diferença sexual em todos estes aspectos. Entretanto, a dimensão do controle sobre os aparatos de investimento no corpo e sobre as atividades se destacam. O endereçamento do indivíduo a um grupo a partir dos órgãos genitais implica estabelecimento de fronteiras compostas por atividades e aparatos que o indivíduo pode investir no corpo. Estas fronteiras comparecem pela associação entre atividade como masculina e passividade como feminina.

E ela [mãe] disse assim: - Olha! Como eu já tive seu irmão, ele, durante a gravidez dele foi totalmente diferente da sua. A mãe sente isso. Quando a criança vai... ela tem sensações que passam pra gente. - E então, assim, o seu irmão era agitado. O seu irmão, ele tinha um jeito de na gestação dele, dele se manifestar, de mexer, d'eu sentir ele, que é totalmente diferente de você. E quando foi você, não! Era calma, era tranquila e eu senti que era uma mulher [...] mas claro, nasceu com o órgão sexual masculino, o pai e a mãe vão educar pra se enquadrar no padrão social do que é ser um homem. Digamos assim (*Iara*).

As fronteiras entre grupos também são constituídas pela divisão de atividades associadas a cada um deles.

Ser uma mulher e tocar violão era transgressor na minha família. Na situação que eu tava. Eu lembro que eu fazia oitava série quando eu comecei a estudar música. Só tinha uma pessoa que eu conhecia na cidade que era uma mulher e tocava guitarra. Então assim... instigava também e tudo (*Ubirajara*).

Partes do corpo são controladas na manutenção dessas fronteiras.

Hum... deixa eu ver, quando chegou em Aragarças, fui pra um colégio que foi o começo de uma fase muito negra pra mim, por que meus pais sempre me deixaram com o cabelo comprido. Muito comprido! Ele sempre vivia amarrado. Uma trança que tipo, não tinha um fio de cabelo fora dela (*Ubirajara*).

Aparatos de investimento no corpo são, também, controlados.

Eu lembro uma vez que eu comprei uma pochete. Minha irmã achou um absurdo. Isso era coisa de sapatão. Ela falava pra mim que eu podia ser homossexual, mas não precisava escancarar. Porque tem muitos homossexuais que são a sapatão, né!?, considerada sapatão, que se veste de homem; as meninas que se veste mais no feminino, são também. Então ela achava que eu tinha que ficar no grupo das meninas. Não as caminhoneira, como diz o povo no linguajar (*Jandir*).

A aparência do indivíduo é dividida entre masculino e feminino. A divisão de aparatos de investimento no corpo, como roupas, e de atividades compõe o conjunto de uma aparência feminina ou masculina.

Quando eu era criança eu me identificava mais com o masculino. Eu vestia como menino; gostava das brincadeiras de menino. Só que, minha família, ela num gostava. Então eles me pressionavam muito pra num parecer um menino. Mas até meus doze (12) ou treze (13) anos eu parecia um menininho mesmo. Aí na adolescência foi mais complicado porque aí eles me cobravam mais ainda: que eu era uma menina, que eu era uma menina. Mas na minha cabeça eu não me identificava como uma menina (*Jandir*).

Essa aparência comparece como modo de se expressar com o corpo.

E nisso eu comecei a ter muito constrangimentos nas escolas, porque eu era uma criança que a minha sexualidade era muito exposta, muito visível. Era afeminado, super, super afeminado na maneiras de falar, nos meus gestos...(*Maíra*).

As fronteiras também comparecem como divisão de espaços aos quais o indivíduo pode acessar.

Eu tava lá no Araguaia Shopping com uma amiga minha. Isso foi há um pouquinho de tempo. Aí eu peguei... logicamente eu não ia entrar no banheiro dos homens, né!? Tava com peito, calça apertada, o peito assim, né!?, na garganta, assim, cabelo na cintura, de salto... Eu não ia no banheiro masculino, né!? Chegar no banheiro masculino... tem uns que assusta: Uai!? Tipo assim, vai pensar que eu tô lá pra assediar também, né!? Aí entrei no banheiro feminino. (*Kauane*).

As fronteiras entre os grupos também são demarcadas pelo objeto de atração sexual.

É! Ixe! Meus primos então... Deus que me livre! Perguntava quando que eu ia ter namorada. Falei: - Ai! Meu Deus do céu! Vou arranjar namorada agora? Pressionava... ô... demais, assim... Pergunta de jeito difícil que eu não podia responder naquele horário, assim. Falei: Ai! Pergunta difícil é essa!? Pra mim era difícil, né!? Pra quem é, assim, hétero, deles, falava: - Ai! Eu já peguei um, já peguei outro. Eu ficava calada, assim. Não falava nada não. Sai e pronto (*Kauane*).

Entretanto, o controle sobre o objeto de atração comparece na experiência de pessoas *trans* como derivação do controle sobre a manutenção de fronteiras entre grupos. A aparência do indivíduo, os aparatos que este investe no corpo, como uma pochete, o modo como ele se expressa por gestos e maneiras de falar são tomados como referências para a nomeação do indivíduo como participante de outros grupos como lésbicas, caminhoneiras ou gay.

E muitas vezes os menino do colégio me xingava, né!? Falava: - Ah! Você é gay. Você... Eu falava: - Ai! Quê que isso!? Pensava: - Ah! Gay? Me chamou de gay porque? - Ah! Cê parece mulher, num sei quê que tem. Eu: ãh! (*Kauane*).

Esse controle social, a regulação da diferença sexual, não alcança o sujeito em abstrato. Ao contrário, esses modelos alcançam a todos pelos processos educativos e de socialização e incidem na formação e caracterização de grupos a partir de fins, objetos de atração sexual e aparatos de investimento no corpo. Na relação com o outro, relações sociais, o sujeito se depara e se constitui atravessado por regulações que tomam a diferença sexual como objeto de composição de grupos com destinos e possibilidades de transformação historicamente constituídos. A experiência *trans* de sujeitos reais é emblema disso.

Capítulo II – Destino

As exigências da adequação aos modelos de regulação da diferença sexual, mediados nos grupos, organizações e instituições culturais nos quais o sujeito se constitui, se apresentam ao sujeito como uma pauta a ser cumprida, um destino estabelecido. Essas exigências se sustentam em estruturas preexistentes e interdependentes do sujeito: força que pretende determinar o sujeito. Assim, uma pauta de modelos e objetos é estabelecida como exclusiva e legítima para determinar essas exigências: os órgãos reprodutores em sua forma visível ou em suas características identificáveis por meio de instrumentos e procedimentos que permitem vasculhar o interior do corpo. Atividades e aparatos são autorizados ou interditados ao sujeito a partir de características que o identifiquem com um dos grupos constituídos como modelos. O interesse por modos, atividades e aparatos diferentes daqueles autorizados segundo o modelo estabelecido poderá ser interdito e utilizado para justificar a posição de agressividade do outro na forma de isolamento, preconceito e violência.

A ideia de destino está relacionada a percalços do próprio Eu: o que depende do sujeito e o que não depende (SOUZA, 1999). O destino da diferença sexual é regulado por modelos culturais historicamente constituídos que fixam fins, objetos e fronteiras entre grupos como que determinados por uma força independente do sujeito. Esta força é atribuída à natureza através de partes do corpo do sujeito e frente a qual este não poderia escapar. Nas experiências *trans*, estas partes são requeridos como justificativas para a exigência de que o sujeito se renda ao modelo de regulação da diferença sexual que se transformou em destino. Contudo, aquilo que aparece como o destino determinado pela natureza pode ser revelado enquanto processo inscrito na ordem de relações sociais que mediam o processo de socialização e são constitutivas do sujeito. Destino que assegura a funcionalidade social e, enquanto tal, exige ser transmitido para cada um e todos. Parte substantiva do processo de socialização vai compreender a educação para o destino.

2.1 A diferença sexual como destino

A noção de destino remete àquilo que é fixado anteriormente e independente ao sujeito, frente ao que não há escapatória; algo já escrito, determinado, constituído fato antes mesmo da existência e experiência do sujeito. “O sujeito é confrontado a uma determinação que lhe escapa completamente. Engolido numa história que o ultrapassa, sente-se como um mero espectador dos acontecimentos que lhe chegam como que vindos de um além” (SOUZA, 1999, p. 89). Frente ao destino, o sujeito não teria, portanto, escolha. Nenhuma atividade poderia evita-lo. O destino se apresenta, assim, como um fato autônomo que determina o sujeito.

Se tomarmos a palavra latim *Fatum*, sua tradução literal seria: coisa dita, destino irrevogável, aquilo que está escrito. Como sabemos, esta palavra deu nascimento a fatalismo e fatalidade. Ora, em filosofia, a palavra fatalismo é sinônimo de determinismo, em particular, segundo Lalande, quando se trata de doutrinas que só admitem um mundo possível [...]. No sentido corrente, a palavra fatalidade designa um acaso infeliz ou uma sequência de coincidências inexplicáveis que parecem manifestar uma finalidade superior e desconhecida, principalmente quando diz respeito a infelicidades (SOUZA, 1999, p. 92).

O destino, portanto, reporta a uma força desconhecida que atua sobre o sujeito. Relaciona-se, assim, com as “tendências de se considerar o indivíduo e a sociedade, a subjetividade e a objetividade como realidades distintas” (RESENDE, 2008, p. 182), completamente independentes entre si, da ordem da determinação mecânica de um sobre o outro, alternando “a ênfase sobre o indivíduo e a sociedade, sobre subjetividade e objetividade” ou diluindo “um no outro quando reserva a integridade ativa e absoluta de um perante a passividade do outro” (RESENDE, 2008, p. 182). A ideia de destino pressupõe determinação absoluta de forças independentes sobre os limites do sujeito, tomando este como objeto passivo que é afetado por tais forças sem possibilidade de resistir a elas.

A regulação da diferença sexual atravessa a experiência do sujeito como um destino determinado pelas características corporais. Relacionado à diferença sexual, o destino se constitui como força independente ao sujeito que determina a atribuição deste a um grupo demarcado por fronteiras a partir de fins, objetos de atração sexual, aparatos de investimento no corpo e atividades que passam a caracterizar o grupo e o sujeito. Esse destino comparece nas experiências *trans* como exigência de repetição de um modelo,

fundamentalmente dos aspectos relativos aos aparatos e atividades que demarcam no sujeito as fronteiras entre grupos, tomados como auxiliares ou adversários ao grupo. Essa exigência se faz presente na relação do sujeito com os grupos, organizações e instituições no processo de socialização e implica a constituição de grupos como auxiliares ao modelo e grupos adversários, sobre os quais recai a força da agressividade. A diferença sexual, tomada como objeto determinante dos destinos do indivíduo e do grupo, se mostra determinada pelas relações sociais e dirigida para determinados fins como auxiliares ou adversários ao modelo.

A regulação cultural da diferença sexual implica pressão sobre os sujeitos para se adequarem ao modelo dominante em um grupo ou uma cultura. Esta pressão implica preconceito e violência sobre sujeitos que não se identifiquem com tais modelos e atravessem suas fronteiras. Nas experiências *trans* essa pressão incide fundamentalmente nos investimentos sobre o corpo que demarcam as fronteiras entre os grupos.

A transmissão dos modelos que regulam a diferença sexual é empreendida nas relações do sujeito com os grupos, organizações e instituições, na forma histórica do sujeito como indivíduo. Este nasce portador de necessidades que não pode satisfazer por si mesmo e numa cultura em relação à qual necessita se apropriar, na constituição de si como indivíduo, do gênero humano em uma formação cultural determinada.

[...] a condição de humanização é a objetivação, a exteriorização do indivíduo, que se apropria da objetividade já impregnada de humanidade e produz meios de subsistência para si e para os outros nas condições concretas que dispõe para isso. Essa condição é determinada pela incompletude daquele que, humano, demasiado humano, vem ao mundo incompleto e dependente, necessitando do outro para sobreviver (RESENDE, 2012, p. 140).

Ao nascer, portanto, o indivíduo depende da proteção e cuidado de outros com os quais possa se apropriar da cultura e constituir a si mesmo como indivíduo do gênero humano.

A exteriorização de si confirma a condição social do indivíduo uma vez que se dará frente à realidade que já é, ela própria, constituída por subjetividades objetivadas que constituem o plano da sociabilidade. Posto na História, o indivíduo se objetiva frente a outras objetivações humanas, encontrando a natureza humanizada e do que são expressão especialmente o trabalho e a linguagem enquanto práxis e condição do seu estabelecimento na sua atividade e em condições históricas específicas (RESENDE, 2012, p. 140-141).

Universalmente, portanto, o indivíduo se constitui nas relações sociais tais como as encontra. Nas sociedades industriais a família e a escola constituem os primeiros vínculos

do indivíduo. Os grupos, em geral, por outro lado, constituem as relações pelas quais ocorre o processo de socialização do indivíduo, transmitindo a ele a ordem social com seus valores e ideais (ADORNO e HORKHEIMER, 1973). A família comparece como grupo engendrado por vínculos afetivos e se diferencia dos demais, nas sociedades ocidentais burguesas, pela presença de elementos racionais que transversalizam outros grupos, organizações e instituições. A família, nessas sociedades, também guarda diferença em relação às formas anteriores pelas quais se organizava como grupo. O advento do cálculo, como forma de organização da produção que media a relação entre indivíduos, constituiu a família como reserva afetiva frente a frieza de tais relações que, desde a Revolução Industrial, tendem a lançar os indivíduos no “processo produtivo como escravos do trabalho” (ADORNO e HORKHEIMER, 1973, p. 139). A família manteve-se, assim, como proteção frente às relações sociais. Proteção concentrada na autoridade paterna e nos cuidados maternos (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Esta composição de autoridade e cuidado da família constituía-se referência na formação do sujeito, ofertando modelos e introduzindo-o nas relações sociais com outros indivíduos, grupos e na sociedade como um todo. Contudo, o atravessamento das relações burguesas fundadas no cálculo enfraqueceu a posição da família no processo de socialização do indivíduo. A autoridade paterna enfraquecida foi substituída pela autoridade que se apresenta em outros grupos (ADORNO e HORKHEIMER, 1973). Esse enfraquecimento da autoridade paterna, contudo, antes de representar um compartilhamento de autoridade entre indivíduos no interior da família, pode representar o enfraquecimento mesmo do grupo familiar frente aos demais grupos, organizações e instituições.

A família, portanto, é um grupo social constituído por relações de afeto ao mesmo tempo atravessada pelas relações sociais com outros grupos, organizações e instituições culturais em determinada formação histórica. Relações que estabelecem posições no interior da mesma, em que o pai pode estar associado à autoridade e a mãe aos cuidados, como no modelo burguês de família. Ela transmite a cultura a seus integrantes. E pode ser transformada como no processo sob influência das formas de relação fundadas no cálculo racional, que enfraqueceram a autoridade paterna na família contemporânea. Por outro lado, ela representa proteção frente às relações com outros grupos representando o primeiro, dentre estes, com o qual a criança se vincula e encontra as referências auxiliares ou adversárias com as quais se identificar. A família pode representar, assim, certa

proteção afetiva frente às relações sociais que constituem uma cultura e, ambivalentemente, implicar imposição de modelos aos seus integrantes.

A escola, assim como as formas da família, é uma instituição histórica cujo núcleo gira em torno da transmissão da cultura. A partir dos mesmos processos culturais que implicaram no atravessamento da família pela lógica racional e a transformação dos modelos de regulação da diferença sexual, transformação que tem como marco a Revolução Industrial, as Revoluções Burguesas e o Iluminismo, a escola foi instituída como instância de educação formal orientada pelas relações sociais da sociedade que se tornava hegemônica (ENGUIA, 1989). Isto implica em uma diferença fundamental entre a família, e outros grupos nos quais comparecem vínculos afetivos, e a escola transversalizada por um caráter mais racional (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Os grupos, organizações e instituições que atuam na socialização, contudo, não o fazem de forma estanque um em relação aos outros, de forma que a família e a escola estão atravessadas pelos vínculos com outros grupos, organizações e instituições.

O indivíduo é socializado sempre e, mesmo antes de nascer, está submetido à família, à religião, à classe, entre outras instâncias. De outra parte, não é possível supor uma independência de cada instância socializadora, porque a totalidade da sociedade implica a interação e a unidade contraditória entre suas estruturas de funcionamento (RESENDE, 2012, p. 144).

O processo de socialização implica, portanto, estabelecimento de relações com os outros, atravessadas pela história da cultura, pela forma como esses outros se relacionam e se organizam em grupos, organizações, instituições, comunidades e sociedades. Esse processo que não é mecânico em si tratando de sujeitos do inconsciente, desejantes.

No ato de educar, sempre estará presente, para além da transmissão de conhecimento, *algo* que se transmite e escapa ao saber e controle do professor e do aluno, pois atravessa e é atravessado pelo sujeito do inconsciente e, por conseguinte, não diz respeito à realidade material, que pode ser quantificada, regulada, medida, comprovada e reproduzida. Somente enquanto efeito no sujeito é que esse *algo* pode ser acessado e disso o professor não sabe com relação ao seu aluno (RESENDE, 2012, p. 152).

O mesmo vale para outras relações em que estejam presentes a intenção de transmitir a cultura a outros indivíduos, como no caso da família. Os grupos atravessam o processo de socialização do indivíduo e são atravessados, ambos, pelo inconsciente.

No processo de transmissão da cultura pela socialização do indivíduo um problema se constitui fundamental: a cultura tem de refrear a agressividade presente no indivíduo

(FREUD, 2010). Ela se utiliza da mobilização das energias de Eros, pulsão de vida, para constituir vínculos por identificação, inibindo, ao mesmo tempo, a agressividade. Dessa forma, busca afastar o sofrimento advindo das relações sociais. Nesse processo, a cultura implica constituição de modelos auxiliares e adversários com os quais o sujeito pode se identificar. Modelos que comparecem na forma de indivíduos ou ideais, como o líder da religião cristã, Jesus, ou o ideal de amor ao próximo (FREUD, 2010).

Tais modelos-ideais representam os vínculos almeçados por grupos, organizações e instituições. Quanto à diferença sexual, eles podem implicar o estreitamento das possibilidades de satisfação e mesmo o não reconhecimento de formas de satisfação de grupos inteiros constituindo-se, assim, em injustiça entre grupos em uma cultura. Implicando, desta forma, sofrimento e infelicidade para uma parcela de indivíduos pela imposição de um destino uniforme para a sexualidade.

A primeira fase cultural, a do totemismo, já traz consigo a proibição da escolha incestuosa de objeto, talvez a mais incisiva mutilação que a vida amorosa humana experimentou no curso do tempo. Por meio de tabus, leis e costumes, são produzidas mais restrições, que atingem tanto os homens como as mulheres. As culturas não percorrem todas a mesma distância nessa via; a estrutura econômica da sociedade também influi sobre a medida de liberdade sexual restante. Já sabemos que nisso a cultura segue a coação da necessidade econômica, pois tem de subtrair à sexualidade um elevado montante da energia psíquica que despende. Nisso a cultura se comporta, em relação à sexualidade, como uma tribo ou uma camada da população que submeteu uma outra à sua exploração. O medo de uma revolta dos oprimidos leva a rigorosas medidas de precaução. Nossa cultura europeia ocidental mostra um ponto alto nessa evolução. Psicologicamente se justifica que ela comece por desaprovar as manifestações da vida sexual infantil, pois não há perspectiva de reprimir os desejos sexuais dos adultos sem um trabalho preparatório na infância. De modo algum se justifica, porém, que a sociedade civilizada tenha chegado ao ponto de também negar esses fenômenos comprováveis, evidentes até. A escolha de objeto do indivíduo sexualmente maduro é reduzida ao sexo oposto, a maioria das satisfações extragenitais é interdita como perversão. A exigência, expressa em tais proibições, de uma vida sexual uniforme para todos, ignora as desigualdades na constituição sexual inata e adquirida dos seres humanos, priva um número considerável deles do prazer sexual e se torna, assim, fonte de grave injustiça. O resultado dessas medidas restritivas poderia ser que nas pessoas normais, que nisso não se acham impedidas por sua constituição, todo o interesse sexual flui, sem perda, para os canais deixados abertos. Mas o que permanece isento de proscrição, o amor genital heterossexual, é ainda prejudicado pelas limitações da legitimidade e da monogamia. A civilização atual dá a entender que só quer permitir relações sexuais baseadas na união indissolúvel entre um homem e uma mulher, que não lhe agrada a sexualidade como fonte de prazer autônoma e que está disposta a tolerá-la somente como fonte, até agora insubstituível, de multiplicação dos seres humanos (FREUD, 2010, p. 67-69).

Assim, a meta cultural de afastar o sofrimento e produzir felicidade (2010) pode ser atravessada pelos modelos que regulam as relações estabelecendo destinos uniformizantes para todos, constituindo um modo particular de satisfação como universal.

Monogamia e heterossexualidade foram apontadas como os pontos sobre os quais a diferença sexual é regulada. A monogamia foi apontada por Reich (1973), na primeira metade do século XX, como o elemento central em nome do qual a cultura exigia repressão da sexualidade. A heterossexualidade figura nos estudos construtivistas e construcionistas como o elemento central em torno do qual a regulação se estabeleceria. No sistema sexo/gênero proposto por Gayle Rubin (PISCITELLI, 2009) o gênero regularia pela linguagem o estabelecimento de relações heterossexuais. Por outro lado, Butler (2015), propõe que os atos de fala instituem tanto o sexo quanto o gênero e ambos teriam como propósito o endereçamento para a heterossexualidade compulsória. Monogamia e heterossexualidade seriam, em cada uma dessas perspectivas, o destino instituído nos modelos dominantes no ocidente. A ideia de cisgeneridade (DUMARESK, 2016; GOMES, 2012), contudo, indica que há algo além da monogamia e da heterossexualidade que é objeto de regulação. Nesse sentido, as características que estabelecem fronteiras entre os grupos constituídos pela regulação da diferença sexual estão em questão e comparecem na experiência do sujeito como objeto de pressão, para além da heterossexualidade e monogamia com fim reprodutivo.

2.2 Educação para a regulação do destino

Na experiência das pessoas *trans* o processo de socialização tende a transmitir as regulações da diferença sexual como da ordem de um destino estabelecido pelas características corporais. A identificação de uma parte do corpo é utilizada pela família para endereçar a criança a um grupo. Na experiência *trans*, a família endereça a criança a dois grupos tendo como referência os órgãos genitais: homens ou mulheres. As fronteiras entre estes grupos são demarcadas por outros traços que incluem os aparatos investidos no corpo e os objetos de atração sexual para o sujeito. Diferentes atividades e aparatos são associados a cada grupo: roupas, os movimentos com o corpo, acessórios, brincadeiras, a forma dos cabelos. Atividade e passividade são traços utilizados para estabelecer a que grupo a família associa o indivíduo. Atividades são divididas como próprias do grupo dos

homens ou das mulheres. Aparatos investidos no indivíduo são divididos como próprios do grupo dos homens ou das mulheres. Objetos de atração são divididos como próprios do grupo dos homens ou das mulheres.

No seu processo de socialização, o sujeito busca se estabelecer na pertença a um de dois grupos – homens e mulheres – com determinados objetos, vínculos e posições estabelecidas para cada um e implicando o apagamento, isolamento e agressão sobre as formas da sexualidade que não se encaixem ou se reduzam às fronteiras estabelecidas nos grupos.

Integrantes da família identificam a criança a dois grupos – homens ou mulheres – a partir das características corporais relacionadas à diferença genital.

[...] mas claro, nasceu com o órgão sexual masculino, o pai e a mãe vão educar pra se enquadrar no padrão social do que é ser um homem. Digamos assim (*Jara*).

A partir desse direcionamento para um grupo, na família se instaura o encaminhamento e controle sobre os aparatos e atividades, que cada indivíduo pode se apropriar e investir em si, e do objeto de atração como forma de sustentar os limites entre os grupos, entre o que podem mulheres e homens. As relações sociais que constituíram esses limites são convertidas em destino biológico. Aparatos e atividades são transformados em características naturais desses grupos como masculinos ou femininos. Nas experiências *trans*, os primeiros – aparatos e atividades que o indivíduo pode se apropriar – se constituem como centrais.

O grupo familiar tende, então, a encaminhar o indivíduo para atividades pressupostas como próprias de cada grupo constituído a partir da diferença sexual, independentemente do interesse do mesmo por elas.

Quando eu tava no jardim de infância, fazendo o jardim dois (02) três (03)... eles me colocaram no começo pra fazer balé. Num tinha muito desenvolvimento, muita desenvoltura, essas coisas. Eu não gostava! E nessa fase, tipo, num, como também num andava com as meninas, não tinha um relacionamento bom no balé (*Ubirajara*).

O modo como o indivíduo se expressa com o corpo, seus gestos, posições e movimentos são alvo de controle. O “tomar jeito” é acionado como convocação do indivíduo a se expressar segundo o modelo de homem ou de mulher.

[...] eles sabia que eu era. Né!? O jeito, assim, o jeitão tudinho[...] E tinha uma irmã minha, também, que era mais velha ainda de todos era ela, né!? Ela não gostava muito, assim, não, mas ela não batia não. Só falava: - Toma jeito! Falava uns trem assim. Minha mãe também não gostava,

assim, muito também não. Umas boa varadinha também já levei, né!?, quando eu já começava a dar aqueles gritim: Ah!... (*Kauane*).

O modo do indivíduo sentar é controlado. O corpo é, então, limitado à forma como homens e mulheres deveriam – segundo o modelo – se expressar.

Eu nunca sentei assim. Eu sentava... quando eu era adolescente, meu pai brigava comigo, porque ele falava: - Isso não é modos de menina sentar! E um dia ele jogou... (risos) Tinha um sofazinho lá em casa e eu colocava, tinha mania de sentar e colocar as pernas assim (mostra), ele pegou uma sandália e rumou na minha perna, assim. - Isso não é modo de menina sentar! Cê tem de sentar direito (*Jandir*).

Esse modo de agir e de se expressar atravessa a experiência do sujeito desde antes do seu nascimento. Ainda no útero e antes da identificação dos órgãos genitais, indivíduos do grupo familiar associam a criança ao grupo dos homens ou das mulheres a partir das atividades do mesmo. O “jeito” – modo de agir – calmo ou agitado é pressuposto como traço característicos de cada um dos dois grupos.

O seu irmão, ele tinha um jeito de na gestação dele, dele se manifestar, de mexer d’eu sentir ele, que é totalmente diferente de você. E quando foi você, não! Era calma, era tranquila e eu senti que era uma mulher (*Iara*).

O controle sobre o corpo inclui partes do mesmo que são cultivadas como traços demarcatórios dos limites do grupo. Dentre estes figura a entonação da voz. O “jeito de homem” ou “jeito de mulher” é demarcado pela forma como o indivíduo se expressa com a voz.

Inclusive, assim, voltando o assunto lá atrás, quando eu era pequena, entre nove (9), dez (10) ano, os meu irmão não aceitava de jeito nenhum. Nós somos sete (7). Não aceitava de jeito nenhum! Se chegava gente em casa, os amigo dele, eu tinha que ficar igual homem, assim: - Cria jeito de homem que meu amigo meu tá chegando aqui. E eu era criança ainda, saía gritando. Pra quê? Quando os amigo dele ia embora, ó... batia em mim (*Kauane*).

Dentre estes traços, a forma dos cabelos é cultivada, no corpo, como demarcação dos limites entre os grupos. A forma dos cabelos para indivíduos identificados a um ou outro grupo é transmitido pela família como uma exigência sobre a qual o indivíduo não tem muitas escolhas. Indivíduos identificados pela família como meninos devem, assim, manter os cabelos curtos - “Minha família cortava o cabelo muito curto, que meu pai foi militar durante um tempo. Então, assim, todo mundo rapava o cabelo, cortava muito, muito curto” (*Iara*) – e aqueles identificados como meninas, cabelos compridos.

Deixa eu ver, quando chegou em Aragarças, fui pra um colégio que foi o começo de uma fase muito negra pra mim, por que meus pais sempre me

deixaram com o cabelo comprido. Muito comprido! Ele sempre vivia amarrado. Uma trança que tipo, não tinha um fio de cabelo fora dela (*Ubirajara*).

Os cabelos são, assim, apropriados e regulados pela família como forma de demarcar no corpo de cada indivíduo a aparência associada, no modelo, a um grupo.

O grupo familiar pressiona o indivíduo para que este se mantenha dentro dos limites daquilo que integrantes da família consideram atividades e aparatos característicos do grupo dos homens ou das mulheres. Brincadeiras e roupas, entre mais, compõem esses limites. O surgimento de características relacionadas à diferença biológica na adolescência intensifica a pressão.

[...] quando eu era criança eu me identificava mais com o masculino. Eu vestia como menino; gostava das brincadeiras de menino[...] Só que, minha família, ela num gostava. Então eles me pressionavam muito pra num parecer um menino. Mas até meus doze (12) ou treze (13) anos eu parecia um menininho mesmo. Aí na adolescência foi mais complicado porque aí eles me cobravam mais ainda. Que eu era uma menina, que eu era uma menina. Mas na minha cabeça eu não me identificava como uma menina. Aí, chegou na adolescência eu morei um tempo com minha madrinha, então aí ela começou a me falar que eu era uma menina e que eu tinha que me vestir como uma menina. Ela começou a comprar saias pra mim. Eu usava geralmente bermudão e camiseta. Ou calça jeans e tênis. Aí ela me pressionou, mas eu mesmo assim eu não vestia. Ela me dava mas eu não vestia (*Jandir*).

Os interesses do indivíduo são, assim, atravessados pelo modelo que regula estes como traços característicos dos grupos. Estes traços passam a compor, portanto, a aparência considerada própria para os indivíduos assim divididos.

A apropriação de aparatos externos ao corpo é mediada pelo modelo com o qual a família se identifica. As roupas são objeto de controle, nesse sentido.

Mas quem me cobrou muito... minha irmã me cobrava muito. Ela não gostava que eu parecesse um menino. Queria... até quando eu ia sair com ela, às vezes ela me chamava pra ir numa festa com ela, aí ela dava um jeito de arrumar uma roupa dela pra eu vestir, porque a gente tinha mais ou menos o mesmo manequim. Aí ela arrumava a roupa dela. Falava: - Não! Cê vai com essa roupa aqui [...] Pra mim usar um vestido mesmo eu tinha uns dezessete (17) anos, na formatura da minha irmã, porque era formatura dela, ela falou assim: - Você não vai de ho... cê vai com a roupa que eu escolher. Aí ela me arrumou um vestido dela e me enfiou dentro do vestido dela. Passei a festa inteira sentado (*Jandir*).

A exigência sobre as roupas se estende a outros aparatos investidos no corpo. Acessórios como pochete são tomados como traços característicos de um grupo e que não devem estar presentes no corpo de indivíduos do outro grupo.

Eu lembro uma vez que eu comprei uma pochete. Minha irmã achou um absurdo. Isso era coisa de sapatão. Ela falava pra mim que eu podia ser homossexual, mas não precisava escancarar. Porque tem muitos homossexuais que são a sapatão, né!?, considerada sapatão, que se veste de homem; as menininhas que se veste mais no feminino, são também. Então ela achava que eu tinha que ficar no grupo das menininhas. Não as caminhoneira, como diz o povo no linguajar (*Jandir*).

O grupo familiar também endereça e controla o objeto de atração segundo a associação que faz do indivíduo a um dos grupos a partir da diferença biológica. Controle exercido de forma diferente. Para homens, há incitação para estabelecer relação de atração com indivíduos do grupo das mulheres.

Meus primo então... Deus que me livre! Perguntava quando que eu ia ter namorada. Falei: - Ai! Meu Deus do céu! Vou arranjar namorada agora? Pressionava... ô... demais, assim... Pergunta de jeito difícil que eu não podia responder naquele horário, assim. Falei: - Ai! Pergunta difícil é essa!? Pra mim era difícil, né!?, pra quem é, assim, hétero, deles, falava: - Ai! Eu já peguei um, já peguei outro. Eu ficava calada, assim. Não falava nada não. Saí e pronto (*Kauane*).

Para mulheres, segundo o mesmo critério, o estabelecimento de relações com o objeto de atração sexual é evitado.

Porque meus pais, eles não queriam que eu fosse uma pessoa masculinizada, mas também quando eu fazia algo feminino, como namorar um cara, eles também não queriam. Era uma coisa meio louca. O importante era eles conseguirem me controlar. Acho que o objetivo era só controlar, porque não podia fazer nada (*Ubirajara*).

Essa diferença de destinos nos vínculos indica que cada grupo deve assumir posições diferentes. O grupo dos homens parece ser pressionado para “pegar” indivíduos identificados como do grupo das mulheres e estas, a se afastarem dessa dimensão da sexualidade. Assim, além da divisão de atividades e aparatos, o vínculo entre os dois grupos implica posições diferentes quanto às experiências de prazer.

Na família comparece a expectativa de que o indivíduo se enderece ao fim reprodutivo.

E meu pai, eu entrei com processo contra ele há um ano e pouco atrás e aí a juíza deu a meu favor, porque eu mostrei o DNA. A mulher dele falava que eu não era filha dele, filho dele e aí eu tive de fazer o DNA. E deu positivo. Eu sou filho dele. Eu contei pra ele que eu tava fazendo trans... ele foi totalmente contra [...] Disse que eu nunca ia poder ter um filho e que era um absurdo[...] Ele não aceitou. Disse que pra ele é meio complicado. Não, não quis. Quando eu contei ele me incentivou a não mexer com isso. Principalmente porque eu não ia poder ter um filho (*Jandir*).

Na família, portanto, há um endereçamento do indivíduo para atividades, aparatos, objetos sexuais e fins cuja determinação é referida à diferença genital. Este processo é acompanhado de negação de outras possibilidades de dar destino à diferença, de isolamento e de violência. A negação comparece como silêncio sobre temas relacionados a esse processo.

É tipo, sexualidade, essas paradas dentro de casa era uma coisa muito mascarada. Hoje eu nem sei dizer como que é. Porque meu pai ele me conhece por foto do What's up. Da foto do perfil do What's up. Então num dá pra saber muita coisa. E era uma parada muito velada, muito velada (*Ubirajara*).

Diante do interesse do indivíduo por traços regulados como características que demarcam os limites entre os dois grupos admitidos no modelo, integrantes da família tendem a negar a existência dos mesmos.

Até no entanto, a minha mãe, um dia ela me confessando que ela num aceitava, mas na cabeça dela ela tinha total certeza que eu era um homossexual na época, né!? Que a gente tinha um nível de compreensão e da minha transformação hoje, né!? Então ela só não queria assustar, mas assim, não queria aceitar, mas ela sabia de tudo já na mente, pela minha maneira, né!? (*Maíra*).

A negação, presente na família, de formas diferentes de se destinar à diferença se desenvolve como isolamento e violência. O indivíduo é tomado como objeto de vergonha pelo grupo familiar o isolando dos vínculos com outros grupos.

E então assim, todos os lugares, por exemplo, às vezes eu não era convidada quando minha família ia pra casa de familiares, às vezes eu não ia porque tinha vergonha da minha... vergonha de ser e de ter um filho homossexual (*Maíra*).

A existência do indivíduo é negada.

Interessante que ele conversando comigo diretamente, era muito mais fácil. Nossa relação continuou fluindo muito bem. Depois que ele soube de tudo oficialmente. Que ele sabia, não oficialmente. A questão é que quando chegou a sociedade na porta dele, cobrou dele... Que a sociedade acha que tem direito, né!? Então, aí ele não soube. Aí, qual foi a resposta dele? Me renegar (*Iara*).

O isolamento e a negação da existência do indivíduo são acompanhados de violência.

E minha mãe batia mesmo, sem dó. Minha mãe e meu pai. De bater de fio, de vara... É... eles batiam de arrancar sangue. Eles não tinham dó. De ferir mesmo [...] Me batiam por chegar em casa de eu tá com roupa... de saia; tá com a maquiagem da minha mãe. Eles me batiam por isso (*Maíra*).

O investimento no corpo de coisas associadas pela família como próprios e característicos do grupo diferente ao que o grupo familiar identificou o indivíduo é alvo de violência.

Eu comecei a me travestir. E isso foi muito difícil, porque enquanto eu era homossexual afeminado, tudo bem, mas a partir do momento em que eu tava me travestindo, era outra complicação. E um dia chegando em casa as minhas roupas tava todas queimadas... Eu comecei a trocar meu guarda-roupa todinho, né!?, por roupas femininas. Aí eu cheguei em casa de noite e a minha mãe tinha colocado fogo nas minhas roupas todas. E isso eu já tava, assim, com meus dezesseis (16), dezessete (17) anos (*Maíra*).

A violência que o indivíduo sofre na relação com outros espaços e grupos é reiterada pela família.

Porque quando eu chegava do colégio, as minhas irmã falava... falava assim, é...: - Mãe, os menino fica xingando o E. de gay. Aí ela pegava... ai, me batia, né!?! - Toma jeito de homem! Não sei quê que tem... Falava as coisas pra mim, assim... (*Kauane*).

A reiteração da violência afasta o indivíduo da família.

[...] eu era acusado e lembrado que eu não tinha, não era feminino e tudo. E meus pais também me massacravam em casa. Não era só no colégio. Eles me massacravam... Eu... fui começando a me afastar muito do meu pai, porque eu percebia que eu não poderia confiar nele. Ele meio que concordava com as ofensas que eu ouvia no colégio (*Ubirajara*).

A tensão entre o grupo familiar e o indivíduo se intensifica com o desenvolvimento de características corporais relacionadas à diferença genital como as que surgem na puberdade e implica impossibilidade de manutenção dos vínculos.

E aí foi crescendo, mas assim era problemático, assim, quando minha sexualidade mesmo começou a florir, mais ainda entrando na puberdade. Foi mais problemático ainda. Porque eles não respeitavam a minha maneira de ser e eu não respeitava a deles. E a gente batia de frente. Até um ponto de não dar mais certo a convivência (*Maíra*).

O grupo familiar, assim, endereça e pressiona o indivíduo para que este se limite aos aparatos atividades e fins regulados como característicos dos grupos dos homens e das mulheres e determinados pela diferença genital. O faz por meio também do isolamento e da violência. O processo de socialização do indivíduo na família comparece assim como determinante na transmissão das regulações culturais sobre a diferença genital. O empenho da família em fazer o indivíduo se limitar aos dois grupos e às atividades, aparatos e fins associados a cada um deles revela a dimensão das relações sociais na regulação da

diferença genital e seus destinos. Nesse processo, a família é atravessada também por outros grupos.

A verdade era essa, porque eles se sentiam reprimidos pela sociedade, de ter um filho gay, e eles também sentiam vergonha, na verdade, assim, por né!? de morar no interior e tal; das pessoas não aceitarem; e de querer que eu fosse um menino, um rapaz masculino e tudo e que não era a realidade. Então, assim, foi um choque, mas eu vejo assim que não fui eu que decepcionei eles. É porque, tipo assim, a pessoa cria expectativa: - Ah! Ter um filho homem, vai ser assim, assim, assim, né!?, e tal. Então, eles mesmos criam uma ilusão e se decepcionam e criam aquele futuro que me deram, na verdade. - Ah! Vai ser um homem hétero; vai me dar netos; vai casar; vai num sei o quê... Eles planejaram isso. Quando eles viram que eu não segui isso, então foi um choque pra eles. Então eles mesmos se decepcionaram com a expectativa que criaram em cima de mim (*Maíra*).

A religião comparece como um desses atravessamentos que mediam a relação da família com o indivíduo quanto aos destinos da diferença.

Ah! Mas pra eles... ainda mais que eles é crente, então [...] São evangélico. Deus que me livre! Acho que eles me queimava, assim, logo. - Queima! (riso) Aí por isso que eu não assumi muito, assim... eles sabia que eu era. Né!? O jeito, assim, o jeitão tudinho. Mas eu assumi mesmo, assim, falar: - Eu sô! dentro de casa, nunca falei não. Por mais que eu tive coragem mais foi mesmo por foto mesmo e longe daqui, né!? Que se eu for ouvi alguma coisa, não ouvia nada. Tô lá fora mesmo. Se eles achasse ruim, eu ficava lá muito tempo pra lá pra fora. Acho que nem voltava aqui mais (*Kauane*).

Na família, portanto, o indivíduo é endereçado e pressionado a se limitar à regulação da diferença genital em torno de objetos de atração, forma como deve ser mantidas partes do corpo, aparatos que podem ser investidos no corpo e atividades. O indivíduo é, assim, objeto de controle. Entretanto, ele vai constituindo formas de resistência, se protege e se afasta.

Ao ser isolado pela família, o indivíduo desafia a interdição desta quanto a aparatos de investimento no corpo: “Me maquiava, passava batom, usava saias da minha mãe, vestia as roupas da minha irmã... (*Maíra*).

Para evitar agressões, o indivíduo se protege não se assumindo.

Aí depois, com o tempo, eu não assumi pros meus pais, minha mãe porque antigamente tinha receio e medo... assim, eles achar ruim e vergonha, né!? Tipo assim, da família também, né!? (*Kauane*).

O indivíduo desenvolve estratégias como dizer o que a família quer ouvir. Diante a uma oportunidade de trabalho que representa condições de vida e distância em relação à

pressão da família, o indivíduo fala para a família uma história que facilite a aceitação por parte desta.

E com seu pai e sua mãe? - Aí não! Pro meu pai e pra minha mãe nós fala que eu vou trabalhar num salão de beleza. Ela falou: - Então tá! Eu tenho um amigo que trabalha num salão, vou falar pra ele e conversar... Ela conversou com ele, né!?, falando que ele tinha um salão lá na Europa, que eu ia ser transferida pra lá, né!? Trabalhar lá. Aí quando eu falei pro meu pai que eu ia pra Europa... ele falou: - Cê vai fazer o quê lá? Cê num vai sozim. Minha mãe falou: - Ai! Cê num vai. Falei: - Não! Trabalhar no salão de beleza. Aí - Cadê esse rapaz que tá te arrumando? Aí eu fui lá no salão do rapaz, ele pegou e confirmou: - Não! Trabalhar pra mim, assim, assado (*Kauane*).

Diante do isolamento em relação a outros grupos e relações, como namoro, o indivíduo encontra espaços e atividades que a família aceita.

Eu não podia ir nas festas que ela ia. Eu ficava assim: que droga, né! Que brochante! A única coisa que a gente saía junto era por Café Filosófico que tinha na Bolshoi Pub. Que na época meus pais apoiavam muito assim que eu fosse e tudo porque era minha chance de ver uma discussão muito boa pra ajudar no vestibular, assim, lá (*Ubirajara*).

O indivíduo busca formas de se aproximar de atividades com as quais se identifica num movimento de negociação.

Eu falei pro meu irmão: - Ai! Odeio graxa! Ele escutou e falou: - Cê quer ser o quê então na sua vida? Cê tem que escolher alguma coisa na sua vida. Aí eu peguei, fui e falei: - Cabeleireiro. - Cê quer ser barbeiro. Ele entendia como barbeiro, né!? Falei: - É! Barbeiro. - Então arruma um curso então que eu pago pra você. Mas eu quero ir lá nesse curso, quero ver tudo direitinho. Falei: - Tá! Aí eu peguei e fui no Senac. Ele falou: - Cê vai fazer o curso que hora? Falei: - Ó! Como eu tô aqui de manhã, né!?, tem que vir pra cá de manhã, tem à tarde e à noite. Mas eu prefiro à tarde. Pra já sair da oficina, né!? E à noite eu vou estudar. Aí ele: - Ah! Então tá bom então. Então tá certo. Aí foi mó.. foi tranquilo. Aí depois de lá fui trabalhar no salão lá na Vila Brasília, né!?, como eu falei. De lá, eu peguei e fui saí da oficina, fui trabalhar no salão de terça à sábado e estudava à noite. Aí eu peguei, saí do colégio e fui pra noite (*Kauane*).

O indivíduo também busca informações.

E foi quando eu comecei a ter internet rápida, tinha computador no meu quarto, via muita pornografia. Era meu contato assim com sexualidade era pornografia e tudo. E começava a pesquisar sobre homossexualidade e tudo.

O indivíduo também se nega a atender às pressões familiares.

Aí, chegou na adolescência eu morei um tempo com minha madrinha, então aí ela começou a me falar que eu era uma menina e que eu tinha que me vestir como uma menina. Ela começou a comprar saias pra mim. Eu usava geralmente bermudão e camiseta. Ou calça jeans e tênis. Aí ela me pressionou, mas eu mesmo assim eu não vestia. Ela me dava mas eu não vestia (*Jandir*).

O indivíduo se afasta, também territorialmente.

Aí, com dezesseis (16) anos, por aí, eu peguei e viaje... ah... dezesseis (16) ano eu peguei e fiquei um pouco escondida. Eu queria assumir e não assumi. Só assumi mesmo quando eu fui pra Europa, mesmo, que eu assumi. Que eu tava longe da minha família tudinho. Aí lá eu peguei e escrevi uma carta pro meu pai e minha mãe e assumi que eu era... Mandei uma foto já com peito e escrevi: - A partir do momento, hoje em dia, como cê tá vendo essa foto, eu sou desse jeito agora. Meu pai não gostou muito bem não. Achou ruim, né!? Pegou a foto, olhou assim, jogou de lado assim, falou pra minha irmã, a E.: - Seu irmão agora é ela. Aí depois, quando eu tava lá na Europa, eu peguei, fui e liguei, né!?: - Assim, cês viu as foto? - É, meu pai não gostou... Ela pegou e falou, né!?: - Meu pai não gostou muito não! Falei: Ah! Vai acostumando então! Por mais que eu tive coragem mais foi mesmo por foto mesmo e longe daqui, né!? Que se eu for ouvi alguma coisa, não ouvia nada. Tô lá fora mesmo. Se eles achasse ruim, eu ficava lá muito tempo pra lá pra fora. Acho que nem voltava aqui mais (*Kauane*).

Esse processo de tensão quanto aos destinos do indivíduo em relação à diferença sexual continua na escola como espaço no qual a diferença sexual ganha novos contornos em relação aos vínculos com colegas e profissionais. É na experiência escolar que aparece a nomeação do indivíduo, por parte do outro, como pertencente a grupos como gays e lésbicas. Por outro lado, esse processo é constituído por preconceitos e atravessado pelos valores comuns aos das famílias, que se expressam na pressão de colegas e profissionais pela sustentação da diferença sexual como naturalmente constituinte de dois grupos. Esses grupos figuram na escola como meninos-homens e meninas-mulheres, em relação aos quais há fronteiras bem demarcadas. Atravessar tais fronteiras implicou ser identificado como pertencente a outros grupos e sofrer formas variadas de violência.

Colegas vigiam e pressionam o indivíduo quanto às características que demarcam os grupos dos homens e das mulheres e são divididas como masculinas e femininas.

E foi quando eles começaram a fazer as ofensas baseando em questões de gênero e tudo. Eu tinha dez (10) onze (11) anos passou a ficar mais sexualizado. Passei dois (2) anos na escola. Ah... eu era acusado e lembrado que eu não tinha, não era feminino e tudo (*Ubirajara*).

Traços do indivíduo, como o objeto de atração sexual, são alvo de controle por meio de exposição e isolamento. Entre estudantes, comparece, assim, limites para a manifestação do indivíduo quanto ao objeto que lhe atrai.

Só que ao mesmo tempo nesse colégio eu tive a maior treta de colégio da minha existência. Assim... porque tava afim de uma menina. E eu fui falar com ela. E ela não era lésbica. Então ela só não quis como me expôs pro colégio inteiro. Foi um problema muito grande. Eu fiquei marcado.

Hum... Ninguém chegava perto de mim pra ser meu amigo (*Ubirajara*).

Os limites entre os grupos dos homens e das mulheres, como vimos no processo de socialização empreendido pela família, são constituídos por traços no corpo que são cultivados como distintivos entre os grupos e aparatos que podem ser investidos no corpo. Na escola, entre estudantes, estes traços são reiterados. A presença de elementos regulados como característicos de um grupo em indivíduos de outro grupo dá lugar a nomeações discriminatórias e xingamentos. A presença de traços atribuídos ao grupo das mulheres em indivíduos endereçados ao grupo dos homens se torna, assim, objeto de controle por meio de nomeações com intenção vexatória.

E muitas vezes os menino do colégio me xingava, né!? Falava: - Ah! Você é gay. Eu falava: - Ai! Quê que isso!? Uma vez eu pensava: - Ah! Gay? Me chamou de gay porque? - Ah! Cê parece mulher, num sei quê que tem. Eu: ãh! Aí eu fiquei assim: - Ai, meu Deus do céu!

A pressão para que o indivíduo sustente os limites entre os grupos dos homens e das mulheres se desenvolve também na forma da violência. Características reguladas como femininas e presentes num indivíduo destinado ao grupo dos homens se torna alvo de agressões.

E nisso eu comecei a ter muito constrangimentos nas escolas, porque eu era uma criança que a minha sexualidade era muito exposta, muito visível. Era afeminado, super, super afeminado na maneiras de falar, nos meus gestos... Então sempre tinha bullying. Por exemplo, eu tava numa fila do lanche, cuspiam no meu lanche; [...] E eu tinha o maior problema, porque, tipo assim, eu tinha um pouquinho de seios, e tal... Então uma vez nós estávamos na piscina, nós estávamos lá, e eles começaram a me tocar e me segurar e começou, tipo assim... Na verdade era um estupro! Mas na época eu não levei, assim, não comentei com ninguém. E, tipo assim, nas escolas eu era uma criança muito problemáticas pelo fato, assim, além de eu não ser aceita, as pessoas não só aceitam como maltratam (*Maíra*).

O preconceito e a violência constituem o ambiente escolar como hostil ao indivíduo, que tem limitada a satisfação de necessidades básicas como o uso do banheiro. O indivíduo passa, assim, a ter de buscar formas de se afastar de situações de abuso.

Eu fui no banheiro masculino, né!? Eu esperava o recrei acabar, depois ia no banheiro. Porque não ia junto com os menino. Uma que fazia bagunça comigo lá dentro. Fui no banheiro e coincidiu d'eu ir no banheiro, e como meu colégio era grande, foi um também pro banheiro. Só que esse menino começou bat... ele me viu que eu tava no banheiro e empurrou a porta assim e entrou. Falei: - Sai daqui de dentro. Ele fazeno aquelas bagunça assim, chegou um aluno assim, parece que viu... e eu botando, colocando ele pra fora... Falei: - Sai daqui! Cê tá doido!? Ele: - Não! Vem aqui dá uma pegadinha aqui (*Kauane*).

A satisfação de necessidades básicas do indivíduo fica restrita a conseguir se desvencilhar de situações em relação a colegas, fazendo com que o tempo e o espaço de uso de locais como o banheiro seja reduzido e, mesmo assim, possa requerer condições de se livrar de uma relação de abuso. Os problemas, contudo, podem começar logo no início do período letivo, quando a entonação vocal se torna alvo de colegas.

Porque na hora, assim, no começo do ano chama... lógico que eu ia como homem mesmo, né!?... chama a gente pelo nome, aí eu falava: - Presente! Os menino já vê, né! - Iuhhh! Aí já começa a falar. Até no meio do ano já acostuma, né!?, mais um pouco. - Ah! Deixa pra lá! Porque no começo do ano é tipo, pra eles, uma surpresa, eles fica assim: ãh! Né!? Aí no meio do ano, desiste, né!?, de estudar, né!? E muitos aluno, mas não quer nada também, né!? E conforme vai passando os ano, já briguei já com vários por causa disso (*Kauane*).

A diferença constitui-se como desigualdade deixando livre a manifestação da atração heterossexual em contraposição à homossexual, bem como incidindo sobre as possibilidades de apropriação pelo indivíduo de objetos/aparatos culturais que gostaria de investir em si mesmo.

E assim, eles era muito cavalheiro com as menina e comigo fazia era xingar, né!? - Ó o gay! Ó não sei quê que tem... nhê, nhê, nhê... Nessa época, assim, né!?, o tratamento é totalmente diferente. Num é igual: cê vai tratar eu, vestida todo de homem ali e os home vão falar: - Aceita, isso aqui? Mais é pras menina, né!? Assim, né!? Eles já bajulava naquela forma assim de gostar de menina, né!? Eu não! Conversava com elas, mas era mais por questão de amizade mesmo. [...] E tinha os namoradim que eu tinha também no colégio. Mas não é que eu ficava, só psicologicamente eu ficava assim: - Ai! Que menino lindo, assim... Ficava pensando. Fazia amizade com ele, mas nunca demonstrei, nunca falei, nunca falava: - Ai! Eu gosto de você. Ai! Não sei o que é que tem. Só mandava algumas cartinha só, mas não colocava... na hora do recrei (riso) eu via que a pessoa lia e ficava procurando quem era. E mudava até a letra também, né!? (*Kauane*).

Quanto à relação com profissionais na escola, estes também exercem pressão sobre o indivíduo quanto a características constituídas como limites entre os grupos dos homens e das mulheres. Profissionais pressionam para que o indivíduo se mantenha no grupo ao qual este foi endereçado.

Meu convívio na escola era bem legal, na verdade, nessa época num... num era acusado de ser uma menina muito masculinizada e tudo. Era muito de boa. Consegui conviver com os meninos, sempre andava com os meninos, às vezes a psicopedagoga me enchia o saco porque eu não andava com meninas. Ela perguntava: - por que você não anda com as meninas? - Porque eu acho elas chatas! (*Ubirajara*).

Diante de situações de preconceito e violência, profissionais tendem a responsabilizar o próprio indivíduo ou ignorar tais situações.

Aí eu peguei, falei assim: - Não! Vou pegar em nada em você não! Cê tá doido!? Daí querendo... empurrando a porta, assim. Aí um aluno parece que viu, chamou a professora, a professora foi pegou... Engraçado, pegou só eu e me levou pra secretaria! Ele não! Nem sei quê que foi feito dele. E da secretaria, pegou e me trouxe na casa da minha mãe de carro. Olha! E falou mundos e fundos. Falou: - Ó, seu filho... Eu não escutei muito assim... Minha mãe: - Vai lá pra dentro! Eu só sei que minha mãe veio com uma vara bem grande me deu umas... me bateu, né!? Única coisa que ela falou foi a respeito do banheiro então, né!? Fui pega no banheiro, fui lá pra diretora, ela me pega, deixa de castigo até cinco (5) hora, depois me pega de carro e me traz em casa!? E fala um mundo de coisa pra minha mãe!? Aí eu vou apanhar assim!? Então foi... E eu pensei: - Ah!... E o menino, porque que ela não levou ele pra casa do menino também. Porque foi tipo um assédio da parte dele (*Kauane*).

A diretora, portanto, age sobre a criança que sofreu tanto a violência de ter de encontrar momento oportuno para não ser agredida por colegas quanto de ter sido efetivamente assediada no banheiro. O assédio parece desaparecer diante da identificação do indivíduo como um menino afeminado.

A instituição escolar, de forma geral, pode se colocar de forma indiferente frente aos vínculos que implicam preconceito, violência e não reconhecimento dos indivíduos. O que aparentemente se trata de uma questão restrita aos vínculos entre estudantes, se desenvolve como posição profissional e institucional.

E nem a coordenação e os professores me ajudavam. É muito bizarro! Como a gente vai estudar em paz se eu tenho de ficar pensando o tempo inteiro: Ah... tão olhando! Tão reparando! Tão fazendo num sei o que! (*Ubirajara*).

A escola, portanto, aparece como lugar de pressão para que os indivíduos se adaptem a um modelo de sexualidade, que incide tanto sobre a escolha de objeto amoroso quanto sobre os caracteres que marcam no indivíduo os limites entre grupos.

O nome dos indivíduos também é objeto de controle sobre as fronteiras entre os grupos dos homens e das mulheres. Essas fronteiras, estabelecidas na linguagem para separar o masculino do feminino, também comparecem na escola. Profissionais e colegas podem resistir à mudança de nome como forma de manter tais limites demarcados. Mesmo após a regulamentação pela administração da universidade quanto ao uso do nome social ou do indivíduo requerer a mudança de nome, o uso do mesmo no cotidiano não é garantido.

Bom, quando eu comecei o processo transexualizador eu fazia faculdade. Pra mim era muito ruim, porque no primeiro semestre na minha chamada era *Jandira*. E aí todo mundo acostumou me chamar no feminino. E quando foi no segundo semestre, eu consegui na faculdade trocar pra *Jandir*. Mas mesmo assim me tratavam no feminino, porque cê segue junto com a sala, né!? É aí o pessoal já tinha acostumado no feminino. E aí eles não me tratavam no masculino, então era complicado. Mesmo eu me vestindo masculino e meu nome na chamada sendo *Jandir*, eles não me tratavam como *Jandir*. [...] Professores, colegas... até os professores. Teve professor que evitou me chamar. Eles viam que eu tava na sala de aula e [...] colocavam presença. Olhavam e colocavam presença, mas não falavam meu nome (risos). Porque me conheceram no feminino e trocou pro masculino. Não sei por cargas d'água eles não me chamavam. Só colocavam presença. Eu falava: tudo bem! Aí eu achei aquilo bem complicado, então me ajudou a querer parar o curso (*Jandir*).

Na universidade, mesmo havendo regulamentações do uso do nome social, o indivíduo se depara com a resistência de professores e estudantes que não reconhecem o nome social.

Os professores geralmente respeitavam isso e correspondiam. Problema eu tive com um só professor, não foi nem sala de aula, foi num grupo de estudos. Esse professor que participava do grupo de estudos, ele não respeitava o nome social. Então, assim, talvez porque, quando ele me conheceu, no início, ainda não tinha feito uma transformação física tão grande. Então, aí teve esse período que você usa os dois nomes, né!?, ainda. Então o civil ainda era mais oficial, assim. E ele depois, mesmo percebendo meu processo, vendo que eu usava o nome social, que todo mundo usava o nome social e que já era um prática... mas ele me conheceu nesse período. Aí, de repente, nós discutimos muito na universidade sobre a questão política do nome social. Foi... teve a resolução. Depois que baixou a resolução, todos os cursos já receberam uma cópia da resolução, ele não respeitou a resolução. Ele ainda continuou uns cinco (5) meses usando o nome civil. Então, assim, me constrangia publicamente o que ele fazia isso em público. E os colegas chamavam a atenção dele. E depois de um período, ele percebeu finalmente. E ele passou a me chamar... nenhum nome. Nenhum nome pra se referir a mim. Isso foi... agora ele já mudou muito. Ele já mudou muito (risos). Então, agora não. Ele percebeu que ele tava errado... (*Iara*).

A pressão escolar para se adequar a um modelo de sexualidade ou a posição de indiferença frente à agressividade relacionada pode implicar em intensificação do processo de isolamento do indivíduo da escola. A possibilidade de apropriação da cultura representada pela escola é negada.

Eu fui até a sexta. Meu pai já falou, depois que eu completasse dezoito (18) ano eu podia fazer da minha vida o que eu quisesse, né!? Aí eu fiquei repetindo quinta, fiquei repetindo quarta, sexta. Fiquei repetindo tudo. Aí quando eu peguei e completei dezoito (18) ano eu peguei e saí [...] Eu trabalhava no salão, estudava à noite. Aí eu falei: - Ah! Vou é sair

logo desse colégio. Aí eu peguei, saí, nunca mais voltei. Aí eu vi que na rua eu ganhava muito mais que ficar no colégio. (risos) Ainda conseguia ainda uma viagem pra Europa. Se eu ficava estudando, sei lá. Talvez ia ser alguma coisa, né!? (*Kauane*).

Na escola, assim, as regulações sobre a diferença genital atravessam a experiência do indivíduo, reiterando elementos presentes desde a socialização na família e se desenvolve como preconceito, isolamento e violência sobre o indivíduo. Contudo, assim como em relação à família, o indivíduo desenvolve formas de proteção.

O indivíduo esconde os traços que são objeto de pressão do outro sobre ele. Diante das interdições e controle sobre o objeto de atração sexual, o indivíduo cria estratégias. Ele inibe a demonstração de sua atração.

E tinha os namoradim que eu tinha também no colégio. Mas não é que eu ficava, só psicologicamente eu ficava assim: - Ai! Que menino lindo, assim... Ficava pensando. Fazia amizade com ele, mas nunca demonstrei, nunca falei, nunca falava: - Ai! Eu gosto de você. Ai! Não sei o que é que tem. Só mandava algumas cartinha só, mas não colocava... na hora do recrei (riso) eu via que a pessoa lia e ficava procurando quem era. E mudava até a letra também, né!? (*Kauane*).

E também inibe o modo de se expressar e o investimento de aparatos em si.

Ou se não eu tinha que ficar igual a eles, né!?: bajular as menina, né!? Mas só que eu não, né!? Bajulava numa forma diferente: de amizade mesmo. Eles já bajulava naquela forma assim de gostar de menina, né!? Eu não! Conversava com elas, mas era mais por questão de amizade mesmo. Olhava o jeito delas, assim, tudinho, ficava prestando atenção... Ia fazendo igual. Mas muitas vez tinha que dá uma freitada, né!? Porque eu era novinha, né!? Então não podia me igualar igual à elas e me vestir de mulher. Se não ia chocar a escola, né!? Ainda mais naquela época, então (*Kauane*).

Para enfrentar o assédio, indivíduo busca espaços e momentos em que se sente mais seguro. Mesmo assim, não fica totalmente protegido e se depara com situações que enfrenta.

Eu fui no banheiro masculino, né!? Eu esperava o recrei acabar, depois ia no banheiro. Porque não ia junto com os menino. Uma que fazia bagunça comigo lá dentro. Fui no banheiro e coincidiu d'eu ir no banheiro, e como meu colégio era grande, foi um também pro banheiro. Só que esse menino começou bat... ele me viu que eu tava no banheiro e empurrou a porta assim e entrou. Falei: - Sai daqui de dentro. Ele fazeno aquelas bagunça assim, chegou um aluno assim, parece que viu... e eu botando, colocando ele pra fora... Falei: - Sai daqui! Cê tá doido!? Ele: - Não! Vem aqui dá uma pegadinha aqui. Aí eu peguei, falei assim: - Não! Vou pegar em nada em você não! Cê tá doido!? (*Kauane*).

O indivíduo se protege da violência e do preconceito retornando a agressividade que o outro lhe destinou.

E eu estudava junto das minhas irmã, nessa época, c'as minha irmã mais nova. Da minha idade, quase da minha idade. Aí eu ficava com vergonha delas, né!? Aí eu pegava e brigava com os menino pra eles pararem de ficar me xingando de gay. Porque quando eu chegava do colégio, as minhas irmã falava assim: Mãe, os menino fica xingando o E. de gay. Aí ela pegava... ai, me batia, né!? - Toma jeito de homem! Não sei quê que tem... Falava as coisas pra mim, assim... Porque os menino me xingava de gay... Aí eu pegava, pra revidar, assim, né!?, pra deixar eles bem furiosos, eu xingava a mãe deles de puta. Falava: - Ai! Sua mãe é uma puta! Pra deixar eles bem com raiva mesmo, que eles me xingava de gay. Eles assim: - Ô gay! Eu falava: - Ah! É!? E sua mãe que é puta!? Num te dá educação... (*Kauane*).

O indivíduo constitui vínculos com outros que são objeto de preconceito.

Fiz amizade com a outra pessoa esquisita da sala, tinha três pessoas esquisitas. Eu, o C., que era considerado esquisito porque era o cara mais gordo da sala, e uma outra menina, acho que chama F., que ela era excluída porque, ela era de uma família tipo a família Winsley, do Harry Potter, sabe, a família bem pobre, com muitos filhos (*Ubirajara*).

Também se aproximando e constituindo vínculos com outros que não o tratam com preconceito e violência.

Eu tinha quinze (15) anos. E não tinha receio. É... deixa eu ver isso é dois mil e onze (2011). Hum... e eu comecei a fazer isso tipo com a C. que... que tipo desde que eu conheci ela, ela nunca foi homofóbica. E o R. (*Ubirajara*).

O indivíduo também negocia com o outro.

Eu conversava com os professores, explicava a minha realidade, a importância deles utilizarem o nome social, falava da resolução que já tinha no Ministério da Educação, sobre o assunto. Nós tínhamos três (3) resoluções: Ministério da Educação, da Saúde e do Gestão e Planejamento. Então, assim, eu conversava com eles sobre isso e falava, orientava: - Olha! Como a universidade não regulamentou, você pode colocar à lápis na chamada pra poder não correr o risco de chamar o nome civil que tá lá registrado (*Iara*).

Entretanto, as estratégias de permanência na escola podem não ser suficientes e o indivíduo se afasta deste espaço.

Eu fui até a sexta. Meu pai já falou, depois que eu completasse dezoito (18) ano eu podia fazer da minha vida o que eu quisesse, né!? Aí eu fiquei repetindo quinta, fiquei repetindo quarta, sexta. Fiquei repetindo tudo. Aí quando eu peguei e completei dezoito (18) ano eu peguei e saí. Eu trabalhava no salão, estudava à noite. Aí eu falei: - Ah! Vou é sair logo desse colégio. Aí eu peguei, saí, nunca mais voltei. Aí eu vi que na rua eu ganhava muito mais que ficar no colégio. (risos) Ainda conseguia

ainda uma viagem pra Europa. Se eu ficava estudando, sei lá. Talvez ia ser alguma coisa, né!? (*Kauane*).

As experiências *trans* se compõem também, para além da família e da escola, de vínculos com outros grupos. Indivíduos, grupos e organizações com os quais são estabelecidas relações afetivamente próximas ou distantes. Pessoas desconhecidas ou amigas implicaram nos destinos do indivíduo como auxiliares ou adversários. Experiências de prazer e desprazer mediadas pelas identificações com modelos-ideais de sexualidade nos quais ora a intersexualidade, travestilidade e transexualidade são negadas e ora são reconhecidas. A presença do indivíduo nos grupos é mediada pela reiteração dos modelos que regulam a diferença sexual com os quais os indivíduos presentes nesses grupos se identificam.

Na relação com os grupos o indivíduo não é reconhecido como integrante daquele grupo ao qual se identifica.

[...] o que eu considero a principal forma de transforbia? Que é... – Tudo bem! A gente aceita você, mas você não é mulher! - Entendeu? – Aceitamos você como uma figura feminina, mas não como mulher. – Não perceber, não se abrir pra perceber quem você realmente é [...] – Eu aceito você como uma pessoa feminina, como um ser feminino, como transexual, como travesti, como sei lá o quê... mas não como mulher. - Mas quando a pessoa faz isso, isso é o maior preconceito porque ela invisibiliza o meu ser. Ela tá me suportando socialmente, mas ela tá invisibilizando a minha real identidade. Que minha identidade não é transexual, é de mulher (*Iara*).

A aceitação é condicionada à transformação cirúrgica.

[...] a dificuldade maior é como que... parece que essa questão, ainda pra muita gente na sociedade, você só é mulher após a cirurgia. Você só é mulher com a vagina (*Iara*).

Serviços públicos não reconhecem o indivíduo e não usam o nome social.

Eles colocam entre aspas o seu nome feminino, porque lá eles não usam, burocraticamente falando, eles não usam o nome social. Mas lá no TX eles te tratam somente no seu nome social. Porque eles já fazem parte do processo e já têm um conhecimento, né!?, afim, com respeito de tudo. Então eles te tratam só no nome social. Mas, quando cê vai fazer, por exemplo, tirar *check in* lá eles te tratam no seu feminino. Pegam sua identidade e pra fazer a mudança de nome é bem complicado. Não é fácil! Cê tem que entrar com um processo e demora. E cê tem que provar por “a” mais “b” que você é um transexual mesmo (*Jandir*).

Os vínculos com os grupos também implicam interdições quanto à vivência da sexualidade.

E que eu sei por exclusão da sociedade eles não têm essa coragem de falar assim: - Olha! Tá! Eu vou enfrentar isso contigo, porque é enfrentar isso comigo. Um homem que está do meu lado, se eu sofrer preconceito, ele vai sofrer também. Se eu tô contigo, te amo, sou sua companheira, se alguém falar assim na sua cabeça numa coisa, eu vou ficar ofendida com isso. Então, ele tá comprando, sem querer, entre aspas, uma briga pra ele. Então tem muitos caras que falam: - *perfumista*, eu não suportaria eu tá num lugar e um cara fazer uma coisa dessa contigo, alguma coisa, falar alguma coisa... eu ia meter logo um trem na cara. Eu não tô preparado pra chegar lá, minha família virar a cara pra ti. E eu sei que eles fariam isso. E isso me impede de estar contigo [...] Então, o que é ruim, é que muitos homens que eu poderia estar aí de boa, andando de mãos dadas e tudo, eu tenho de estar ocultamente com eles (*Maíra*).

A exigência de se adaptar a um modelo-ideal de sexualidade único e uniforme implica, portanto, a necessidade de estabelecer relações ocultas e institui dois grupos quanto aos relacionamentos amorosos: um composto pela relação oficial com a qual se pode aparecer publicamente e outro pela relação oculta, destinada ao privado.

E a segunda problemática que eu enfrento é na relação íntima com meus parceiros, né!? Porque eu sou a mulher que eles procuram por prazer, pra cama, mas quantos deles saem na rua comigo? Quantos deles vai ao cinema comigo? Pegam na minha mão e andam ao meu lado? Entendeu? Eu não tenho namorado, mas eu tenho parceiros. Então, pra mim, isso é uma barreira muito grande. E que demonstra, claro, o preconceito neles, o preconceito que a sociedade tem, sobre uma mulher na minha circunstância, e que vai cobrar deles se eles namorarem uma mulher assim. Porque namorada, ela é assumida oficialmente, a amante não. Então o problema não é ser amante. O problema é ser namorada. E ao mesmo tempo é um problema pra mim, porque eu tenho, claro, a necessidade de afetividade, do relacionamento interpessoal com um parceiro e os homens que eu tenho disponível na sociedade não foram preparados pra lidar com isso, né!? Então, assim, isso é muito delicado. E eles me reconhecem como mulher, mas não sabem como lidar com a sociedade. A maioria é isso (*Jara*).

Uma família, movida por preconceito, pode deixar uma pessoa, que não conhece o país em que está, na rua, em condições extremas.

Quando eu cheguei lá que as pessoas que iam me receber viram que eu era gay, foi uma rejeição também. Falei assim: - Tô fodida agora. Cheguei aqui, o povo não quer me aceitar na casa, tal, daí nem arrumar trabalho porque eu sou gay, tã, nã, nã, nã. E nisso eu disse: - O quê que eu vou fazer agora? Aí meu dinheiro acabou. Quando eu cheguei em casa, minhas malas tavam pra fora. Eles colocaram, no inverno da França, minhas mala pra fora. E eu peguei e comecei a rastar essas malas na rua, naquela neve, sabe?, pesado (*Maíra*).

O isolamento, que vai se constituindo em torno das pessoas *trans*, restringe as possibilidades de vida e implica naturalização de determinados destinos. A pressão para

trabalhar em determinadas atividades, como os serviços sexuais, são endereçadas ao indivíduo.

Então assim, o momento mais, assim, doloroso foi que quando, assim, eu procurava ajuda, as pessoas falavam assim: - Nossa! Mas porque que você não faz programa? Porque que você não faz isso? Quê que isso? Tã, nã, nã, nã, nã... Cê fica sofrendo assim. E não era isso, cê entende?, que eu buscava. E não era isso que eu acreditava. E já tinha tantas pessoas nas minhas condições que já faziam isso, que eu queria fazer diferente. E que, como eu me sentiria também a cada dia com um homem diferente ali no meu corpo? E o corpo é muito mais que uma carruagem, que um meio de transporte da matéria. E o corpo é um templo nosso. Então assim, eu fiquei surtada de falar assim: - Velho! Eu aqui na merda e tudo e o povo me oferece de prostituição e tal! Se for pra mim limpar chão, se for pra limpar bunda de velho, se for pra... vou fazer, mas... Sabe? Assim, fiquei triste. Mas não menosprezando esse mundo ou destratando quem faz isso. Mas eu não queria aquilo pra mim. E conheci, assim, conheci uma prostituta e ela me levou em meios que eu vi uma realidade, assim, é pesadíssima. Aí eu tinha certeza que era um mundo que eu não queria pra mim (*Maíra*).

A pressão é exercida também em torno de aparatos a serem investido no corpo.

Tipo assim: cê explica, explica, explica... as pessoas olham, continuam querendo que você fosse... não um transexual (riso). Então as pessoas no final das contas não entendem. Aí ele: - Não! Tá... cê era muito bonita. Olha aqui na foto! Tava colorido e tudo, na foto eu tava com o cabelim aqui assim, já cortado, mas tava com brinco; com uma camiseta mais feminina... Aí ele: - Não! Tava de batom. Que às vezes eu passava um batom e um lápis. Era a única coisa que eu passava. Eu nunca gostei de maquiagem. Mas de vez em quando eu passava um batom e um lápis. Lápis eu não gostava porque eu tinha preguiça de tirar. Batom cê ainda passa um trem tira rapidinho. O lápis fica dois (2), três (3) dias, cê num... Nossa! É um saco. Eu odiava passar. Nossa! Não gostava de passar. Uma vez minha prima me maquiou pra ir na festa de formatura da minha irmã. Quando eu olhei no espelho, menino do céu! Quase que eu tirei a maquiagem todinha [...] Eu falei: Não! Quero não! Não gosto. Passa um tanto de coisa. Não! Mas eu nunca gostei não. Passava porque a sociedade em si, as pessoas, elas te exigem as coisas. E aí pra não ser tão cobrado eu passava. Mas não era uma coisa que eu gostasse muito (*Jandir*).

Nos vínculos com outros grupos, como os religiosos, o indivíduo sofre preconceito e é isolado.

É... de eu chegar numa igreja, por exemplo, e os irmãos... tem a parte que termina o culto, né!?, e os irmãos se saúdam. Eles falam 'ósculo santo', que é um beijo no rosto. E de irmãos rirem da minha cara, ou de não me cumprimentar porque eu era afeminado e tudo. Por exemplo, de eu tá no culto dos jovens menores que as crianças fazem, recitam uma parte da bíblia, e quando eu ia recitar sempre tinha risadas, críticas... (*Maíra*).

Isolamento que comparece nas possibilidades de trabalho. Diante de informações sobre o indivíduo, este perde oportunidades de emprego.

Por exemplo: chegar numa entrevista de hotel, almejava trabalhar naquele hotel, ganhar super bem. Passei na entrevista. Quando eles viam meus documentos masculinos, fechavam a porta (*Maíra*).

Esse processo de isolamento se desdobra na forma da violência que perpassa a experiência do indivíduo com os demais grupos. Pessoas conhecidas e desconhecidas agredem e expõem o indivíduo. Pessoas desconhecidas tomam o indivíduo como objeto de agressão em espaços como a rua.

Desceu uns cinco (5) caras de um caminhão e começou a me espancar na rua. E quebrou meu dente e tudo, arregaçou minha cara. E eles só pararam porque minha mãe começou a gritar na rua e o povo saiu pra fora e viu aquilo [...] Foi muito tenso, assim, que eu fiquei meio que traumatizada, meio no começo assim, que eu ia dormir, eu não conseguia dormir, eu via a cena, assim, no meu sonho. O que cê vê o cara quebrou minha boca, sabe?, quebrou meu dente e tudo. E eu fiquei assim... não imaginaria, assim, tamanha selvageria, sabe? Então assim, eu não imaginava tamanha selvageria, sabe? (*Maíra*).

Espaços como praças são interditados pela ameaça de violência.

Uma vez, sim, eu tava numa pracinha em Anápolis, com o cara de mãos dadas, a gente se beijando e os cara parou de jogar... tava lá na quadra de esporte, jogando algum esporte lá e começou nos ofender. Fazer piadinha com a nossa cara e agressivo assim da gente ter que se retirar, sabe? (*Maíra*).

Em espaços como festas o indivíduo é agredido.

Pr'ocê ver, agora, por mais feminina que eu seja, eu tava numa festa, dançando com um cara e as meninas tavam encima, né!?, primeiro andar. E eu dançando, simplesmente elas jogaram bebida lá de cima. Pegou no meu braço e do cara, né!? Aí eu falei assim: - Ah! Deve... num foi por querer, né!? Deixei passar. Elas não se contentaram, tacaram a garrafa. Cê imagina se essa garrafa pega no meu rosto!? Vrá! A garrafa explodiu no chão, assim ó. Aí eu vi que era elas. Eu tive que subir lá em cima e dar o show na cara delas, cê entende!? Tive que sair da minha paz, de boa, dançando com o boy (*Maíra*).

Pessoas conhecidas e próximas do indivíduo também o tomam como objeto de agressão e exposição.

E também de tá numa mesa de amigos e mulheres vir, tipo assim: - E você? O quê que cê vê numa mulher igual a *perfumista* e não tem tesão em nós!? Quê que isso!? Cê ficou viado!? Desse jeito! E eu ficar assim... E dizer que eram minhas amigas, sabe? (*Maíra*).

O processo de isolamento, exposição, preconceito, violência sobre o indivíduo compreendido para a manutenção dos limites regulados culturalmente entre o grupo dos homens e das mulheres se desenvolve como assassinato.

O perigo antigamente o perigo era mais, assim, as que aprontava, né!? As que aprontava, eles pegava e voltava e dava um jeito nelas. Batia ou, se não, matava. E tem muito cliente violento também, né!? Tem uns que não é santo não. Sai com você mas não quer pagar. Que o certo é você sair com o cliente, já pedir o dinheiro adiantado, né!? Muitos que ficam: - Ai, não! Só depois que você fazer o serviço. Aí você faz o serviço. Aí, na hora de pagar... - Pagar o quê? Você não fez o serviço direito. Eu não gostei. Sei o quê lá. Aí onde que vem a confusão, vem a briga também. Tem os dois tipos: umas que apronta e uns que apronta também. Ainda mais à noite, né!? De madrugada ainda (*Kauane*).

A experiência do indivíduo com os grupos é atravessada, assim, pelas regulações da diferença genital, intensificando o isolamento e a agressão que comparecem desde a família e a escola. E como nestas, em relação aos demais grupos, o indivíduo constitui formas de resistência.

O indivíduo passa a controlar a forma como se expressa com o corpo.

Então, tem todo um aparato. Desde jovem que... desde menino que eu sento... pra mim era normal eu agir daquele jeito. Eu não achava que era uma coisa estranha. Aí quando as pessoas falavam que era estranho que eu comecei a notar... que era estranho. Que eu andava diferente das mulheres. Q'eu gostava de brincar com coisas que geralmente homens que brincam. Então, são pequenos detalhes que você vai notando. E aí é bom você não ter que prestar mais atenção. Já pensou, você ter que ficar prestando atenção na maneira de você andar o tempo inteiro? (*Jandir*).

O indivíduo faz concessões quanto a aparatos de investimento no corpo.

Que às vezes eu passava um batom e um lápis. Era a única coisa que eu passava. Eu nunca gostei de maquiagem. Mas de vez em quando eu passava um batom e um lápis. Lápis eu não gostava porque eu tinha preguiça de tirar. Batom você ainda passa um trem tira rapidinho. O lápis fica dois (2), três (3) dias, você num... Nossa! É um saco. Eu odiava passar. Nossa! Não gostava de passar. Uma vez minha prima me maquiou pra ir na festa de formatura da minha irmã. Quando eu olhei no espelho, menino do céu! Quase que eu tirei a maquiagem todinha. Eu falei: Não! Quero não! Não gosto. Passa um tanto de coisa. Não! Mas eu nunca gostei não. Passava porque a sociedade em si, as pessoas, elas te exigem as coisas. E aí pra não ser tão cobrado eu passava. Mas não era uma coisa que eu gostasse muito (*Jandir*).

O indivíduo passa a investir em seu corpo aparatos dentro de certos limites. Compõe, assim, uma forma que o aproxima das características que deseja.

mas eu sempre já tinha, assim, sempre eu vestia roupa, assim, feminina, não saia, mas tipo calça unissex. Povo falava... tudo que era unissex eu comprava, até perfume e tudo. Que vê a pessoa bem andrógina, assim,

ninguém sabe o que é aquilo. - Quê isso!? (risos) Ninguém entende quê que é aquilo! Olhava assim, eu lá de calça unissex... naquela época era alta assim, apertadinha, uma blusinha *babylook* bem apertadinha. O povo ficava apavorado. E com peitinho, assim, já mostrando assim. - Não tô entendendo! (*Kauane*).

Outra estratégia, que começa a se desenvolver na escola, é a associação a grupos. O indivíduo se aproxima e se associa de outros com os quais compartilha algum traço como a atração.

Eu ficava no grupo de homossexual; tinha relacionamentos com mulheres. Eles [amigos] pensaram que eu era lésbica. Mas no início da minha adolescência não. Eu tentei relacionar com homem. Tentei ter um relacionamento. Alguns. Mas não deram certo. Aí quando eu resolvi já tinha uns dezoito (18), dezenove (19) anos. Quando eu fiquei com mulher. Que eu vi que não era isso que eu queria (*Jandir*).

Se aproxima também de grupos com os quais possa aprender sobre o processo de transformação e com os quais compartilhe traços de investimento no corpo.

Trabalhava no salão, na Vila Brasília, e quando eu descia na Goiás, ia pra Paranaíba. Chegava na Paranaíba, conhecia umas travesti e comecei a fazer pergunta pra elas. Como que ela fazia pra ficar daquele jeito. Né!? Aí eu peguei e parei de estudar à noite e ia pra rua.[...] A noite é assim, como eu vi muito as menina trabalhar, ganhar dinheiro... Lógico, tem umas que faz, vandaliza a noite também, né!... apronta. Mas eu fiquei do lado das meninas que era mais calma, mais tranquila. Fui começando fazer amizade com ela e fui vendo como que elas trabalhava e elas bem arrumadinha, cabelão grande, cheirosa, tudinho, peito, bunda, assim. Eu fiquei assim, já despertou, assim, já esse lado meu já pra... Aí eu fui, comecei a tomar mais hormônio ainda, né!? (*Kauane*).

Esse processo não é linear, implica momentos nos quais o indivíduo se vincula a mais de um grupo.

Sempre quis me vestir de menina e tal. Mas eu pensava assim: - Não! Eu sou gay e tal. Sou gay. Só que eu via que eu tinha assim, pela minha intersexualidade, pelo fato de ser uma intersexo, eu vi que eu tinha seios, que não era de rapazes, assim, não era mamilos de rapazes. Eu tinha a voz afeminada. Tinha traços femininos. Quando eu tive dezesseis (16) anos, dezessete (17), eu comecei realmente: - Não! Vou me travestir. Aí de dia eu era gay e de noite eu me travestia (*Maíra*).

Nesse processo, vínculos de amizade são constituídos.

Nesse colégio que eu fiz um... eu fiz um amigo, tipo, o professor da tarde, o G., que desde a primeira vez que eu conversei com ele... assim, embora eu não usasse nome social no colégio, eu nunca me tratava no feminino. É muito absurdo pra mim. E... e o G. entendeu isso e começou a me tratar no masculino. E a gente teve toda uma conversa sobre gênero e tudo... e ele não me chamava pelo nome de batismo (*Ubirajara*).

O isolamento que se constitui desde a família, atravessa a escola e se desenvolve na relação com os demais grupos tende a endereçar o indivíduo para atividades como a prostituição como um destino inescapável. O indivíduo pode se endereçar a estas atividades ou pode buscar estratégias para contornar isso quando aquelas atividades não lhe interessam.

Por exemplo, eu não tinha mais nenhuma grana pra comer nem nada e aí eu cheguei nesse prédio onde que as transexuais moram, que o governo dá, né!? E aí ela já começou, assim, colocar meu anúncio e tal. - Não! Cê vai fazer programa mesmo. Não tinha nem falado nada e eu fiquei muito, assim, triste. Que eu fiquei, assim, arrasada, sabe? Eu não me via fazendo isso. E aí eu falei assim: - Cês num quer francês, alguma coisa. Ela falou: - Sério!? Cê dá aula? Falei assim: - Olha... Eu até menti. Falei assim: - Eu dou aula sim (risos). Mas nunca tinha dado aula. E aí fui, comecei a comprar métodos, olhar na internet e comecei dar aula pra elas, assim (*Maíra*).

Assim como em relação à pressão na família e na escola, o indivíduo se afasta dos grupos e espaços onde é tratado com preconceito.

Olha, eu sempre frequentei aquela Congregação Cristã, que muitos conhecem como igreja do véu. Então sempre, assim, achei maravilhoso e tudo. Com o culto e tudo. O único problema que me fez afastar da igreja foi simplesmente não ser aceita. Pra evitar problemas, constrangimentos, sabe? Eu ia pra igreja com todo fervor, e tal, cantar hino, ouvir a palavra de Deus. Mas quando eu via, assim, um do lado fazendo piadinha ou recusavam de me cumprimentar, de me saudar. Aí eu falei: - Ah! Gente, não preciso disso! (*Maíra*).

Diante do controle sobre o indivíduo, este também se afasta.

A católica, eu tinha preguiça deles, por causa da... Cê vai na missa e eles ficam lendo aquela folhinha lá e cantam as músicas já com... segue uma folhinha, né!?, cantam as músicas, fala uma palavra, não sei o quê, não sei o quê. Eu acho tudo muito chato. E a evangélica eles controlam de mais sua vida. Querem saber tudo e todos. Ainda mais eu que, na época, eu tinha relacionamento com mulher e eles não aceitavam. Queriam que você mudasse! Então eu não gostei daquilo. Não achei legal. E aí eu saí. Quando eles começaram a pegar no meu pé eu fui embora.

Para se proteger das agressões o indivíduo se defende também de forma agressiva.

E nisso eu fui crescendo, só que as coisas foram, entre aspas, se complicando, porque eu comecei ser expulsa das escolas, sabe?, porque eu comecei a ficar muito agressiva... Então as pessoas só me maltratavam, só me tratavam com agressividade verbal, física... então o que eu aprendia era aquilo, então eu fazia a mesma coisa pra me proteger. Ai... tipo assim, eu metia o “foda-se” em tudo, na verdade. Agressiva. Eu era agressiva, eu era problemática. Desse jeito. Porque eu ia num lugar, assim, um fazia piadinha, eu já metia o pé logo, assim. Eu ficava nervosa (risos). Já ofendia e tal. Então, assim, era desse jeito. Mas se eu não

fizesse isso também o povo me matava, me mataria. A verdade é essa: me matariam (*Maíra*).

As estratégias de proteção se desenvolvem no isolamento frente à família, à escola e aos grupos como afastamento territorial. O indivíduo busca outros espaços pra viver, que podem ser outros países.

E eu vi que eles não iam aceitar... naquele momento. E que se eu continuasse lá ia ficar pior ainda a situação. E eu fiquei perdida. Eu falei assim: - Quê que eu faço? Aqui não dá mais pra ficar, minha família não me aceita mais. É o que acontece na maioria dos casos, né!?: a rejeição, a gente vai pro mundo. E nisso eu falei assim: - Ah! Pra onde que eu vou? Ah! Eu tentei ir pros Estados Unidos, pra casa da minha tia, não deu certo, mas tudo bem. E aí eu peguei e falei assim: - Ah! Então eu vou pra França. Aí assim, eu fui muito arrasada pra França, porque foi, tipo assim, como um funeral (*Maíra*).

No processo de socialização empreendido pela família, escola e na relação com outros grupos a diferença genital é tornada objeto de regulação que estabelece atividades, objetos de atração sexual, aparatos de investimento no corpo e fins. Essa regulação é atribuída à natureza, contudo, para além das características corporais que diferenciam indivíduos a partir dos órgãos reprodutores, a regulação incide sobre a apropriação pelo indivíduo de elementos destinados a cada um dos dois grupos reconhecidos como legítimos – homens e mulheres. A força que move o destino do indivíduo se revela, assim, atravessada pelas regulações culturais. A família, a escola e os grupos endereçam o indivíduo a objetos de atração sexual, aparatos de investimento no corpo, atividades e fins e interdita outros constituindo limites. Estas instâncias socializadoras são atravessadas pelas formas históricas de regulação da diferença genital que estabelece fronteiras na forma de grupos dos homens e das mulheres reduzindo a diferença genital a um par e apagando a intersexualidade. O indivíduo, contudo, se afirma e elabora esta experiência a par de toda a pressão para que incorpore um destino conforme regulado e transmitido na relação com os grupos, organizações e instituições.

Então, assim, eu ponho minha cara no sol e saio ao meio dia. Porque eu não preciso andar à meia noite. Eu não preciso abaixar a minha cabeça. Eu sou uma pessoa autêntica. Não preciso me esconder. Então, assim, isso é importante. Você sair. Você ser você. E eu nunca aceitei isso. Nunca aceitei ser relegada. Eu não aceito! Isso vai contra a minha dignidade. Sabe? No meu caso, eu pude ter força de perceber isso. Tem gente que não consegue, porque não dá tempo pra isso! Eu me preparei. Nem todo mundo tem esse tempo pra se preparar. Eu tive! Então pra mim foi positivo por isso. Então, assim, jamais posso julgar outra pessoa. Jamais! Mas no meu caso, como eu criei autoconsciência de mim, e eu pude me preparar pra isso, chegou um momento que eu percebi: - Não

aceito ninguém me diminuir! Quando eu bati o pé e disse assim: - Não aceito! Eu tenho o direito de ser eu no mundo. Eu não vou mais ser o personagem que a sociedade quer. Quando eu falei: - Eu tenho o direito de ser eu... Porque se não tivesse esse direito não teria nascido com a oportunidade de viver. Nasci! Pois agora eu vou ser (*Iara*).

Capítulo III – (Trans)Formação

As pessoas *trans* afirmam mais que a si próprias. Suas experiências são emblema de processos históricos que se desenvolvem na cultura. Elas põem em questão as relações sociais reguladas a partir da diferença sexual, nas quais esta é elevada a determinação dos destinos do sujeito. Nesse sentido, ao marcarem no corpo sua experiência e as identificações que as constituem ao longo da mesma, elas põem em questão também os limites e possibilidades de apropriação de objetos constituídos a partir das formas históricas do trabalho. Suas experiências também chamam atenção para dimensões da identificação na constrição de vínculos que auxiliam nos processos de transformação individuais e sociais.

A transformação da natureza interna e externa caracteriza a espécie humana. Ela implica a constituição de relação com os objetos externos e internos. Por outro lado, implica também relação com o outro. A transformação incide assim sobre o sujeito e a cultura, seja pela transformação das pulsões na relação com o outro, seja pela transformação das forças da natureza via trabalho. Nas experiências *trans*, os objetos e aparatos constituídos pela cultura são apropriados no processo de incorporação no Eu de traços que são regulados como marcas que separam grupos a partir da diferença sexual. A relação indivíduo e sociedade, sujeito e cultura é fundamental para compreender os percalços implicados nessa experiência.

3.1 Cultura, transformação e a diferença sexual

A noção de cultura em Freud implica a relação do sujeito consigo mesmo, do sujeito com o outro e com a natureza (FREUD, 2010). A cultura consiste na

[...] a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que serve para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulação dos vínculos dos homens entre si (FREUD, 2010, p. 48-49).

A vida cultural é caracterizada por traços que remetem à transformação sobre a natureza interna e externa ao homem.

[...] reconhecemos o alto nível cultural de um país quando vemos que nele se cultiva e adequadamente se providencia tudo o que serve para a exploração da Terra para o homem e para a proteção dele frente às forças da natureza; em suma, tudo o que lhe é proveitoso. Em tal país, os rios que ameaçam inundar as terras têm seus cursos regulados, e suas águas são conduzidas por canais até os lugares que delas necessitam. O solo é cuidadosamente trabalhado e plantado com a vegetação que lhe for apropriada, os tesouros minerais das profundezas são extraídos com diligência e usados na fabricação dos instrumentos e aparelhos necessitados. Os meios de transporte são abundantes, rápidos e confiáveis, os animais selvagens e perigosos se encontram exterminados, e prospera a criação daqueles domesticados. Mas nós requeremos ainda outras coisas da civilização, e é digno de nota que esperamos vê-las realizadas nos mesmos países. Como se estivéssemos negando a exigência feita em primeiro lugar, saudamos também como civilizado o fato de as pessoas se preocuparem com coisas que absolutamente não são úteis, que antes parecem inúteis; por exemplo, quando numa cidade os parques, necessários como áreas de lazer e reservatórios de ar, possuem também canteiros de flores, ou quando as janelas das casas são adornadas com vasos de flores. Logo notamos que a coisa inútil, que esperamos ver apreciada na civilização, é a beleza. Exigimos que o homem civilizado venere a beleza, onde quer que ela lhe surja na natureza, e que a produza em objetos, na medida em que for capaz de fazê-lo. Isso está longe de esgotar o que reivindicamos da civilização. Requeremos ainda ver sinais de limpeza e ordem. Não achamos que tivesse alto nível de civilização uma cidade inglesa do tempo de Shakespeare, quando lemos que diante da casa de seu pai, em Stratford, havia um monte de esterco; nós nos indignamos e tachamos de ‘bárbaro’, que é o contrário de civilizado, quando vemos sujos de papéis os caminhos do Bosque de Viena. A sujeita de qualquer tipo nos parece inconciliável com a civilização; estendemos para o corpo humano a exigência de limpeza, ouvimos espantados que a pessoa do *Roi Soleil* [Rei Sol] exalava um cheiro péssimo, e balançamos a cabeça quando, na Isola Bella, mostram-nos a pequenina bacia que Napoleão usava na toalete matinal. Não nos surpreendemos se alguém coloca o uso do sabão como medida direta do grau de civilização. O mesmo sucede com a ordem, que, tal como a limpeza, está ligada inteiramente à obra humana. Mas, enquanto não podemos esperar que predomine a limpeza na natureza, a ordem, pelo contrário, nós copiamos dela. A observação das grandes regularidades astronômicas deu ao ser humano não apenas o modelo, mas os primeiros pontos de partida para a introdução da ordem na sua vida. A ordem é uma espécie de compulsão de repetição que, uma vez estabelecida, resolve quando, onde e como algo deve ser feito, de modo a evitar oscilações e hesitações em cada caso idêntico. O benefício da ordem é inegável; ela permite ao ser humano o melhor aproveitamento de espaço e tempo, enquanto poupa suas energias psíquicas (FREUD, 2010, p. 52-54).⁶

⁶ Freud (2010) utiliza os termos cultura e civilização para se referir às realizações humanas que afastam e diferenciam a vida humana da de outras espécies, inclusive as ancestrais ao homem. Adotamos no trabalho o termo cultura.

A vida cultural, portanto, se sustenta na transformação das forças internas e externas ao sujeito: a transformação de Eros de sua forma imediata relacionada ao prazer sensual em libido inibida em sua meta, na forma de identificação, que une indivíduos em grupos; da agressividade na regulação das relações sociais; e, das forças externas via trabalho.

As mudanças psíquicas que acompanham o processo cultural são evidentes e inequívocas. Elas consistem no progressivo deslocamento dos objetivos instintuais e na restrição dos impulsos instintuais [...] Duas parecem ser as mais importantes características psicológicas da cultura: o fortalecimento do intelecto, que começa a dominar a vida instintual, e a internalização da tendência à agressividade (FREUD, 2010, p. 434).

A tendência à agressividade, expressão da pulsão de morte endereçada aos objetos (GUIMARÃES, 2014), é fonte de sofrimento nas relações sociais e, portanto, elemento sobre o qual a cultura atua no processo de incorporação do sujeito a grupos e à vida cultural geral.

A tensão entre a condição humana pulsional e o processo civilizatório exige incessantes elaborações, uma vez que não há uma superação definitiva. Portanto, a possibilidade de emergência do sujeito está na constante solicitação de um trabalho psíquico que *transforma* a natureza pulsional, que continua a atuar e a necessidade de simbolização. Sem a intervenção do aparelho psíquico (e da cultura), a pulsão continua a se apresentar de forma desenfreada, sem contornos e limites, necessitando do psiquismo para articular e adaptar os impulsos internos e os estímulos externos, ligando-os a objetos, civilizando-os e buscando nisso alguma satisfação (GUIMARÃES, 2014, p. 87).

As pulsões são transformadas em suas metas de satisfação imediata pelo recalque e pela sublimação (GUIMARÃES, 2014). A agressividade é desviada e enviada de volta para o sujeito e a libido é mobilizada para a constituição de vínculos com o outro nos processos de identificação. O recalque “se estabelece na tensão entre as demandas pulsionais e as demandas da cultura, dois movimentos imbricados e contraditórios ao mesmo tempo: a satisfação pulsional e seu impedimento em face da cultura” (GUIMARÃES, 2014, p. 86). A sublimação implica “a substituição de uma gratificação *real* das pulsões, que nunca será erradicada, pela gratificação mediada culturalmente, dessexualizada, ainda que se presencie uma defasagem entre a satisfação procurada e a obtida” (GUIMARÃES, 2014, p. 130).

[...] a civilização precisa criar meios para limitar a agressividade, e um dos mecanismos é estimular os relacionamentos amorosos inibidos em seu fim, fortalecendo o vínculo comunal e as relações de amizade. Os membros de uma sociedade devem estar unidos libidinalmente mediante

identificações, que são formas de educar os impulsos e manter a restrição à satisfação sexual direta (GUIMARÃES, 2014, p. 97).

Assim,

A sublimação parece tratar da pulsão sexual deslocada de um objetivo diretamente sexual, como forma de investimento, em objetos socialmente valorizados, como a arte, a literatura, a produção intelectual, entre outros. Assim, emprega-se energia sexual dessexualizada a serviço do eu, transformando a libido, por assim dizer, em realização cultural (GUIMARÃES, 2014, p. 132).

A vida cultural, portanto, implica transformação das pulsões, mobilizando sua energia para as realizações culturais. Dentre tais realizações está a união de parcelas de indivíduos em unidades cada vez maiores, implicando um processo de constituição do sujeito pelo qual estas realizações são incorporadas, apropriadas.

O que se quer destacar com isso é a necessidade de um trabalho, de um contínuo movimento de simbolização das pulsões que se realiza no percurso da criança ao transformar-se num ser humano civilizado. O recalque como destino pulsional circunscreve-se, portanto, como uma mediação psíquica da pulsão, na medida em que se entende o psíquico como intersecção entre uma fonte pulsional e o fim/satisfação, ou seja, entre as diferentes exigências a ele feitas pelas pulsões e pelo mundo externo. Diante dos perigos e ameaças que emanam tanto da natureza externa quanto da natureza pulsional, o homem reúne-se e cria a civilização, defendendo-se e humanizando-se como forma de empreender o trabalho necessário para a aquisição de um estado de cultura (GUIMARÃES, 2014, p. 88).

Este trabalho se desenvolve em dois sentidos: remete aos processos de transformação do sujeito na cultura e da natureza. No processo de constituição do sujeito, nas relações sociais, a agressividade é inibida pela identificação com o outro e o sujeito se diferencia dos objetos constituindo um Eu.

O sentimento do Eu tende a produzir a impressão de que este foi sempre o mesmo na história do sujeito. Contudo, o Eu passa por transformações. A primeira sensação do *Eu* abarca tudo em volta, é todo-abrangente, inclui os objetos ao redor como parte de si na medida em que lhe oferecem sensações de prazer.

[...] esse sentimento do Eu que tem o adulto não pode ter sido o mesmo desde o princípio. Deve ter passado por uma evolução que compreensivelmente não pode ser demonstrada, mas que podemos construir com certo grau de probabilidade. O bebê lactante ainda não separa seu Eu de um mundo exterior, como fonte das sensações que lhe sobrevêm. Aprende a fazê-lo aos poucos, em resposta a estímulos diversos. Deve impressioná-lo muito que várias das fontes de excitação, em que depois reconhecerá órgãos de seu corpo, possam enviar-lhe sensações a qualquer momento, enquanto outras – entre elas a mais

desejada, o peito materno – furtam-se temporariamente a ele, e são trazidas apenas por um grito requisitando ajuda. É assim que o Eu se contrapõe inicialmente um ‘objeto’, como algo que se acha ‘fora’ e somente através de uma ação particular é obrigado a aparecer. Um outro incentivo para que o Eu se desprenda da massa de sensações, para que reconheça um ‘fora’, um mundo exterior, é dado pelas frequentes, variadas e inevitáveis sensações de dor e desprazer que, em sua ilimitada vigência, o princípio do prazer busca eliminar e evitar. Surge a tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal desprazer, a jogar isso para fora, formando um puro Eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador ‘fora’. Algumas coisas a que não se gostaria de renunciar, por darem prazer, não são Eu, são objeto, e alguns tormentos que se pretende expulsar revelam-se como inseparáveis do Eu, de procedência interna. Chega-se ao procedimento que permite, pela orientação intencional da atividade dos sentidos e ação muscular apropriada, distinguir entre o que é interior – pertencente ao Eu – e o que é exterior – oriundo de um mundo externo –, e com isto se dá o primeiro passo para a instauração do princípio da realidade, que deve dominar a evolução posterior. Essa distinção serve, naturalmente, à intenção prática de defender-se das sensações de desprazer percebidas ou das que ameaçam (FREUD, 2010, p. 17-19).

O *Eu*, instância psíquica que Freud considera a parte mais organizada do *Isso*, precipita-se como um emaranhado de identificações. E é nesse processo que as fontes pulsionais no corpo são reconhecidas como parte do *Eu*, ainda que delas advenham sensações de desprazer. No processo de constituição do sujeito o outro é tomado como modelo auxiliar ou adversário, diferenciando-se entre aquilo que se quer ser ou se quer ter (FREUD, 2011). Dependendo, portanto, “de que a ligação recaia no sujeito ou no objeto do Eu”, sendo a primeira “possível antes de qualquer escolha de objeto” (FREUD, 2011, p. 62). Assim,

[...] uma vez que essa identificação não contempla uma relação de objeto com a pessoa que está sendo imitada, não há investimento libidinal. O autor apresenta como exemplo o caso de uma moça de um internato que recebeu de alguém de quem está apaixonada uma carta que lhe provocou crises de histeria. Algumas de suas amigas também desenvolveram a crise por meio de uma infecção mental. Nesse caso, o mecanismo da identificação baseia-se no desejo de colocar-se na mesma situação; as moças também gostariam de ter um caso amoroso. (GUIMARÃES, 2014, p. 342)

As identificações não cessam ao longo da vida do sujeito. Portanto, o *Eu*, por mais identificado com uma história que lhe dá unidade, vai sendo tramado ao longo da vida. Também o corpo vai sendo produzido segundo a dinâmica das identificações. Tomado como material de uma experiência que se sintetiza sem se fixar como *Eu*, o corpo é para o

sujeito objeto tal como os demais objetos da natureza, sobre os quais ele se lança e se apropria (FREUD, 2010).

A apropriação dos objetos pelo sujeito, como os aparatos de investimento no corpo, é mediada pelas relações sociais e pelos desenvolvimentos culturais advindos do trabalho.

Vemos como culturais todas as atividades e valores que são úteis para o ser humano, colocando a terra a seu serviço, protegendo-se da violência das forças naturais etc. Sobre esse aspecto do que é cultural não parece haver dúvida. Se voltamos suficientemente atrás no tempo, os primeiros atos culturais foram o uso de instrumentos, o domínio do fogo, a construção de moradias. Entre eles sobressai o domínio do fogo, realização extraordinária e sem precedentes; com os outros o homem iniciou caminhos que desde então nunca deixou de seguir, e cujo estímulo primordial não é difícil imaginar. Com todos os seus instrumentos ele aperfeiçoa os seus órgãos – tanto motores como sensoriais – ou elimina os obstáculos para o desempenho deles. Os motores lhe colocaram à disposição imensas energias, que tal como seus músculos ele pode empregar em qualquer direção; os navios e os aviões não deixam que a água e o ar lhe impeçam a movimentação. Com os óculos ele corrige as falhas da lente de seu olho, com o telescópio enxerga a enormes distâncias, com o microscópio supera as fronteiras da visibilidade, que foram demarcadas pela estrutura de sua retina. Com a câmera fotográfica ele criou um instrumento que guarda as fugidias impressões visuais, o que o disco de gramofone também faz com as igualmente transitórias impressões sonoras; no fundo, os dois são materializações de sua faculdade de lembrar, de sua memória. Com o auxílio do telefone ele ouve bem longe, de distâncias que seriam tidas por inalcançáveis até mesmo em contos de fadas; a escrita é, na sua origem, a linguagem do ausente, e a casa, um sucedâneo do útero materno, a primeira e ainda, provavelmente, a mais ansiada moradia, na qual ele estava seguro e sentia-se bem.

Não apenas parece um conto de fadas; é mesmo o cumprimento de todos os – não, da maioria dos – desejos dos contos, isso que o homem, por meio de sua ciência e técnica, realizou nesta Terra onde ele surgiu primeiramente como um fraco animal, e onde cada indivíduo de sua espécie tem que novamente entrar (ó, polegada da natureza!) como uma desamparada criança de peito. Todo esse patrimônio ele pode reivindicar como aquisição cultural (FREUD, 2010, p. 50-52).

A atividade de transformação da natureza, o trabalho,

[...] seria responsável, assim, por vincular os homens, visto que é capaz de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais narcísicos, agressivos ou eróticos. Nesse sentido, se enquadraria como mecanismo a serviço de Eros, criando condições para a vida em comum. Isto é, a capacidade do trabalho de canalizar importantes parcelas dos impulsos libidinais justifica e preserva a existência em sociedade, funcionando como um poderoso auxiliar de Eros, como elemento de coesão entre os homens. Mas é preciso fazer algumas ressalvas, já que o trabalho só pode ser pensado a partir das suas constituições efetivas, ou seja, conforme determinadas condições históricas e sociais inseridas em diversas relações de dominação (GUIMARÃES, 2014, p. 131).

A relação do ser humano consigo mesmo, as relações sociais, é atravessada pela relação com a natureza, constituída pelo trabalho como objeto da atividade humana que a transforma no processo de satisfação de suas necessidades. As forças que ameaçam o ser humano são, assim, apropriadas por este e não meramente sentidas passivamente.

[...] o trabalho aparece para o homem como fruto de um vasto e complexo desenvolvimento que constitui a sua condição de ser humano, fundamento de sua humanidade. Nas suas diferentes formas, não é uma invenção ou uma escolha teórica, mas um fato histórico da construção e do desenvolvimento do ser humano. No comportamento do homem consigo mesmo como ser universal, ou nas exteriorizações de si como ser individual, seja qual for a dimensão em que se expresse, a vida humana só se efetiva através da exteriorização das forças particulares do seu gênero universal, interiorizadas a partir da obra coletiva, resultado da história e do processo de trabalho. A dimensão social humana no processo de trabalho não é uma abstração, mas uma determinação histórica. O trabalho é, portanto, a chave que permite iniciar a busca da compreensão do homem (RESENDE, 2009, p. 35).

Pelo trabalho, sujeito e objeto se transformam.

Os objetos do trabalho, uma vez realizados, não estão mortos. Ao contrário, sendo realidades objetivas, expressam a complexidade daquilo que são: exteriorizações concretizadas da vida social e da atividade do sujeito que as realizou. Concreção das subjetividades que neles se depositaram, os objetos realizados são formas vivas. Ao entrar em contato com tais objetos, os sujeitos se relacionam com os outros homens e consigo mesmos. O trabalho, a atividade humana, constitui e explicita, portanto, aspectos que são recorrentes: objetivações sociais da práxis humana, valores, ideais, padrões, instituições, tempos, desenvolvimentos, formas da consciência, sempre no pressuposto da unidade e do antagonismo entre sujeito e objeto (RESENDE, 2009, p. 36).

O conceito de trabalho é elaborado por Marx como constituído por dois movimentos: produção e alienação da vida, “possibilidade de realização da essência da humanidade” e conversão “em pura objetivação, pura exteriorização” (RESENDE, 2009, p. 55).

Essa síntese compreende, num primeiro plano, que a atividade humana se orienta para a satisfação das necessidades humanas. O produto dessa atividade, o objeto, altera-se e também altera o sujeito. Na apropriação histórica dos objetos externos, no entanto, o homem inclui, em sua atividade, âmbitos cada vez mais amplos de potencialidades essenciais, novas propriedades, capacidades, habilidades e conhecimentos, e desenvolve suas capacidades de produção ao objetiva-las. Ocorre, assim, que as necessidades humanas que originam a produção não são originadas na própria produção, isto é, o objeto produzido pelo homem é que dá origem à necessidade coletiva. Ou ainda, as necessidades humanas são históricas e provenientes das objetivações do trabalho. Somente o homem pode fazer, de sua atividade vital, objeto de sua consciência e de sua vontade, realizando sua atividade de maneira refletida. O animal é

atividade. O homem é potencialidade de liberdade e consciência em sua atividade vital. É um ente genérico, um ser social e comunitário, que só pode levar uma vida humana na sua relação com os demais homens e em consequência dessa relação. O indivíduo só pode ser humano quando se apropria das capacidades, das formas de conduta, das ideias originadas e produzidas por aqueles que o precederam ou que com ele coexistem, assimilando esses conteúdos em sua vida e em sua atividade. Portanto, a sociabilidade humana origina-se no trabalho como atividade humana específica, e, assim, as formas de sociabilidade se relacionam com o desenvolvimento das forças produtivas (RESENDE, 2009, p. 54-55).

A apropriação dos objetos constituídos pela atividade humana é mediada, portanto, pelas relações sociais. Nas experiências *trans* ela comparece mediada pelas regulações das relações que tomam a diferença sexual como objeto e pelas relações constituídas na atividade produtiva, ambas, constituindo as possibilidades de apropriação dos objetos culturais pelo sujeito. Por um lado, a regulação das relações sociais toma a diferença sexual por referência constituindo fins, objetos de atração e aparatos que podem ser incorporados pelo sujeito como um destino, força além do sujeito, por outro, os desenvolvimentos culturais advindos do trabalho possibilitam as transformações da diferença sexual no corpo e constituem os objetos que podem ser nele incorporados. Ao mesmo tempo, as relações constituídas em torno da atividade produtiva implicam também limites à apropriação pelo sujeito de seus objetos, associando-se assim, aos limites constituídos pelos modelos que regulam a diferença sexual. Nesse sentido, a apropriação, pelo sujeito, dos objetos culturalmente constituídos e regulados é, nas experiências *trans*, atravessada pelas relações sociais, tanto como destino uniformizante quanto como suporte nos processos de transformação do corpo e das fronteiras que estabelecem quais aparatos podem ser incorporados pelo indivíduo. A família, a escola e os grupos comparecem, assim, também como auxiliares à apropriação do indivíduo dos objetos culturais na transformação de si. Frente à experiência de isolamento, preconceito e violência que se inicia na família, o suporte advindo de outros grupos, instituições e instrumentos culturais se demonstra fundamental na sustentação da vida do indivíduo, em primeiro lugar, e também no processo de transformação.

3.2 Socialização, regulação, resistência e (*trans*)formação

Por diferentes formas o indivíduo se apropria de aparatos que investe em si, se afasta de espaços dos quais a pressão do outro lhe atinge e por meio da apropriação de

instrumentos culturais que o auxiliam no processo de transformação. Processo que se sustenta em vínculos nos quais é objeto de afeto, cuidado e proteção.

Nesse processo o indivíduo se questiona sobre si mesmo.

Então, assim, quando você olha e fala assim: - Não sei quem eu sou! Porque tudo que eu achava que eu era, é só uma superfície, é uma máscara, é uma casca de árvore. Mas o que tem ali por dentro você não sabe [...] Quando você reconhece: - Olha! Tudo que eu criei sobre mim é fantasia. Não sei é de nada. Não sei quem eu sou. E agora? Essa é uma angústia, mas é uma angústia boa. Qual é o lado bom? Aceitar a realidade. Parar de fingir, de viver de fantasia [...] Então eu falei assim: - Não! Eu preciso me encontrar. Pronto! E eu saí pra viajar dentro da escuridão de mim mesma. E a minha sensação existencial era: estar num lugar escuro; eu tinha caído de um lugar bem alto, então eu tava totalmente machucada; e eu tava nua e tinha que andar... por aquela região desconhecida e totalmente daquele jeito. E eu andei... nessa escuridão. E eu andei... toda machucada. E eu sabia que era melhor andar assim do que viver um personagem. Quando eu aceitei que já não havia mais, personagem não tinha significado, já não dava sentido e já não queria mais. Que eu já tava forte o suficiente pra enfrentar a minha realidade... que era aquela. Quando eu percebi: - Não! Eu vivi vinte e um (21) anos e agora eu tô forte pra enfrentar. Então eu vou enfrentar isso. Foi um (1) ano. E a cada dia, a cada passo, a cada momento... com as experiências, com o silêncio interior... eu fui começando a perceber que havia uma forma. Eu fui começando a perceber que havia uma luz dentro de mim que me iluminava. E eu fui começando a perceber a minha forma. Que me olhar no espelho não me dizia muita coisa, entende? Você via ali alguém, mas você não conseguia se sentir. Aquele corpo não te corresponde, né!? A única coisa de você que tem ali são seus olhos. Que os olhos fazem isso. Você percebe que lá dentro tem você. E fora, não é você. Isso é muito estranho. É uma cisão estranha. É uma coisa que não encaixa. É uma coisa que não conjuga. O corpo não diz de você. Então, assim, era estranho. E eu precisava fazer esse encontro. E com o tempo fui percebendo. Depois saí do noviciado, voltei pra minha família e passei a continuar o processo de encontro. E a cada vez mais eu fui percebendo uma forma, uma forma... Eu fui começando a me enxergar. Tudo que era... muito vulto, desfocado foi se focalizando, foi se focalizando... até eu conseguir me enxergar... plenamente. Até eu conseguir me ver. Me ver como mulher (*Iara*).

O indivíduo pondera as implicações presentes nesse processo.

Então eu fiquei pensando se realmente eu sigo em frente ou se eu continuava do jeito que eu tava, porque... querendo ou não já tinha trinta (30) anos que eu tava desse jeito. Mais tempo né!? Falei: - Ah! Já cheguei até aqui, posso levar em frente. Mas ao mesmo tempo eu pensava: - Ah! Mas, é possível! Porque não tentar? Aí eu voltei atrás e resolvi tentar. Mesmo com toda dificuldade. Porque é uma grande dificuldade: as pessoas não aceitam; não te aceitam; te julgam. E fora que ainda tem o processo com você mesmo. Que começa a partir do momento que você troca pro masculino, a se tratar do feminino pro masculino e a fazer todas as cirurgias, todo processo de modificação do hormônio é uma barra

muito complicada. Não é qualquer um que atravessa isso não. Realmente não é fácil. Eu não diria que é uma coisa fácil (*Jandir*).

Esse é um ponto marcante na decisão de fazer intervenções no corpo. No processo de socialização anterior a esse momento, a experiência do indivíduo é marcada por estratégias de resistência. Diante das experiências de preconceito, isolamento, violência e apagamento de sua existência, o indivíduo pode buscar formas de evitar, por conta própria, o desprazer daí proveniente, o que implica fazer um encaminhamento individual ou usar estratégias de grupo. O indivíduo constrói a estratégia de ir ao banheiro em momentos nos quais os colegas provavelmente não a incomodariam.

Eu fui no banheiro masculino, né!? Eu esperava o recrei acabar, depois ia no banheiro. Porque não ia junto com os menino (*Kauane*).

O indivíduo utilizava agressão verbal como resposta aos xingamentos de colegas.

Porque os menino me xingava de gay... Aí eu pegava, pra revidar, assim, né!?, pra deixar eles bem furiosos, eu xingava a mãe deles de puta. Falava: - Ai! Sua mãe é uma puta! Pra deixar eles bem com raiva mesmo, que eles me xingava de gay. Eles assim: - Ô gay! Eu falava: - Ah! É!? E sua mãe que é puta!? Num te dá educação... assim... Toda vez nós brigava na hora do recrei, nós brigava, minha irmã ia lá e separava (*Kauane*).

A agressão se torna forma de proteção frente a agressão do outro.

E nisso eu fui crescendo, só que as coisas foram, entre aspas, se complicando, porque eu comecei ser expulsa das escolas, sabe?, porque eu comecei a ficar muito agressiva... Então as pessoas só me maltratavam, só me tratavam com agressividade verbal, física... então o que eu aprendia era aquilo, então eu fazia a mesma coisa pra me proteger (*Maíra*).

O indivíduo também se vê na situação de inibir-se para evitar parecer com o grupo ao qual se identifica.

Mas muitas vez tinha que dá uma freiada, né!? Porque eu era novinha, né!? Então não podia me igualar igual à elas e me vestir de mulher. Se não ia chocar a escola, né!? Ainda mais naquela época, então. Deus que me livre! Faz um bom tempo isso (*Kauane*).

Uma forma de se proteger pode ser associar-se a outros indivíduos que vivenciem situações semelhantes.

Fiz amizade com a outra pessoa esquisita da sala, tinha três pessoas esquisitas. Eu, o C., que era considerado esquisito porque era o cara mais gordo da sala, e uma outra menina, acho que chama F., que ela era excluída porque, ela era de uma família tipo a família Winsley, do Harry Potter, sabe, a família bem pobre, com muitos filhos. E a cobrança de mensalidade no colégio era muito ridícula. Porque eles constrangiam a

gente em sala de aula. Era muito chato isso. E ela era constantemente constrangida por causa disso. Ela tinha mais dois irmãos lá no colégio (*Ubirajara*).

Diante da pressão para se adaptar ao modelo de regulação da diferença genital, o indivíduo se posiciona e se afasta.

Uma vez ela me chamou pra ir numa festa na OAB com ela. Pagou o ingresso e: - Cê vai comigo. E não sei o quê. E arrumou um vestido pra eu vestir. E eu tava meio gordinho e o vestido ficou apertado. E ela queria que eu vestisse o vestido. E eu falei: - Esse trem num dá certo não, num vai caber. Tentei vestir o trem não ficou muito bom. Aí eu peguei e falei assim: - Cê quer saber de uma coisa? Cê vai nessa festa sozinha. Tchau! Troquei de roupa, montei na minha moto, saí pra rua. Falei: - Não! Não sou obrigado. Agora pra ir numa festa c'ocê eu vou ter que... num vou... num vou... num vou vestir vestido nenhum não. De jeito nenhum. Chega! (*Jandir*).

O processo de afastamento em relação aos vínculos perpassados por preconceito e violência pode se desenvolver em ruptura com a família.

Julho de dois mil e quatorze (2014) eu saí de casa. Eu lembro que nessa época eu tinha pintado o cabelo de azul. E eu tava com um *black power* azul, assim, bem chamativo, assim e tudo. E foi aquela fase que tava tendo aqui em Goiânia aquele *serial killer* de mulheres. Aí um dia meu pai falou uma imbecilidade. Eu tive diálogos horríveis com ele durante a minha vida e tudo. E esse é um deles. Ele falou que se eu não pintasse o cabelo, tipo, eu ia ser muito chamativa pro cara e ele ia querer me matar. Pintasse de novo pra cor original. Eu retruquei. Aí depois que eu retruquei ele fez aquela cara que ele sempre faz de que não ouviu nada. E ele perguntou: - Cê entendeu o que eu disse, né!? Aí quando eu voltei pra casa de noite do trabalho eu peguei pouquíssimas roupas. Eu não peguei nem meu computador. Eu não peguei nem carregador do meu celular. E eu fui embora. Foi horrível sair de casa. Tipo... meu pai ficou me segurando, ele me arrastou pela casa. Minha mãe me impediu que eu entrasse no elevador. Aí eu entrei de novo em casa. Passou um pouco e eu consegui sair, porque eu tinha chamado os dois elevadores. Tinham chegado. Aí eu fui embora (*Ubirajara*).

Afastamento que pode implicar ida para outro país.

E eu vi que eles não iam aceitar... naquele momento. E que se eu continuasse lá ia ficar pior ainda a situação. E eu fiquei perdida. Eu falei assim: - Quê que eu faço? Aqui não dá mais pra ficar, minha família não me aceita mais. É o que acontece na maioria dos casos, né!?: a rejeição, a gente vai pro mundo. E nisso eu falei assim: - Ah! Pra onde que eu vou? Ah! Eu tentei ir pros Estados Unidos, pra casa da minha tia, não deu certo, mas tudo bem. Assim, hoje eu entendo porque que não deu certo. Tuto é uma sequência na nossa vida é providências, né!?! E aí eu peguei e falei assim: - Ah! Então eu vou pra França. Aí assim, eu fui muito arrasada pra França, porque foi, tipo assim, como um funeral. (risos). Quando eles tavam, assim, me levando no aeroporto, tava aquele clima muito pesado com tudo que tinha acontecido: da rejeição; de ter colocado fogo nas minhas roupas; a gente ter se agredido verbalmente. Então eu

tava, assim, indo pra uma viagem maravilhosa, digamos assim, mas arrasada. Eu não tava me tocando que eu tava indo pra França. Assim, na situação que eu estava. Aí me deixou no aeroporto, eu tinha oitocentos (800) euros na carteira, quê que é oitocentos (800) euros? (*Maíra*).

Após o processo de reconhecimento consigo mesmo, o indivíduo se apropria de elementos que o auxiliem na transformação. Os saberes sobre os processos de transformação também são apropriados pelo indivíduo e o auxiliam na decisão pela transformação e a forma desta.

E aí eu comecei a ler a respeito. Então pra mim era possível só do masculino pro feminino. Que é igual o da Roberta Close, né!? Que é o mais famoso no mundo. Aí eu falei: - Ah! Mas o inverso eu não sabia que era possível. Nem pensava. E nunca tinha visto nenhum caso. Na minha vida inteira eu nunca vi uma pessoa transexual masculina. Depois que eu fui pro processo transexualizador lá no HC que eu fui conhecer alguns (*Jandir*).

Após conhecer as possibilidades de transformação, o indivíduo procura os meios para iniciar a transição.

Aí eu comecei: fui num postinho; pedi encaminhamento lá pra doutora Mariluzia; aí eles me deram o encaminhamento; aí eu comecei a fazer as consultas com a psicóloga; eles disseram que seis (6) meses depois eu começaria a tomar hormônios. Eu comecei tomar hormônio dois (2) anos e meio depois (*Jandir*).

O processo de decisão exige reflexão sobre os aspectos do mesmo e se a transformação e a transexualidade é o que o indivíduo deseja.

Foi muito confuso! Porque cê vai pensar a vida inteira, né!?, se realmente é aquilo alí. Porque é um processo sem volta. Porque não tem como cê fazer o processo transexualizador e chegar lá na frente cê vai falar: - Não! Eu desisto e vou voltar pra trás. Num volta! Mesmo se eu parar o hormônio masculino e começar o hormônio feminino a voz não volta, os pelos não voltam, num volta. Onde ficou modificada a musculatura, tudo, não volta. Mesmo se tomar hormônio feminino. O hormônio... o corpo fica tão forte a testosterona que mesmo se você entrar com a progesterona depois, não volta. Então... é irreversível. E aí cê fica pensando, né!?, será que realmente é isso? Porque a gente corre um medo, né!?, de poder tá enganado. Então é uma coisa que cê tem de ter certeza. Mas eu passei um bom tempo pensando a respeito. Foram mais de dois (2) anos pensando. Até por que o processo lá no HC demorou demais... Então eu fiquei pensando a respeito. Enquanto eu não começasse com o hormônio eu poderia desistir a qualquer hora. Aí eu... mas por mais que eu pensasse eu ainda optava por tentar o processo. Mesmo com todas as barreiras. As pessoas me falando que não (*Jandir*).

Se destinar à transformação não implica incorporar um modelo pronto indicando que as experiências *trans* são diversas. O indivíduo se depara com limites e possibilidades de intervenção no corpo.

Eu tô pensando ainda se eu vou fazer. Porque eu pensei em fazer a metoidioplastia. Porque a faloplastia... eu vou conversar com a médica pra ver se realmente perde toda a sensibilidade. Porque se perder toda a sensibilidade, não adianta eu ter uma coisa que não vai ter sensibilidade nenhuma... Né!? Eu acho. E além de quê cê fica com uma cicatriz no braço. Essa pele é arrancada e aí vai cicatrizar de novo, só que vai ficar todo... eu já vi gente que fez, fica como se tivesse marcado a pele mesmo e construído outra pele por cima. Seu próprio corpo faz outra pele por cima. Até ele fazer, é um processo muito demorado também. Muito complicado. Porque... dolorido, então cê fica com o braço esquisito resto da vida (*Jandir*).

Esse primeiro ato do indivíduo, individualmente empreendido de diferentes formas, indica que nas experiências *trans* está em questão uma posição em relação aos modelos ofertados de sexualidade. O indivíduo não se identifica, imediatamente, com o modelo ao qual os grupos com os quais se relaciona estão identificados. Ele não se reconhece nas atividades e aparatos de investimento no corpo estabelecidos nesse modelo.

No processo de transformação aparecem próteses, vestuário, entonação da voz, formato do cabelo, hormônios, postura do corpo, genitais. Uma série de aparatos e atividades que compõem o indivíduo.

A manipulação de hormônios e a introdução de próteses auxiliam na produção do corpo com o qual o indivíduo se identifica. Os hormônios e a prótese nos seios fez a *Maíra* se amar mais.

Assim, de cirurgia mesmo eu só coloquei prótese, né!?, no seios. Mas assim, só isso, eu nunca modifiquei nada. E foi só mesmo por tratamento hormonal mesmo. Que eu segui direitinho. Fiz tudo que eles pediu, sabe? Não brinquei com a minha saúde. E foi isso. Então sempre fiz assim, sempre conforme as coisas legais, né!? Legalmente falando, assim. Aí foi realmente onde que eu comecei, eu vi assim, é isso mesmo que eu quero, sabe?, pra mim e pronto. E hoje sou uma pessoa assim... super feliz, mas realizada e resolvida. Que antes eu não era realizada porque eu não sabia, assim, como que ia ser esse mundo. Mas aí eu comecei a perceber que não era o fato de eu ser transexual. A pessoa que ela é ridícula, que ela é nojenta, que ela é preconceituosa... ela é preconceituosa com aquele de cor, com aquele que tem uma deficiência, com aquele que... Não é só comigo que é trans. E eu tentei assim... a me aceitar, me amar. E isso foi a melhor coisa que eu fiz. De não deixar qualquer um mais aproximar de mim, sabe? Abusar de mim (*Maíra*).

O processo de transformação através das técnicas que tornaram possível manipular hormônios e as formas do corpo por meio de próteses constituem, assim, fonte de felicidade para o indivíduo.

Os cabelos marcam a fronteira entre o grupo dos homens e das mulheres. Nas experiências *trans* a forma como serão cultivados são apropriadas pelo indivíduo.

Minha família cortava o cabelo muito curto, que meu pai foi militar durante um tempo. Então, assim, todo mundo rapava o cabelo, cortava muito, muito curto. Eu lembro que a última vez que eu cortei meu cabelo foi no dia dezenove (19) de maio de dois mil e seis (2006). Que foi quando eu estava ainda no seminário. Eu saí dia dezessete (17) de outubro. Então... e eu lembro que quando eu fui cortar o cabelo eu disse: - Essa é a última vez! (*Iara*).

O indivíduo lança mão de estratégias para empreender as transformações no corpo.

Eu já comecei já deixar o cabelo crescer, deixar ele ficar bem loirinho. Aí chama mais atenção ainda, né!? Não! Comecei pintar ele com cor caju. (risos) Aos poucos colocar ele loiro, né!?, pra ninguém chegar em choque assim. Aí eu peguei e pinte o cabelo de caju (*Kauane*).

Aparatos como roupas, pelos no corpo e a linguagem são apropriados. As roupas aparecem divididas entre masculinas e femininas demarcando o corpo como sinais de pertença a um grupo, bem como a forma como os pelos no corpo são mantidos ou retirados. Junto a estes, o indivíduo toma as palavras indicando quais autoriza serem utilizadas para referir a si mesmo. Estes aparatos são constituídos como sinais de pertença a um grupo. A transição pode ser gradual quanto às vestimentas, nos pelos do corpo e na linguagem para referir a si mesma.

Depois que eu voltei pra minha cidade eu fiquei lá um (1) ano e oito (8) meses até eu conversar com minha mãe. Só que lá eu já fui dando os sinais, né!? Eu fui trocando as minhas roupas. Assim, eu não fiz já a mudança radical, assim, da roupa masculina pra feminina. Mas assim, como eu usava roupa muito formal antes, muito social, aí eu já passei a usar uma roupa de transição. Você usa roupas mais despojadas, mais assim, mais hipponga, né!? Mais hippie, uma coisa assim mais de transição. Mais cambraia, roupas mais à vontade. O cabelo foi crescendo, aí eu passei a me depilar. Então foi todo um processo. As pessoas vão percebendo isso. Então, aí com a transição física foi mudando a estética. Com a mudança na estética, as pessoa iam percebendo, no meu universo. Isso lá na minha cidade. Então, isso era importante, eles perceberem a mudança estética. E eu também fui mudando as palavras, os pronomes... e isso foi importante. Eu trabalhava em sala de aula (*Iara*).

Portanto, à transformação nas formas do corpo, operadas pelos hormônios, são associadas outras. Materiais constituídos culturalmente compõem o corpo dando forma a este por meio de roupas e outros acessórios como maquiagens.

Então aí, a mudança... com o tratamento hormonal, quando o corpo mudou fisicamente, mais, aí eu passei a mudar as roupas também. Mas tudo foi bem processual. Porque pra mim, a necessidade que eu tinha, não é simplesmente pegar uma roupa feminina e colocar no meu corpo. Não é isso! Eu queria que a roupa casasse bem com meu corpo. Se o meu corpo não tivesse adequado... assim... se eu não sentisse à vontade com aquela roupa no meu corpo, não teria significado. Entende? Eu não queria parecer uma figura assim... que eu achasse que casasse bem. Porque a roupa feminina, quê que ela faz?, ela marca as formas do corpo. Esse é o detalhe da estética do corte na roupa feminina. E se meu corpo ainda fosse muito quadrado, aquela roupa ia descasar um pouco. E eu não queria isso. Eu queria me sentir natural com a roupa que eu visto. Porque não era a roupa que ia me dar identidade, era eu. Eu ia me vestir. Entendeu? E foi isso. Quando meu corpo mudou eu passei a mudar as roupas mais ainda. E foi um passo. Cada coisa de sua vez: teve o momento que eu passei a usar o salto alto; teve o momento que eu pude usar o batom, mas na cor de boca, até o dia que eu pude usar um batom vermelho; o passo que você começa usar o brinco; o dia que você começa a usar maquiagem... Então tudo isso é passo à passo (*Iara*).

As próteses desenvolvem o processo iniciado pelos hormônios auxiliando na produção do corpo almejado.

Fiquei uns cinco (5) anos lá na Suíça. Quando eu cheguei na Suíça, fiquei dois (2) anos sem me transformar, assim, depois de dois (2) anos me transformei. Fiquei mais três anos pra mim poder vim, pra acostumar, tudim, pra num chegar, dar aquele choque, assim. Mas depois eu fui tirando foto já de peito, mandando, toda feminina, cabelo grande, tudim (*Kauane*).

A apropriação desses aparatos não segue um modelo único e se relacionam com as possibilidades do indivíduo se apropriar dos mesmos. Os hormônios podem ser utilizados após mudanças mais acessíveis. As roupas e o jeito de postar o corpo mudam.

É muito chato! (riso). E aí eu acho que a partir disso é muito mais fácil. Pra mim foi muito mais fácil não ter que ficar prestando atenção nessas coisas. Sentar do jeito que eu sentava mesmo; andar do jeito que eu andava mesmo. Não me preocupar com o que os outros iam pensar. Era muito mais fácil. Muito mais. Nossa! (riso) Vestir de acordo com o que você gosta... muito melhor. Eu mesmo, quando eu quando eu ia comprar roupa, eu ia pra sessão masculina e eu olhava as roupas, e não podia comprar. Aí depois eu ia pra sessão feminina e procurava alguma coisa não tão feminina. Que não fosse tão masculina, mas também não fosse tão feminina. Então hoje eu não preciso me preocupar, eu posso comprar o que eu quiser que as pessoas não vão falar. Ninguém vai falar nada. Ninguém me enche o saco, ninguém fala nada. Aí é muito mais tranquilo (*Jandir*).

O processo de hormonização incide em todo o corpo. Transformam a voz, a musculatura e os órgãos genitais.

Agora, fisicamente a musculatura tá modificando bastante. A musculatura modifica; a voz modificou muito, eu tinha uma voz muito fina, parecia criança falando; e o clitóris cresceu... tá crescendo. Com a testosterona. Cresce. Tem um ano e meio que eu tô tomando ele tá com uma média de quase quatro (4) centímetros. É pequenininho. É... geralmente o clitóris ele é tampado, né!? Fica só uma pontinha. Aí quando você toma, essa ponta abre e vai crescendo. Aí fica a pele por fora e crescendo um pequeno pênis. Cresce até.. já vi casos de crescer até dez (10) centímetros (*Jandir*).

Aparatos de uso temporário, como cintas, podem ser auxiliares.

Hoje eu saio, eu uso uma cinta pra apertar os seios. Então não fica tão visível. Então onde eu saio o pessoal geralmente me trata no masculino. Porque meu cabelo é bem curto. Aí no começo da transição eu ainda tinha o cabelo maiorzinho aqui assim. Então ficava nem uma coisa nem outra. Ficava parecendo mesmo uma caminhoneira e eu não gostava, nunca gostei. Tanto que antes do processo transexualizador eu ficava no meio termo, mas não ficava tão visível (*Jandir*).

As mamas são destino das transformações representando diferença entre homens e mulheres. As técnicas e os aparatos para reduzi-las, torna-las menos ou mais visíveis e implantá-las ou retirá-las participam do processo. Nas histórias narradas mulheres e homens optaram pela produção cirúrgica dessa parte do corpo.

Processo de eu assimilar, reconhecer e ver o formato do meu peito novo foi muito estranho pra mim. Foi extremamente doloroso e foi muito foda. Assim... porque o desejo que eu tinha de peito era ter um peito quadrado. Porque eu acho que o peito quadrado ele deixa extremamente claro que seu seio não é um seio feminino. Ninguém pensa numa mulher pelada com um peito quadrado. Assim, não existe! E assim, foram... (estalos de dedos) semanas, muitas semanas, até eu acostumar com o formato do seio. Que provavelmente meu formato do seio vai ser triangular mesmo. E não é o primeiro referencial que eu tenho de peito masculino. Foi muito duro pra mim isso. Muito duro! Porque não é só uma questão de: - Ai, tem caras que são assim! Esse negócio de: - Tem cara que fala fino; tem cara que blá... blá...; tem cara que não tem barba; tem cara que fala fino; tem cara que é baixo; tem cara que tem ginecomastia, né!? Tem aquele peito, tudo, grande; tem cara que tem o quadril largo... Agora, você junta todas essas características: não tem barba; quadril de parideira; ginecomastia; voz fina; e, é baixo... Cê fez uma mulher. Então assim, pra gente pesa muito por isso. Porque a gente não tem só uma das características. Agora eu tenho todas, menos a ginecomastia. Eu continuo com quadril largo; com a voz mais fina que o normal; tenho um (1) metro e sessenta e dois (62)... Porque com a cirurgia eu consigo colocar o peito pra fora e deixar um centímetro mais alto. Eu tinha um (1) metro e sessenta e um (61). Eu tava andando curvado. Já comecei a desenvolver escoliose, tudo, pra esconder peito. Então assim, é muito pesado. Entende!? (*Ubirajara*)

Há, portanto, uma diversidade de traços sobre os quais as pessoas *trans* investem na composição de si que nem sempre coincidem com os diagnósticos exigidos para a transformação no sistema público de saúde.

Nesse caminho aparecem também outros elementos auxiliares à transformação. O primeiro a salientar refere-se a ter condições de fazer tanto o processo de reflexão acerca da questão “quem sou eu?” quanto os instrumentos para a transformação. Para a *Iara*, o tempo para se descobrir durante o noviciado facilitou.

Entrei no noviciado. Queria muito ir pro noviciado. Porque eu queria ter um ano pra mim. E antes, meus anos todos foram muito pro trabalho e pros estudos, tudo, mas, principalmente, eu me ocupei muito. Aquele ano, não! Eu ia ser obrigada a fazer silêncio. Um ano que você é obrigada a fazer silêncio. Um ano! Um ano que você vai pra uma chácara, numa mata, você faz silêncio pra entrar no deserto da alma, pra encontrar a si mesmo. Falei: - Tudo que eu preciso! (*Iara*).

Após anos de trabalho na rua com prostituição e de ter feito a transição, a *Kauane* investiu na construção de algumas casas que lhe geram renda e permitiram se aposentar.

Que eu comecei... já fui pra rua com vinte e um (21) ano. Eu tenho trinta e nove (39). Vinte (20), vinte e um (21)... Por isso que eu já acho que me aposentei já. Nem tenho ido mais pra rua mais. Tô quieta mesmo em casa aqui. Fui pra Europa e consegui. Comprei isso aqui tudo aqui. Moro em cima e alugo embaixo. Tô vivendo agora de renda, né!? (*Kauane*).

Contudo, o percurso até atingirem certa estabilidade, ainda que precária, requereu o apoio de vínculos e instrumentos culturais que auxiliassem na manutenção da vida. Indivíduos conhecidos ou desconhecidos, grupos, instituições, amigos, a ciência e o estado comparecem como auxiliares no processo de transformação.

Jandir é hoje aposentado por problemas de saúde que afetaram o trabalho; a *Maíra* está se formando como professora e já atua na área; a *Kauane*, investiu na construção de casas que aluga como fonte de renda; a *Iara*, trabalha na escola e segue formação acadêmica; e, o *Ubirajara*, também em formação, transita entre empregos precários.

3.3 Espaços de regulação e resistência

Após a tomada de decisão sobre o processo de transformação, o indivíduo enfrenta a resistência dos grupos com os quais possui vínculo. A agressividade presente no processo de socialização do indivíduo, para a incorporação da regulação da diferença sexual como um destino, é enfrentada pelo afastamento do indivíduo ou por negociações deste com os

grupos. Processo em que o amor na forma de amizades auxiliam o indivíduo, os vínculos rompidos são reconstituídos e a apropriação de aparatos culturais é também auxiliar.

A família tende a dissuadir, negar ou colocar condições ao indivíduo para seu reconhecimento.

Família, amigos, todo mundo. Falaram pra eu não mexer com isso. Que é muito dolorido o processo... fazer esse tanto de cirurgia. Porque se for fazer mesmo todas as cirurgias é cerca de umas seis (6) ou sete (7) cirurgias. Porque pra fazer tudo, né!?, a redesignação inteira. Com órgão genital e tudo. Dá mais ou menos isso tudo de cirurgia. Então é muito difícil. Não é fácil. É uma posição que cê toma. E quando eu iniciei o processo, eu ainda não tava tão masculinizado. Eu ficava no meio do caminho. Então eu fiquei pensando se realmente eu sigo em frente ou se eu continuava do jeito que eu tava, porque... querendo ou não já tinha trinta (30) anos que eu tava desse jeito. Mais tempo né!? Falei: - Ah! Já cheguei até aqui, posso levar em frente. Mas ao mesmo tempo eu pensava: - Ah! Mas, é possível! Porque não tentar? Aí eu voltei atrás e resolvi tentar. Mesmo com toda dificuldade. Porque é uma grande dificuldade: as pessoas não aceitam; não te aceitam; te julgam. E fora que ainda tem o processo com você mesmo. Que começa a partir do momento que você troca pro feminino, pro masculino, a se tratar do feminino pro masculino e a fazer todas as cirurgias, todo processo de modificação do hormônio é uma barra muito complicada. Não é qualquer um que atravessa isso não. Realmente não é fácil (*Jandir*).

Diante do reconhecimento do outro, integrantes do grupo familiar desautorizam o indivíduo.

[...] essa semana mesmo eu tava andando de elevador com a minha mãe um senhor, chegou e me cumprimentou no masculino: - Oi! Tudo bem? Cê tá bom? E aí minha mãe me chamando no feminino! Ele ficou me olhando assim... Ele olhava pra mim, olhava pra minha mãe. E cê vê que a pessoa fica te julgando, te olhando com olhos estranhos. Então é complicado. É muito complicado. Não é fácil! Mas aí eu decidi passar por isso mesmo assim (*Jandir*).

Integrantes do grupo familiar colocam condições para a reconhecimento do indivíduo.

Todo mundo acha que cê tem que carregar peso. Minha tinha mesmo falou pra mim: - Não! Cê só vai ser um homem hora que cê carregar peso. Falei: - Da onde cê tirou isso!? (riso). Pelo amor de Deus! Que as pessoas têm uma coisa de você ser um homem muito estranha. Você tem que fazer isso (*Jandir*).

Na experiência das cinco pessoas que narraram suas histórias para este trabalho, os processos de transformação das características associadas à diferença sexual vão sendo empreendidos aos poucos quando estão próximas das famílias. As roupas, os cabelos, os acessórios e o uso de hormônio vai sendo empregado lentamente. No distanciamento em

relação a este grupo é que acontecem a maior parte das transformações. Na distância frente à família, o indivíduo comunica as mudanças que empreende.

Fiquei uns cinco (5) anos lá na Suíça. Quando eu cheguei na Suíça, fiquei dois (2) anos sem me transformar, assim, depois de dois (2) anos me transformei. Fiquei mais três anos pra mim poder vim, pra acostumar, tudim, pra num chegar, dar aquele choque, assim. Mas depois eu fui tirando foto já de peito, mandando, toda feminina, cabelo grande, tudim. Aí... Por isso que foi mais fácil pra mim assumir, porque acho que se eu fosse assumir aqui no Brasil, junto com ele, assim, acho que seria difícil pra mim. Ele até me colocava pra fora, que ele é muito rígido (*Kauane*).

A relação com a família vai sendo, então, reconstituída entre posicionamentos que ora requer firmeza, ora acolhimento. Frente à intervenção adversária às transformações cirúrgicas, o indivíduo pode ter de encerrar o assunto.

Quando eu virei pra minha irmã e falei: - Olha, é isso que eu vou fazer e ponto final. Aí depois disso ela nunca mais falou nada. Ela falou: - Não! Tudo bem. É isso? - É! - Então tá! Tanto que hoje ela fala pro meu sobrinho me tratar de tio *Jandir*. Ela tenta, de vez em quando ela erra, mas eu sei que não é de propósito. É costume mesmo (*Jandir*).

O reestabelecimento dos laços com a família pode implicar refreamento do ódio pelas agressões sofridas no passado.

o meu pai... tipo assim, ele não aceitava de maneira alguma. E quando eu tava na França, eu liguei pra ele, ele falou assim: - Olha, me perdoa a minha ignorância! Eu te ofendi tanto, gratuitamente, e você é meu filho, cê é meu sangue. Como eu sou ignorante! Aí eu falei assim... (Ao invés de ficar revoltada e tudo, mandar ele se foder... com toda a razão que eu tinha e motivo) Eu virei e falei assim: - Não pai! Eu que te peço desculpa por não ter sido o filho que o senhor gostaria que eu fosse. Quando eu voltei pro Brasil tudo assim, ao invés d'eu ficar dura, fria com eles, odiá-los, eu perdoei todo mundo. Onde eles conheceram a minha essência, o meu aroma, o meu sabor. Eles viram que não era nada daquilo. Que eu não era um viadinho. Que eu não era isso, que eu não era aquilo. Que eu era uma pessoa que precisava de carinho, de oportunidades. E eles puderam reconstruir tudo isso. Então onde que eu venho, assim, essa parte que eu falo do café. Que eu poderia tá... nunca mais voltar no Brasil. Odiar a minha família. Falar assim: - Nossa! Minha família tinha vergonha de mim, botou fogo na minha roupa, meu pai cuspiu na minha cara e tudo. Nossa! Não quero nunca mais ver. Só que eu vi, assim, que era eu que ia sofrer. Claro que eles iam sofrer também. Mas muito mais eu. Então eu falei assim: - Por que não perdoar!? Por que não ver o outro lado da moeda? E isso foi maravilhoso! Foi muito grandioso eu ter feito isso: dado uma oportunidade pra eles. Se eu não tivesse dado essa oportunidade, onde eu estaria hoje? Com essa angústia, essa tristeza até hoje da minha família. Então foi uma coisa maravilhosa (*Maíra*).

Pode implicar também um processo de diálogo pelo qual a experiência de transformação vai sendo transmitida por partes.

Preparei contando primeiro o que era, como era a minha vivência. Depois, como eu me sentia. Pra depois falar do tratamento. Depois falar da cirurgia, que isso é outra fase. E por final, do nome. Isso com cada um. Eu fiz um processo diferente, mas mais ou menos seguindo esses passos. Quando você fala do nome, aí você tem que prepará-los pra enfrentar o nome (*Iara*).

A história comum entre o indivíduo e integrantes da família pode ser lembrada como forma de diminuir a resistência.

Ela até já passa a te reconhecer realmente no feminino e tudo. Só que ela tem aquela resistência. Sabe? É como se abandonar o nome é abandonar... o irmão. Entendeu!? E você precisa dizer, às vezes: - Olha! Nunca fui seu irmão, sempre fui sua irmã. Ele precisa te reconhecer, sabe? No meu caso com ele era muito próximo. Tinha essa relação. E minha relação com ele é quase que maternal, que ele é mais novo e eu cuidei muito dele. Então, assim, foi isso que foi a jogada: dele perceber que ele sempre me viu mais como irmã. Sabe!? Assim, que tinha uma relação que era mais com irmã do que com irmão. Quando ele começou a sacar isso... aí que ele foi... isso ajudou ele a aceitar. Porque eu disse isso pra ele: - Olha! Para e pensa! Como é que a gente sempre se relacionou? Como você sempre me tratou? Era como irmão. Que você tem outro irmão. Não era! Como era nossa relação? Então, assim, aí ele parou pra pensar sobre isso. E eu vi que isso ajudou muito ele. Porque ele se tornou mais aberto à questão. Então, assim, pra ele começar a usar o nome meu feminino, foi muito mais fácil. Sabe? Porque não é só uma coisa de obrigar o outro. Você, claro, você tem que cobrar isso dela. Chega o momento que você tem que cobrar, mas é uma coisa dela se abrir pra isso. Dela perceber que aquele nome já não corresponde, que tem outro nome. Então, quando ele se abriu pra possibilidade, que ele entendeu qual era o jogo que havia em relação ao nome, aí foi muito mais fácil (*Iara*).

A reconstituição dos vínculos não é imediata. A reaproximação pode implicar algum nível de inibição do indivíduo frente à família.

Eu fui com a intenção de ajudar meus pais, a casa do meus pais primeiro, depois me ajudar. Tanto que eu... primeira... eu reformei a casa da minha família todinha. Então, é uma taperinha, né!? E depois comprei uma casa pra mim. Aí fui... quando cheguei, fui morar com eles. Cheguei da Europa. Até que foi fácil, não foi difícil, já tava vestido de mulher, tudinho. Mas mesmo assim no início eu tive um pouco de receio de ficar botando saia, de ficar usando essas coisas. Eu usava mais calça, assim, topinho, calça, shortim, essas coisa assim, cabelo grande, tudinho (*Kauane*).

A resistência da família pode se relacionar a elementos específicos do processo de transformação que empreende o indivíduo. O nome comparece como um desses elementos sobre os quais parece haver mais resistência e em relação ao qual os integrantes da família, mesmo reconhecendo a legitimidade do indivíduo em empreender a transformação, faz uma mudança gradual.

Por exemplo: esse meu irmão, que é muito próximo, ele teve muita dificuldade. Ele por mais que ele saísse comigo e tal, muito próximo, mas às vezes eu tô num grupo de amigos ou de pessoas assim que não são tão íntimas... Às vezes a gente tá, assim, num grupo de pessoas que não são tão íntimas e que não sabem da minha história de vida. Então assim, e ali, no meio daquelas pessoas que não são tão íntimas, assim, mas que são próximas, de algum modo, noutra contexto social, que você se relaciona, ele vai e solta o nome antigo. Sabe!?! Assim! É profundamente constrangedor. Então, assim, e você tem que saber lidar com isso. Então, assim, é muito delicado! Porque você não pode ofendê-lo; você tá passando por um grande constrangimento. E ele não é uma pessoa formal, assim. Não! Ele é uma pessoa íntima. E ao mesmo tempo você não pode deixar aquilo continuar. Então, assim, isso foi algo difícil. Aí quando estava só entre nós, eu chamava a atenção dele, falava: - Olha! Você sabe qual é o meu nome. Qual é o nome que eu me reconheço. Então não use o nome antigo, ainda mais na frente de outras pessoas (*Iara*).

Assim como para o indivíduo, o processo de reconhecimento da família pode se dar como uma transição.

E minha mãe, não foi um processo assim tão... Não teve tantos embates, assim, né!?, digamos, d'eu ter que cobrar muito ela isso. Mas, ela foi a última a fazer a transição do nome. Porque ela precisava se acostumar. Essa relação afetiva que ela tinha com o nome era muito forte. Então ela precisou se acostumar a aceitar que eu não só era a filha que ela sentia, mas que eu tava vivendo como a filha que ela sentia e que isso iria contra o contexto da sociedade (*Iara*).

A resistência de integrantes da família pode girar em torno da proteção do indivíduo.

Quando eu contei, ninguém se opôs, na minha família ninguém se opôs. Todo mundo de boa. Todos me trataram muito bem e falaram que se era isso mesmo que me fazia feliz, pra eu seguir o que eu queria. Só minha mãe mesmo que se opôs um pouco por medo. Ela ficou com medo de eu fazer as cirurgias, porque quando eu era criança eu tive problemas. Tenho problema de circulação. Tenho problemas físicos mesmo. Então ela ficou com medo de eu passar pras cirurgias e acabar tendo problema maior (*Jandir*).

Pode também ser atravessada pela relação da família com os demais grupos.

Que a dificuldade dela de usar o nome tava muito em volta também com a sociedade. Eu falar o seu nome no feminino é eu enfrentar a sociedade. Eu dizia assim: - Olha! Não existe mais aquela pessoa. A pessoa que existe de fato é essa. E ela tá dizendo não só pra mim, ela tá dizendo pro outro. Porque quando a mãe troca o nome, ela trocou o nome. Não é só com você, é com todo mundo. Porque eu falei assim: - Olha, mãe, por enquanto, tá entre eu, meus amigos íntimos e a família. Vai chegar um momento... (Isso bem no comecinho do tratamento)... que isso vai se tornar social, que todo mundo vai saber (*Iara*).

Os laços, contudo, podem ser constituídos a partir do reconhecimento dos integrantes da família e representar fonte de felicidade e suporte para o indivíduo.

E nisso, aconteceu coisas maravilhosas e eu falei assim: - Como que vai ser... quase cinco (5) anos longe da minha família, do Brasil? Como que vai ser isso? E tudo foi maravilhoso porque a distância fez as coisas acontecerem de forma assim tão maravilhosa. Porque fez a minha família romper esses problemas que eles tinham com a homofobia, com o preconceito e me aceitaram literalmente. Hoje a minha mãe, que botou fogo nas minhas roupas, hoje ela que compra minhas lingerie, minha maquiagem...; toda minha família me trata não como uma transexual, mas como *Maíra*; e eu tenho uma vida maravilhosa, levo quem eu quero pra minha casa, sabe?, de companheiro e tudo, e minha família não fala nada. Claro, com todo respeito. E foi uma desconstrução maravilhosa porque eles não conheciam uma parte de mim que eu também não conhecia uma parte neles. Então a gente teve a oportunidade de voltar a conviver juntos e desconstruir tudo isso. E nisso, essa desconstrução foi tão maravilhosa, porque eles ajudam outras famílias, outros homossexuais que têm problemas assim. Eu já vi minha mãe contar de mães que têm filhos homossexuais chegar nela e falar: - Mas, dona M. me explica como que é a sua filha, tal, tal, não sei o quê? E ela, através dessa experiência que a gente teve, ela poder também ajudar outras mães, outras famílias, sabe? Então isso foi maravilhoso. E todo aquele preconceito que eu sofri na cidade eu fui ser professora... aqueles que me ofenderam, hoje são pais e tudo, eu fui ser professora dos filhos deles. Que os filhos fez eles quebrarem essa desconstrução (*Maíra*).

As crenças religiosas presentes nos grupos com os quais o indivíduo estabelece vínculos, ao passo de mediar a composição de modelos de regulação da diferença sexual que implicam o não reconhecimento das experiências *trans*, podem ser apropriados também como meio pelo qual se pode reestabelecer o diálogo. Dessa forma, refletir com integrantes da família a partir das crenças destes se torna um meio de reelaboração do preconceito.

E ela [mãe] é muito religiosa, muito católica. Lá a Teologia da Libertação sempre foi muito forte. Então, assim, tinha um contexto social muito forte, uma igreja muito ativa e participativa. Então fui preparando ela teologicamente, inclusive. Porque pra ela isso era importante. Ela precisava entender isso teologicamente. Sabe? Na vivência de igreja dela. E a gente começou a falar muito sobre essa questão do preconceito [...] E a gente começou a refletir muito sobre o que significa a vivência do Evangelho. Né!? Então, por exemplo: ela sabe, muito bem, que os principais mandamentos é a questão do amor ao próximo e amar a Deus como a ti mesmo. Então, no que significa o amor ao próximo? Que é respeitar o outro? Com quem ele é [...] Porque você começa a refletir sobre como que é a pessoa que fala teoricamente de Deus, mas na sua prática não consegue viver esse amor. Ela trata com violência o outro, ela trata com preconceito, ela discrimina. Então, isso é o que nós compreendemos como o mandamento do amor? Não é! Então, ela sabia disso com clareza. Ela começou a perceber isso, fazer essa crítica de

como que o preconceito ia contra o Evangelho, né!? Isso foi o que ajudou ela. Eu tive que perceber isso (*Iara*).

A família pode se constituir em agente auxiliar na reconstituição de vínculos do indivíduo com outros grupos.

Eu falei assim: - A senhora vá preparando as outras pessoas aí da família! Porque a partir dela era um agente transformador (risos). Aí eu falei: - Olha! Começa a preparar aí os parentes, as tias, os primos e principalmente o pessoal da igreja, mais próximo. Porque pra quando eles souberem não gerar um impacto tão grande (*Iara*).

A reconstituição dos vínculos com a família pode chegar ao ponto de esta se contrapor a novos processos de distanciamento do indivíduo.

Minha mãe não gostava muito assim não. Mas agora minha mãe é de boa, assim, ela num fala nada, respeita. Acho que depois que eu viajei também, aí que minha mãe ficou mais apegada em mim. Entendeu? E meu pai também, né!? Mas meu pai, nem tanto, mas minha mãe é mais. Quando eu falo, tipo assim, falava: - Ai! Vou voltar. Minha mãe falava: - Não! Você vai voltar não. Você vai ficar quieta aqui que tá tudo bom. Meu pai: - Ah! Deixa ir, ganhar mais dinheiro... Que ele gosta do dinheiro, né!? Aí meu pai fala assim: - Deixa ir. Mas ele tá, muita vez ele tá é brincando também. Ele fala: - Não! Tá bom já. Você já foi, já conseguiu o que você queria, já tem sua casa, fica quietinha agora aí. Agora você tem que curtir a sua vida (*Kauane*).

A recomposição de vínculos, contudo, não é garantida e pode não se constituir ou implicar aproximações e redistanciamentos.

Aí passando o tempo, morando fora de casa, fui voltando a conversar com minha família, assim, tudo. Eu só me arrependo de voltar a falar com meu pai, porque ele não mudou nada. Isso é bem absurdo pra mim. Não assim, na verdade a gente não conversa hoje né. É... nossos diálogos são muito rápidos, assim. Que ele não tem assunto comigo (*Ubirajara*).

No processo de socialização, a família pressiona o indivíduo para a adaptação a um modelo de regulação da diferença que implica isolamento e violência sobre o indivíduo. Este empreende um movimento de afastamento frente à família. A recomposição dos vínculos com a família implica um movimento de posicionamento em relação às intervenções no corpo e o apoio de outros vínculos.

Estes processos se desenvolvem na escola. A relação dos sujeitos presentes na escola com os processos de transformação que vivem as pessoas *trans* se desdobra em duas posições: na educação básica, tanto pessoas *trans* quanto a discussão sobre experiências como travestilidade, transexualidade, intersexualidade e também sobre as formas de objeto de atração sexual são ausentes. Apenas em situações limites os profissionais intervêm na

proteção desses indivíduos; na educação de nível superior, comparecem ações e debates que inserem as experiências *trans* no ambiente escolar e constitui auxílio nos processos de reconhecimento e transformação corporal.

Na educação básica, as situações de preconceito e violência relacionadas à diferença sexual são tratadas já quando a agressividade se constitui em ameaça direta ao indivíduo.

E aí, quando foi a penúltima aula desse dia, eu fui na coordenação e avisei a pedagoga. Imediatamente ela me dirigiu até minha casa. Assim, a minha mãe ficou em pânico. Porque eu cheguei cinquenta (50) minutos mais cedo em casa e o motivo era esdrúxulo. Minha mãe ficou sabendo dessa história, ficou sabendo de tudo. Chamaram ela no colégio. A menina que levou a faca, ela foi imediatamente suspensa. Ela foi muito punida por isso (*Ubirajara*).

A ação de profissionais da educação básica em auxílio frente ao preconceito e à violência na escola parece se restringir a momentos pontuais e cercados de mistério.

eu tinha uma amiga no colégio, conversava com ela direto. Aí com o tempo, tava afim dela e tipo, essa primeira exposição que fizeram de mim enquanto lésbica no colégio não foi suficiente pra ter coordenação e tudo em cima de mim. Né!? Aí, mas, teve um momento que, aí eu não entendi por que isso aconteceu no colégio. Mas teve uma vez que a diretora, ela do nada me tirou da sala, me deixou na coordenação esperando. E foi pra sala, pra minha sala falar com a galera. Ela ficou uns vinte (20) minutos lá. Depois ela me tirou da coordenação e me levou lá pra sala. Depois eu consegui que alguém me falasse que ela fez isso pra perguntar se alguém tinha algum problema comigo. Eu não entendi qual foi o contexto, na verdade. Por um lado, hoje eu acho que foi muito bom o que ela fez, porque as pessoas têm a liberdade de chamar alguém de veado, de traveco, na rua, porque elas sabem que a pessoa não vai reagir. E a maneira que eles foram covardes quando ela foi na sala de aula, pra mim foi um esculacho silencioso. Porque na hora de enfrentar, ninguém teve a coragem de abrir a boca (*Ubirajara*).

Na universidade é que ações mais diretas relacionadas à diferença sexual e especificamente às experiências *trans* comparecem. Ações empreendidas por diferentes grupos, também são auxiliares. Grupos presentes na universidade podem se constituir em importante apoio ao indivíduo.

nesse semestre foi quando eu comecei a jogar rúgbi. Minha vida mudou! Minha vida mudou porque nessa altura eu já tava começando a ter problema por causa de álcool mesmo. Eu tava torrando minha bolsa toda com bebida, com bar. E assim o rúgbi me ajudou muito a controlar isso porque por mais que no rúgbi exista uma cultura de cerveja, você precisa tá bem pro treino. Então... e o meu time não bebia. Então assim... é um negócio que me ajudou muito a controlar, não resolveu, mas ajudou

muito [...] E foi quando eu comecei a frequentar as reuniões do Colcha de Retalhos⁷ (*Ubirajara*).

Dois projetos presentes na universidade constituem suporte para as pessoas *trans*. A Liga de Sexualidade Humana, organizada por estudantes da Faculdade de Medicina, e o Projeto Transexualismo, organizado por professores da mesma unidade e operando no Hospital das Clínicas vinculado ao Sistema Único de Saúde, ofereceram o acesso ao conhecimento sobre experiências *trans* e a possibilidade de acesso à tecnologia para a transformação.

Quando eu tinha uns vinte e nove (29) anos, mais ou menos, eu tive contato com o processo transexualizador do HC. A minha ex-mulher dá palestras lá na L.A.Sex e aí eu passei a ter contato com isso, porque ela fala sobre gênero. Aí passei a ter contato sobre isso. Ela me mostrou numa das palestras. Eu fui numa das palestras e aí eu comecei a ter contato e saber que era possível fazer essa transição. Foi quando ela começou a dar aulas sobre transexualidade. Ela foi chamada lá pela Federal, pela Liga da Sexualidade pra dar aula sobre transexualidade. Uma palestra. No início foi só uma palestra. E aí ela foi estudar a respeito e me mostrou alguns folhetos e aí eu vi a palestra dela nuns slides. E aí eu comecei a ler a respeito (*Jadir*).

Assim como a relação com os saberes em geral, a relação com as instituições também se mostrou ambivalente. O projeto que oferece a possibilidade de transformação passa por dificuldades de manutenção, seja pelo não interesse de outros profissionais em assumi-lo, seja pela precariedade dos recursos disponíveis no sistema público quanto ao atendimento das pessoas que já compõem a fila de espera ou que desejam participar do projeto.

O vínculo com outros grupos, para além da família e dos presentes na escola, também constituiu importante suporte no processo de transformação pelo qual passam pessoas *trans*. A apropriação dos aparatos culturais, auxiliares nesse processo, e a defesa do indivíduo frente à agressividade contaram com diferentes indivíduos e grupos. Amizades, coletivos de militância, ações do estado, suporte das relações amorosas, igreja, ciência, vínculos no trabalho e o posicionamento de pessoas desconhecidas representaram auxílio.

Os vínculos de amizades comparecem como auxiliares ao processo de transformação, oferecendo proteção e amparo ao indivíduo. Tais vínculos dão suporte,

⁷ Coletivo de diversidade sexual que existiu na Universidade Federal de Goiás, organizado por estudantes a partir de 2005 (NASCIMENTO, 2007).

encaminham o indivíduo a atividades, defendem frente ameaças de violência e apresentam caminhos para o reconhecimento.

Então, aí quando eu fui nessa... é... esse casal que eu ficava na casa deles, eles falaram assim: - Olha, tem a Mission Locale onde tem uma brasileira que dá aula de francês. E eu cheguei lá e fiz amizade com essa professora de francês que é brasileira. E aí ela foi e me apresentou essa N. E essa N. ama o Brasil, queria aprender português. Falei assim: - Como que eu vou ensinar português pra ela se eu não falo francês, ela também não. E é tão maravilhoso que ela foi aprendendo o português e eu o francês com ela. E aí foi amor maternal. [...] E... essa mãe francesa, ela saiu de Paris, eu tava tipo assim, como se fosse daqui em Minas Gerais. Ela deixou todo o trabalho dela e foi atrás de mim pra me socorrer nesse centro. Atrás de advogado e tudo. E ela foi no centro GLBT, LGBT e conseguiu fazer uma manifestação... E nisso ela falou assim: - *Maíra*, tem um cara aqui que quer te ver e tal. Quer conversar contigo [...] Ele falou assim: - Você é como eu. Falei assim: - Tá! Eu sou gay. Ele falou: - Não! Você não é gay. Aí eu falei: - Tá! Eu sou uma travesti. Ele falou: - Você também não é travesti. Você é uma intersexo. Aí eu falei assim: - Já no máximo conhecimento que eu tinha era transexual, hermafrodita, né!?, mas intersexual!? Aí ele foi me explicar tudo. Aí ele me levou numa médica realmente como eu gostaria de fazer o tratamento certinho, que ela se ocupa apenas da transexualidade. Daí ela me pediu um exame, chama cariótipos, foi onde eu descobri que eu era uma intersex e tudo (*Maíra*).

Os vínculos de amizade constituem auxílio frente ao desamparo que o preconceito e a violência geram por não compartilhar da identificação com o mesmo modelo que a família. Constituem também meios de acesso a saberes produzidos como ciência para além deste modelo.

Os vínculos de amizade podem substituir os vínculos afetivos presentes na família e as funções de cuidado e proteção. O reconhecimento e a defesa da vida de pessoas *trans* são mediados também pela relação com desconhecidos que se apresentaram em defesa do indivíduo diante situações de agressão e desamparo.

Por exemplo: eu tava no hotel e acabou o dinheiro. Não tinha mais como pagar o hotel, diária... A gente dividia sete (7) pessoas. Quinze (15) euros pra cada um a diária. Era quase umas dez (10) pessoas dentro do quarto. Do Formula 1 hotel. Acabou a grana! E acabou o dinheiro pra comer e tudo. Nós falou assim: - Gente do céu! Senhor! Eu fui no banheiro, quarto tava cheio de gente, cheguei no banheiro, botei o joelho no chão. - Senhor, eu não tenho nada pra comer. Não tenho um (1) centavo. Senhor, literalmente. Mas o senhor é o dono do ouro e da prata, o senhor vai preparar. Daí voltei, terminei a oração. Quando eu cheguei na recepção do hotel, lá em baixo, e cantando música. E chegou um (1) português, cara, e começou... Eu cantando música brasileira e ele... - Nossa! Brasil, num sei o quê. E ele era gerente no McDonalds. E ele começou... ele falou assim: - Olha! E contei a história: a gente tá no quarto, tal, tal, tal. - Sério!? Tá esse tanto de gente, tal? Falei: - Meus

amigos... Ele falou assim: - Olha! Então faz assim, eu vou ali e volto. Chegou com uma caixa de hamburger, de salada, de creme, de refrigerante. Tudo do McDonalds. - Enquanto vocês ficar aqui eu vou trazer almoço e janta pra vocês. Só não importa de ser lanche? Aqueles hamburgeres maravilhosos que o povo pagava sete (7) euros, oito (8), (risos) e nós tendo de graça. Olha pr'ocê ver. Aí nós: - E agora pra dormir? Como é que a gente vai fazer? A gente fez amizade com um colombiano? Chileno, alguma coisa assim. Levou eu e minhas amigas pra casa deles. No maior respeito. Nunca botou a mão em nós e deixou a gente ficar dois (2) meses na casa deles, comendo, bebendo, tomando banho e tudo. Ainda levava nós pra festa no fim de semana. Fala que não é anjo de Deus. Sem nada em troca. Nunca botou a mão em nós, nem em mim nem em nenhuma das minhas amigas. Dois caras. Então assim, vi coisas maravilhosas, assim, sabe? Coisas maravilhosas mesmo (*Maíra*).

O auxílio pode advir frente à ação violenta de um grupo sobre o indivíduo.

Por exemplo: eu tô descendo duma escada do metrô, travestida, e chegou uma turma de cara e começou me chutar e me agredir. E chegou um cara, saiu um cara do meio deles, assim: - Cara! Cês tão loucos!? Começou a me defender. - Cês tão loucos velho!? Porque cês tão fazendo isso. E começou a empurrar eles e tudo. Velho! Se não fosse ele, eles tinham me moído no cacete. Então assim, eu vejo coisas maravilhosas, sabe?, assim do nada e vir um socorro assim (*Maíra*).

O auxílio pode aparecer como uma simples conversa num momento de tristeza causado por percalços do caminho.

De falar coisas maravilhosas. Esses dias eu tava num bar triste assim. Era fim de ano, minha família toda reunida e eu lá sozinha naquele frio. Falei assim: - Vou prum bar encher a cara. Sabe assim quando cê bebe e cê não fica bêbado. E eu bebendo bebida forte mesmo. E aquela tristeza. Aí eu tô lá dentro do bar, aí chegou um português: Ah, gaja, quero falar contigo. Tã, nã, nã... Falei assim: - Olha, não tô afim de ficar com ninguém. Tô aqui só de boa. Ele: - Não! Mas eu tenho que falar contigo. Aí a gente foi pra fora do bar, né!? Falei assim: - Já enche o saco, né!? E ele começou a falar coisas, assim, que eu vi que não era dele. Como se um anjo tivesse encarnado nele. Começou a falar coisas maravilhosas, assim: - Está aqui a lamentar enquanto sua família está lá. Mas Deus cuida de todos. E Deus veio aqui mandar eu dar esse recado pra você. E me abraçar... e as lágrimas assim: - Vai pra sua casa. Vai descansar. Falar coisas, assim, maravilhosas que cê vê assim que é uma pessoa que tá te falando aquilo, mas é um anjo que tá naquela pessoa, assim, de ficar, assim, e de me dar aquele abraço mais... com uma virtude, com uma energia que cê fala assim... E o cara falar o que ele falar e sair, assim, ó! Dentro dum bar. Sabe? (*Maíra*).

Os vínculos afetivos constituídos na forma de amizades, contudo, desempenham um importante e mais duradouro auxílio que pode mediar a relação do indivíduo com a família, a escola e outros grupos implicando no processo de reconhecimento e reconstituição de laços.

A vantagem de você ter amigos íntimos é isso, porque os amigos se adaptam melhor. Então, assim, não todos, mas a grande maioria se adapta melhor. Então os amigos já te chamam pelo nome que você se identifica, né!? Num primeiro momento chama de nome social, né!? Já até você fazer a mudança civil. Então, assim, os amigos já vão te chamando e aquilo vai influenciando a família, vai fazendo com que eles se acostumem de ver que não é só eles, que outras pessoas também chamam, que aquilo não é só uma questão pessoal sua, é uma questão, assim, que outras pessoas vivenciam também (*Iara*).

As amizades sustentam, assim, a posição do indivíduo quanto à transformação diante da resistência da família. Podem também representar acolhida no processo do reconhecimento do indivíduo consigo mesmo.

Eu tinha orientação espiritual. Eu escolhi uma pessoa que pra mim era um testemunho de vida, era um padre idoso, com mais de oitenta (80) anos e a gente conversava de vez em quando e ele era meu orientador. E era muito interessante. Que meu orientador espiritual não entendia nada da transexualidade, mas ele era profundamente humano. Então pra mim isso era suficiente. E eu sabia que era uma pessoa que a vida dele era um testemunho das coisas que eu acreditava. Né!? (*Iara*).

Processo de reconhecimento que se dá também num grupo de amizade em que se pode compartilhar experiências.

Tenho amigas que nasceram... Essa linguagem, binário e não-binário, a gente não usa tanto. Mas, por exemplo, eu falo: - Mulher que nasceu com vagina e mulher que nasceu sem vagina. Eu falo assim. Nasceu... Porque a construção da vagina se dá na vida também, né!? Uma períneo também qualquer um pode precisar fazer. Então, assim, entre a mulher que nasceu com a vagina e a mulher que nasceu sem a vagina, várias sentem a necessidade de ser mãe, outras já não sentem. Isso é normal. Essa relação com a maternidade é muito... eu acho que é semelhante, igual. Não existe duas pessoas iguais, mas é semelhante entre todas as mulheres. Entre aquelas que sentem necessidade e aquelas que não sentem, então, a forma como elas lidam é muito parecido. E as outras coisas é tudo igual. Como toda mulher (risos). Paixões, pra gente, é tudo muito semelhante. A forma como a gente conversa com paixões... Eu tenho amigas que nasceram com a vagina e amigas sem a vagina. Então, assim, as nossas relações... Até mais que nasceram com a vagina, na verdade. As nossas relações é muito igual, né!?, assim. A gente se dá conselhos, a gente troca figurinhas, a gente sai juntas. Então, nossa afetividade é compartilhada como qualquer grupo de mulheres, independente se tem uma ali ou não que nasceu com ou sem a vagina. Porque o que é ser mulher está pra além disso. Quando você tem intimidade, isso fica bem claro entre nós, né!? Então, é muito rico, é muito gostoso e a gente vai trocando figurinha (*Iara*).

As relações amorosas implicam também suporte no processo de transição, seja pelo interesse no indivíduo como objeto de atração ou por mediarem relações que possibilitem acesso e apropriação aos saberes e formas de empreender as transformações.

A (apelido da ex-esposa) foi uma das pessoas que mais me ajudou. Tanto com meu lado feminino quanto com meu lado masculino. Porque quando a gente começou a namorar ela queria porque queria que eu me vestisse de mulherzinha. Chegou a me colocar uma saia e pintar minha unha. Quase morri, gente! Quase morri! (risos). Aí eu tentei, mas num era pra mim. Eu vesti aquilo lá e não era pra mim, eu não gostava. Nunca gostei. Eu tentei até, mas não deu. E aí, também, pro lado masculino quando eu descobri a transexualidade, que foi através dela. Foi ela começou a pesquisar e aí eu comecei a pesquisar junto com ela. Porque ela falou: Nossa! Olha que coisa bacana que eu tô pesquisando! Aí eu comecei a ver e falei assim: Uai! Gostei disso. E aí eu fui me interessando pela coisa. E ela se interessou tanto, pra me ajudar que o TX ia ser fechado... ela e a E. foram as duas que foram atrás até de médicos pra poder não fechar o TX. Então elas ajudaram nisso. Ela até hoje ela é envolvida com isso. Eu acho que muito por minha causa. E aí ela me ajudou muito quando eu decidi a modificar ela foi uma das pessoas que mais me apoiou. Todo mundo falou pra mim não fazer. Todos! Alguns amigos falavam: - Não! Então, se é o que você quer, se vai te fazer feliz, então faz. Mas aí, não podia ver uma brechinha que eles falavam: - Ah! Não mexe com isso não. Não meche com isso não, porque isso é muito problemático e esses trem de cirurgias... trem muito complicado. E aí todo mundo sempre achou muito estranho. As pessoas acham estranho. E ela foi a única pessoa que falou: - Não! Se é isso que você quer, então vai e faz. Sempre me apoiou em tudo (*Jandir*).

Os relacionamentos também comparecem como forma de reconhecimento do indivíduo.

Eu anotei meu número pra ela. E ela mandou mensagem no dia seguinte: - Ah... se você quiser a gente pode sair mais. E ela faz Biologia na UFG, então... era bem fácil de conversar porque eu tava no noturno, ela fazia o integral diurno. Então quando ela acabava a aula dela eu tava chegando. A gente conversava. Daí a gente acabou namorando e acho que foi o penúltimo relacionamento assim que eu deixei de exercitar a autoestima, amor próprio, essas coisas. Eu sempre muito submisso, muito... E foi meu primeiro namoro enquanto cara já. E ela era bem de boa com isso, embora ela se dissesse lésbica. Assim, tudo... Eu sentia que ela era muito fechada pra muitas coisas, mas que ela tinha salvação ainda na questão de preconceito e tudo... Porque ela realmente tava por mim pela pessoa que eu era. Assim... isso é um episódio bem raro na minha vida, porque até antes disso tava ficando comigo porque eu tava parecendo uma mulher. Assim e tudo... isso que me deixa muito triste tipo não quero que fiquem comigo por coisa que eu pareça, quero que fiquem comigo por uma coisa que eu sou(*Ubirajara*).

Os vínculos amorosos também representam suporte a atividades cotidianas do indivíduo.

A gente teve muitas experiências interessantes, tipo: eu fui no Inter UFG com ela. [...] No Inter, teve um dia que, eu usava top nessa época, e lembro que eu tirei a regata, e antes de tirar a regata eu tava usando o masculino, banheiro. Aí eu tirei e eu queria ir ao banheiro, mas falei que não ia mesmo querendo porque agora que eu tirei o top não podia mais

entrar no masculino, ninguém ia me deixar em paz. Ela ficou irada! Tipo, ela tava sóbria. Essa mulher ficou irada. Ela tirou a blusa dela, ela ficou de sutiã e me jogou dentro do masculino. Assim... a F. me atrapalhou em várias coisas, mas por outro lado ela me ajudou em várias outras porque depois disso eu praticamente nunca mais deixei de entrar num banheiro masculino por medo. Assim, me deu muita coragem (*Ubirajara*).

Os grupos de amizade se constituem em diferentes formas e espaços, também mediados pelas regulações da diferença sexual, como a rua enquanto espaço de trabalho.

Quando eu fui pra rua que eu fui descobrindo tudim. Como que era, como que não era, quê que era?... Quê que isso? Tudim, foi na rua. Porque... eu ficava mais era por aqui, né!? Tipo assim: salão... escola. Escola não tem travesti, não tem gíria. Ninguém vai falar: - A maricona. Ninguém vai falar pra mim tomar hormônio. Vai falar nada. Né!? Aquela coisa assim, como se diz, né!?, familiar. A coisa normal, né!? Então, depois, quando eu fui pra rua, que eu fui descobrindo as coisa. Quê que era gíria (*Kauane*).

Os grupos organizados em torno da luta por reconhecimento ou contra o preconceito e a violência, grupos de militantes ou ativistas, aparecem de forma sutil nas narrativas e em situações pontuais.

Quando eu fui nesse último congresso agora, a menina falou. Falou: - Ó! Tem lugar, só cê imprime a lei, tal, tal, tal... cê imprime. Tipo no SUS, se for no SUS, eles é obrigado colocar meu nome social (*Kauane*).

O universo do trabalho pode ser um problema quando seus integrantes consideram como legítima apenas um modelo uniforme de regulação da diferença. Encontrar quem, nesse ambiente, reconheça como legítimas outras formas de sexualidade representa importante auxílio.

Nesse colégio que eu fiz um amigo, tipo, o professor da tarde, o G., que desde a primeira vez que eu conversei com ele, assim, embora eu não usasse nome social no colégio, eu nunca me tratava no feminino. É muito absurdo pra mim. E o G. entendeu isso e começou a me tratar no masculino. E a gente teve toda uma conversa sobre gênero e tudo... e ele não me chamava pelo nome de batismo. Assim, as pessoas ficavam assim: Ah! Meu Deus! E um dia ele ficou muito puto com o fato de eles me chamarem pelo nome de batismo. E ele me assumiu pra uma sala de primeiro ano. E foi muito tranquilo. Foi aquela experiência assim... eu não acreditava, pra mim. Porque os alunos aceitaram muito bem! Eles eram assim: as piores pessoas da Terra. Mas assim, isso eles aceitaram muito bem. Assim... eles ficaram assim: calados. E eu dei aula na maior tranquilidade, assim (*Ubirajara*).

Os vínculos de amizade podem oferecer alternativas para o indivíduo.

Aí eu conheci uma travesti na rua que tinha acabado de chegar da Europa. Ela pegou, foi e me chamou. Falou assim: - Cê quer ir pra Europa? Falei assim: - Como assim? Ela falou assim: - Ir pra Europa trabalhar. Eu fui

pra Europa, coloquei peito, ó o jeito que eu tô aqui! Comprei carro. Falei: - Ai! Quero! Pensei nem duas vezes. - E com seu pai e sua mãe? - Ai não! Pro meu pai e pra minha mãe nós fala que eu vou trabalhar num salão de beleza. Ela falou: - Então tá! Eu tenho um amigo que trabalha num salão, vou falar pra ele e conversar... Ela conversou com ele, né!?, falando que ele tinha um salão lá na Europa, que eu ia ser transferida pra lá, né!? Trabalhar lá. Aí quando eu falei pro meu pai que eu ia pra Europa... ele falou: - Cê vai fazer o quê lá? Cê num vai sozim. Minha mãe falou: - Ai! Cê num vai. Falei: - Não! Trabalhar no salão de beleza. Aí - Cadê esse rapaz que tá te arrumando? Aí eu fui lá no salão do rapaz, ele pegou e confirmou: - Não! Trabalhar pra mim, assim, assado. Mas num era isso, né!?, era outra coisa que eu ia trabalhar. Era de programa! Eu fui trabalhar lá de programa tudim (*Kauane*).

Os vínculos de amizade compõem nas experiências narradas como fortes apoios no processo de transformação do indivíduo. Amigos e amigas foram apontados como quem melhor lidou com a decisão do indivíduo e de onde partir o suporte para o reconhecimento de outros grupos como a família.

Foi onde eu conheci a C., que mora comigo hoje, e o R., que foram as pessoas que formaram a primeira banda comigo. E a K., que era baterista. Aí eu lembro que nessa época eu tava muito bem como lésbica, assim... e era algo que no colégio era... foi quando eu comecei a não ter receio de falar disso. Eu tinha quinze (15) anos. E não tinha receio. Deixa eu ver, isso é dois mil e onze (2011). E eu comecei a fazer isso tipo com a C. que tipo desde que eu conheci ela, ela nunca foi homofóbica. E o R.. Era engraçado que eu e o R., a gente sempre tava afim da mesma garota. Mas elas sempre preferiam o R. Também o R.... ele parece um viking: tem um ombro imenso, ele é um cara imenso, tem um metro e noventa (1,90m), ele calça quarenta e sete (47), tá, aquele negócio (*Ubirajara*).

Em alguns casos, os conhecimentos produzidos pela humanidade foram auxiliares no processo de reconhecimento e transformação. A filosofia comparece no processo de reflexão do indivíduo sobre sua experiência.

O curso de Filosofia foi muito bom, me deu muito conhecimento teórico, existencial, de fenomenologia, Filosofia da existência etc. ontologia... Mas até então tava muito no lado teórico, né!? Aí, mas ao mesmo tempo que na Filosofia da existência não se separa Filosofia e vida. Aí você acaba absorvendo um pouco daquilo, porque não tem como falar de vida e não viver (*Iara*).

Saberes sistematizados na forma da ciência comparecem nas experiências mediando os processos de reconhecimento, auxiliar do de transformação. Nessa categoria, a psicologia comparece como suporte oferecido por profissionais no processo de discernimento do indivíduo.

Mas a população da minha cidade, lá no interior da Amazônia, não sabia. Então aí eu tive que me preparar muito com... E o acompanhamento com a psicóloga foi muito importante pra isso. Do TX. Eu já tinha feito um

trabalho muito rico de lidar comigo mesma. Essa foi a primeira fase. Agora, dessa segunda fase, eu tava aprendendo a lidar com o outro. Então, assim, nós focamos muito nisso: como eu lidar com o outro, ainda mais porque eu era professora. Então, esse é um outro contexto muito forte, do mundo do trabalho e das relações sociais tanto dentro do trabalho quanto fora. Então, assim, fora do contexto dos amigos íntimos e da família, agora ia abrir pro contexto da sociedade onde eu trabalhava e onde eu exercia minha cidadania que era aqui. Tá. Aí já era maior impacto: você vai tendo contexto social. Mas a coisa mais pesada pra família é quando a população do lugar onde eles moram sabe. Né!? Que às vezes coincide da pessoa viver no mesmo lugar da família. No meu caso não coincidiu (*Iara*).

Saberes sistematizados na forma de tecnologias se constituem indispensáveis para o processo de transformação. Estes saberes, na forma de técnicas cirúrgicas, assim como as pesquisas que os desenvolvem, oferecem possibilidades de transformação.

Faloplastia cê ranca um pedaço de pele. Ou da costela ou do braço pra construir o pênis a partir do clitóris. Mas aí você perde a sensibilidade. Aí nesses casos perde tudo. A metoidioplastia não. Porque o micro pênis, ele fica um pouco pra dentro da vagina. Uma cerca de três (3) à quatro (4) centímetros. E aí ele cresce mais seis (6) à oito (8) centímetros pra fora. Aí eles abrem a vagina e puxam mais um pouco pra fora pra ficar cerca de dez (10) à onze (11) centímetro. Chega a dar uns dez (10) centímetros. De oito (8) à dez (10) centímetros. Dependendo da pessoa. Aí eles pegam, constrói... passa o canal pra poder fazer xixi. O canal da uretra nele; fecha, pega os grandes lábios e constrói o testículo. E aí fecha todo o canal, fica só com um pequeno pênis mesmo. Agora eu não sei ainda, vou até perguntar pra doutora Mariluzza se tem como fazer sexo com ele, porque eu não sei. Porque ele endurece, mas ele não fica muito tempo. Como um pênis. Uma ereção mais rápida. Aí eu não sei se pode se usar a prótese, pra ajudar, ou se não, porque já vai ter o canal no meio dele, já vão abrir pra colocar... eles colocam tipo um caninho que vai nele pra poder fazer xixi. Dizem que não é muito bom porque... são poucas cirurgias dessas que eles fazem. E pode dar infecção urinária. Tem grande probabilidade de dar infecção urinária. Cê tem de prestar bem atenção o tempo inteiro. Tomar muita água... É porque desvia. Aí corre esse risco. Mas eu vi mesmo uma cirurgia esses dias pra trás... num cara que fez a metoidioplastia (*Jandir*).

Algumas técnicas ainda implicam grande perda de sensibilidade, mas novas pesquisas podem transformar as próprias técnicas.

Se você fizer faloplastia, sim! Eles ainda não têm muita experiência na coisa não. De fazer não. Essa semana eu vi na internet o primeiro transplante de pênis. Cê viu? Saiu. Foi feito. Custou duzentos e setenta e cinco mil (275.000) dólares. Ficou cara. Ele teve um câncer e perdeu parte do pênis. Aí eles transplantaram e deu certo. Com sensibilidade e tudo. Não sei como eles fizeram, mas fizeram (*Jandir*).

A produção de conhecimento pode, portanto, auxiliar tanto homens *cis* quanto homens *trans* como a orientação médica sobre as implicações da hormonização. Diante da

pressão contrária à transformação do corpo, o indivíduo estuda e procura médicos que o possam transmitir saberes com os quais tomar a decisão.

Essa adaptação pro feminino era mais pela sociedade. Eles te cobram isso! Quando você vira e fala: - Olha, eu sou um trans! Cê cala a boca das pessoas. Elas podem falar de você pros outros, mas não vêm falar de você pra você mesmo. Depois que eu falei assim: - Eu vou fazer! Ponto final! Ninguém mais me encheu o saco. Até quando eu tava resolvendo, muita gente opinava. - Não faça isso! Não faça isso! Não faça isso! Porque é muito perigoso, são muitas cirurgias, cê vai ter de tomar hormônios e não sei o quê. E eu tinha problema de circulação. - Isso vai dar problema pra você. Aí quê que eu fiz? Fui no médico de circulação. Falei assim: - Vai ocasionar algum problema? Porque, se fosse, eu não ia fazer. Se ele falasse: - Não! A testosterona vai te causar problema de circulação. Aí ele falou ao contrário. Ele falou: - Vai te ajudar, porque abre as veias... Porque as veias dos homens são mais grossas, né!? Então, a partir do momento que a veia dilata, fica mais fácil pra passar o sangue. Então a circulação corre melhor. Aí não, eu falei: - É!? Ele falou: - É! Eu falei: - Certeza? Ele falou: - Certeza. Então vou fazer. A partir daí resolvi fazer. Mas até então eu fui no médico, eu pesquisei pra saber se eu podia ou não. Se ia me causar algum problema ou não. Porque o hormônio tem que ser tomado pro resto da vida. Não tem jeito. Até porque, se você parar, como você parou a produção do hormônio feminino, dá problema nos ossos (*Jandir*).

A autoridade médica, dependendo dos ideais aos quais se identifica, pode utilizar desses saberes como regulação social na forma de diagnósticos, como já apontado por Butler (2009). A relação com esses saberes se demonstra, assim, ambivalente e dependente da posição do indivíduo em relação a eles.

A sustentação da vida do indivíduo via trabalho, para além da satisfação das necessidades mais fundamentais, como alimentação e moradia, representa também acesso a outros aparatos culturais auxiliares no processo de transformação.

Foi uma grande luta pra ele pagar vale transporte pra mim, mas aí eu fui pra dentro da empresa. Por um lado gostei no começo porque tinha ar condicionado. E eu trabalhava de manhã. Então já tava um calor do cão. Então... eu adorava ter ar condicionado lá. E ele é um cara que gasta muito com computador, assim, tudo... então me atraía muito trabalhar com equipamento moderno que não ia ficar travando o tempo inteiro. Tinha uma máquina potente, com a tela gigante. Dava pra colocar uma bola de rúgbi original... real. E assim, eu fui tomando consciência assim, de jogo sujo de escritório, assim, porque escritório é um negócio muito trash, assim... tipo... Tem muita fofoca... E... eu precisava muito daquele trabalho. Eu precisava muito daquele dinheiro. Foi a época que meu time começou a fazer crossfit junto. Não é academia! *Crossfit* é muito caro! (*Ubirajara*).

Instituições estatais também representaram suporte às pessoas *trans*, como na forma de regulamentação do nome social nas universidades. As resoluções ministeriais e das

próprias instituições de ensino são instrumentos utilizados pelo indivíduo para enfrentar as resistências individuais ao reconhecimento do nome social.

Depois que baixou a resolução, todos os cursos já receberam uma cópia da resolução, ele não respeitou a resolução. Ele ainda continuou uns cinco (5) meses usando o nome civil. Então, assim, me constrangia publicamente o que ele fazia isso em público. E os colegas chamavam a atenção dele. E depois de um período, ele percebeu finalmente. E ele passou a me chamar... nenhum nome. Nenhum nome pra se referir a mim. Isso foi... agora ele já mudou muito. Ele já mudou muito (*Iara*).

A apropriação de saberes pode se dar fora das instituições em que eles são produzidos, como o acesso a conhecimentos sobre leis e direitos por meio de amizades ou organizações de ativistas-militantes. Estes saberes contribuem em situações aparentemente simples, como uma ida ao banheiro que se torna objeto de controle das regulações sociais, baseadas em modelos de sexualidade uniformes.

Falei: - Não! Então cê tem que fazer um banheiro pra travesti então... pra transexuais. Porque se eu não posso entrar no banheiro das mulher, faz o terceiro banheiro então. Porque eu não vou ficar... Onde eu vou usar o banheiro? - Não! Mas cê não pode entrar, cê vai no banheiro masculino. - No banheiro masculino não vou entrar! Uma (1) porque as esposa deles tá aqui. Como que eu vou entrar lá dentro? Ele: - Não! Mas... Ele foi muito ignorante! Sabe? Aí, nesse dia, não sabia das coisa, não sabia de nada... Eu podia muito bem gravar ele falando alguma coisa pra mim entrar no banheiro masculino... Já que eu não posso entrar no banheiro masculino, então o shopping tem que fazer ou se não orientar ele, falar: - Não! As transexuais têm que usar o banheiro feminino. E não vai entrar no banheiro masculino. Tem isso também, né!? Só que na época eu não sabia, assim, direito das leis. Agora eu já sei como é que é lei é, né!? Pego o celular, gravo: - Como é que é? Eu não vou entrar no banheiro? Então tá então. Faço boletim de ocorrência. Faço tudim. Pego nome dele tudim. Falo: - Ó! Preconceit... como é que é? Preconceito. Não quis deixar eu entrar no banheiro. Eu aqui apertada, né, fazer minhas necessidades... não podia entrar no banheiro por causa... ele não quis deixar eu ir no banheiro porque eu sou travesti. Aí onde que é... né!? Não! Agora... Aí, hoje em dia, no shopping, assim, eu vou no banheiro feminino, tudim, ninguém... Até agora ninguém falou nada não (*Kauane*).

Os saberes, assim, implicam na posição do indivíduo frente ao preconceito e ao não reconhecimento de seus direitos/identidades. Eles aparecem em diferentes situações na experiência do indivíduo e ofertam diferentes possibilidades, como personagens nas novelas transmitidas pela rede de televisão, a qual comparece como meios de reconhecimento, de saber da existência de experiências diversas, contribuindo para diminuir o preconceito.

Mas sempre eu tive vontade de virar travesti. Eu também assistia aquele programa do Sílvio Santos, que tinha show de calouros que tinha aquelas travesti bonita, que dançava, tudim. Sempre eu dava uma olhada, assim... Aí sempre eu tive interesse de virar, assim... Um pouco elas me ajudaram, pelas informações de tudo... Acho que agora a mente tá mais aberta, né!? Ainda mais que nas novela tá passando mais é... tipo assim... aquele Félix, né!? Tem umas novela... nessa aí, antiga aí, tem aquele menino, né!?, que é o... (sobre a novela Anjo Mau que passa na TV sem som) Essa novela é antiga! Tem um irmão da menina aí que ele é gay aí, ó, na novela. Ele tem o cabelim grandim assim, ó! Ele, parece que ele é costureiro. E com a novela, esses negócio assim, parece que tá abrindo um pouco mais a mente, né!? Também dos Hé... mas também muitas vezes tem mulher também, né!?, que é preconceituosa também (*Kauane*).

As redes sociais, para além das possibilidades de acesso a indivíduos, grupos e conhecimentos relacionados às experiências *trans*, aparecem como mediação em relação aos grupos com os quais a família se vincula.

Então, assim, porque antes o meu *Face* era muito reservado. Pouquíssimas pessoas tinham acesso. O *Face* novo, né!? Então quando eu passei a... Não! Agora chegou a hora de abrir. Aí eu aceitei. Aí foi aquele tanto de gente. Então, e aquilo foi bom. Porque eles passaram a ver as fotos da transformação, se acostumar com a imagem, isso é importante. Antes d'eu estar lá. Eles foram se acostumando com a imagem, de ver outras pessoas me chamando pelo nome, né!?, de a *Iara*, meu nome social. E acostumar com isso. E ver que a minha vivência é uma vivência aqui normal, como qualquer pessoa. Que eu trabalhava, estudava, e sou professora, dava conferência. Eu começava... isso é interessante, porque eles tão acostumados a ver essas pessoas que vivem na realidade TITT (Transexual, transgênero, travesti e intersexual) como um contexto assim de exclusão, de marginalização... Aí quando eles vêm você à luz do meio dia, no meio da sociedade, numa sala de aula ou dando uma palestra, tipo assim... A educação questiona muito todo preconceito. Tipo assim, você é uma pessoa normal, com conhecimento, que não precisa esconder pra ser você (*Iara*).

A noite pode ser lugar de aprender. No processo de ruptura com a escola onde ninguém falava de hormônios ou travestis, o indivíduo encontra saberes com as travestis que trabalhavam na rua à noite.

Trabalhar na noite? Eu não tinha muito conhecimento. E as bicha pegava... as travesti, né!?, pegava e falava assim: - Ai! Maricona, não sei quê que tem. Maricona, maricona. Ai eu já: - Quê que é maricona? - Ai, quando é véi! - Ai! Véi!? - É, os véi, maricona. Aí eu: - Ah! Aí já colocava, maricona, na minha cabeça, né!? Aí eu falava: - E bofe? - Bofe é rapaz novinho, assim. Falei: - Ah! Tá! Aí já começou já a me... - Ah! Então bofe é novo, maricona é véia. Falou: - É!... Ai! Essa maricona, essa dadeira. Falei: - Dadeira!? Eu falei: - Como assim, dadeira!? Que eu nunca tinha... nunca sabia que muitos home casado que vai na rua pra pegar travesti pra comer eles, sabe? Pra mim a gente era só passiva. Aí elas falou: - Ai! Essas maricona, dadeira, que não sei o quê que tem... Eu

falei: - Dadeira!? Falei: - Como assim dadeira!? Ela pegou, falou: - Uai! Senhora nunca ficou com maricona!? Falei: - Não, uai! Se eu tô perguntando você como é que toma hormônio, assim... Ela pegou, falou: - Não! As maricona, elas gosta de dar o... né!? Eu falei: - Ah! tá! Mas a maioria? - Maioria! Casado que vem cá pra dar pra gente. Falei: Ah! É!? Falou: - É! Falei: Ah! Sabia não (*Kauane*).

O indivíduo entra, assim, em contato com uma linguagem outra e com saberes sobre a sexualidade que até então não tinha acesso. A rua se constitui assim, espaço de constituição de vínculos entre pessoas que vivem experiências semelhantes e espaço de saber.

A experiência *trans* implica enfrentamento das regulações culturais da diferença genital que são transmitidas ao indivíduo no processo de socialização. Estas regulações constituem grupos e estabelecem limites entre estes. Aparatos de investimento no corpo, atividades e fins são endereçados ao indivíduo e outros são interditados. A experiência *trans* também é atravessada pelos desenvolvimentos culturais que constituem as condições de transformação do corpo. Os objetos culturais desenvolvidos a partir das formas históricas do trabalho humano criam aquelas condições. No processo de transformação, o indivíduo se apropria destes objetos culturais que, por um lado, investem no corpo – como roupas e acessórios – e, por outro, são auxiliares na transformação das características da diferença no próprio corpo, feita pela manipulação de hormônios, implante de próteses, cirurgias de retirada de mamas, construção de pênis e vagina. O indivíduo enfrenta as regulações culturais que estabelecem fronteiras entre grupos a partir da diferença genital, incorporando traços em si para além dessas fronteiras. Se afasta dos vínculos perpassados por violência, por um lado, e constitui outros vínculos que dão suporte aos processos de transformação.

Breves considerações finais

A transformação das características físicas da diferença sexual inscritas no corpo é a dimensão mais aparente na experiência *trans*. Essa transformação pode se dar, por exemplo, pela mudança na vagina e pênis, pela retirada de órgãos como o útero, pelo implante de próteses ou pela utilização de hormônios. Entretanto, a transformação incide também sobre os limites tanto quanto a aparatos investidos no corpo como roupas e acessórios como quanto ao modo de se expressar através do corpo, na voz, nos gestos ou nos movimentos. Tudo isso implica também enfrentar as regulações sociais que endereçam o sujeito a grupos determinados e estabelecem limites entre estes grupos e, principalmente, implicam a constituição de vínculos de identificação que admitam a diferença e auxiliem no enfrentamento da agressividade e na ruptura com os destinos culturalmente estabelecidos para a diferença sexual. O sujeito da experiência *trans* marca suas identificações no corpo pela incorporação de aparatos e transformação de partes do corpo.

A regulação das relações sociais constitui modelos que dão destino à diferença sexual instituindo fins, objetos de atração sexual, aparatos de investimento no corpo e atividades. Estes são divididos como características ou traços próprios de grupos constituídos a partir de traços da diferença sexual no corpo. Estes traços são múltiplos e comparecem em cada corpo compostos de formas diferentes (FAUSTO-STERLING, 2002). Num mesmo corpo pode comparecer pênis e mamas. Contudo, as regulações da diferença sexual constituídas concomitantemente ao processo de transformação social que se desenvolveu na Europa até o século XIX dividem os sujeitos em dois grupos – homens e mulheres – e caracterizam aparatos e atividades como masculinos ou femininos.

Esse momento marca a mudança do modelo elaborado por Galeano na Grécia antiga que explicava a diferença sexual como constituída por um calor vital para o modelo de dois sexos estabelecidos pelas características corporais (LAQUEUR, 2001). No primeiro modelo, o calor vital era determinante na exteriorização dos órgãos genitais, nesse caso, do pênis e do saco escrotal. Assim, o grupo dos homens era caracterizado pela presença de calor vital (LAQUEUR, 2001). No segundo modelo, de dois sexos, os traços

da diferença sexual no corpo são requeridos como referentes da divisão dos sujeitos em dois grupos – homens e mulheres – como radicalmente diferentes e complementares (LAQUEUR, 2001).

A elaboração deste último modelo é atravessada pelas religiões, pela ciência e pela política. As reformas protestantes deram ensejo a ideias como a liberdade de consciência que resvalaram na liberdade moral, por um lado, e implicaram disciplinamento por outro (DABHOIWALA, 2013). Na Inglaterra de fins do século XVII, a liberdade de consciência foi instituída pelo Ato de Tolerância como medida de estabilidade política frente aos conflitos religiosos entre católicos e protestantes (DABHOIWALA, 2013). A concentração de pessoas nas cidades inglesas desse período, por outro lado, colocou a disciplina sexual como pauta política (DABHOIWALA, 2013). Ao mesmo tempo, os debates teológicos e filosóficos passaram a se pautar por procedimentos racionais orientados pelo critério do que era natural ou antinatural (DABHOIWALA, 2013). A ciência que se desenvolve, atravessada por esse debate, passou a classificar os sujeitos a partir de características da diferença sexual no corpo e a distinguir civilizados e não civilizados a partir da disciplina sexual marcada pela divisão precisa entre homens e mulheres (LAQUEUR, 2001).

Nesse sentido, o modelo de regulação da diferença sexual instituiu fins, aparatos, objetos de atração sexual e atividades como naturais para cada grupo: atividade foi associada ao grupo dos homens e passividade ao das mulheres (LAQUEUR, 2001). A noção de instinto sexual reduziu a diferença sexual ao fim de preservação da espécie e implicou a classificação de outros fins como perversos ou desvios (MARQUES, 2013). Esta noção também implicava a crença de que o objeto de atração sexual era determinado por uma força natural (FREUD, [1905] 1973). A variação de atividades e aparatos que eram associados ao masculino e ao feminino de sociedade para sociedade foi apontada por Margareth Meed (PISCITELLI, 2009). O que implica considerar esta associação como constituída pelas regulações da diferença sexual quanto a limites entre os grupos.

Estas regulações estabelecem, portanto, fins para a diferença sexual; limites entre os grupos por meio de aparatos de investimento no corpo; limites quanto ao objeto de atração sexual; associação de atividade a masculinidade e de passividade a feminilidade; limites quanto a atividades que o sujeito pode se endereçar. Essas regulações atravessam a experiência do sujeito como modelos com os quais aquele pode se identificar.

O sujeito se identifica com os modelos na relação com o outro tomando este como objeto de identificação auxiliar ou adversário num processo em que “a identificação se

empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por ‘modelo’” (FREUD, 2011, p. 62). O outro pode ser tomado como ideal do que o sujeito deseja ser. Ela pode tomar um outro Eu por modelo ou traços dele (FREUD, 2011). Nas experiências *trans*, aparatos de investimento no corpo e atividades caracterizados como próprios do grupo dos homens ou das mulheres nos modelos de regulação da diferença sexual compõem os sujeitos para além das fronteiras estabelecidas entre estes dois grupos. Além disso, as pessoas *trans* transformam as características da diferença sexual no corpo a partir daquilo com o que se identificam.

Estes modelos, contudo, se constituem na relação do sujeito com o outro, no processo de socialização, por meio do qual tais modelos são ofertados. Os modelos de regulação da diferença sexual comparecem no processo de socialização como um destino determinado pelas características no corpo da diferença sexual. A noção de destino implica limites do sujeito determinados por uma força que lhe escapa (SOUZA, 1999). Esta força é atribuída, nos modelos de regulação, à natureza. Entretanto, é no processo de socialização tal destino é transmitido e que as fronteiras entre os grupos são sustentadas. Este processo implica a relação do sujeito com grupos, organizações e instituições (ADORNO e HORKHEIMER, 1973). Nele o sujeito é destinado a grupos a partir das características no corpo e também das atividades, objetos de atração sexual e aparatos de investimento no corpo; e, os traços que não correspondem ao modelo se tornam objeto de controle, de preconceito e de violência sobre o sujeito constituindo seu isolamento.

Nas experiências *trans*, a família e a escola se destacam no processo de socialização que é também mediado por outros grupos, organizações e instituições. Nas sociedades industriais a família e a escola se constituem os primeiros vínculos do sujeito (ADORNO e HORKHEIMER, 1973). A família espaço de proteção do sujeito e reserva afetiva frente às relações de trabalho que transversalizam a sociedade (ADORNO e HORKHEIMER, 1973). O que implica que a família se constitui como forte referência para o sujeito e espaços no qual os primeiros modelos comparecem. Por outro lado, a escola se encontra transversalizada pela racionalidade que media as relações naquelas sociedades (ADORNO e HORKHEIMER, 1973). Por fim, ambas são atravessadas, além dos elementos já apontados, pela relação com outros grupos, organizações e instituições (RESENDE, 2012). Por meio destes atravessamentos os modelos de regulação da diferença são ofertados ao sujeito. Um processo que implica também controle sobre o sujeito.

Nas experiências *trans*, a transmissão dos modelos de regulação da diferença implica o endereçamento do sujeito inicialmente pela família para o grupo dos homens ou das mulheres perpassado por destinação do sujeito a atividades e aparatos de investimento no corpo. Assim, as fronteiras entre os grupos são controladas por meio de brincadeiras, roupas, acessórios divididos como masculinos e femininos – coisas de menino e coisas de menina – e por meio do modo como o sujeito pode se expressar com o corpo. O que implica que a identificação do sujeito com objetos e atividades fora do modelo se torna objeto de violência e isolamento do mesmo. Na escola esse processo se desenvolve pelo controle do corpo, dos modos como o sujeito pode se expressar, dos aparatos que pode investir no corpo frente ao qual as diferentes formas de identificação são enquadradas de forma preconceituosa. A violência contra os sujeitos que se identificam de forma diferente em relação aos modelos atravessa a experiência das pessoas *trans* na família, na escola e com outros grupos. As pessoas *trans* se tornam, assim, objeto de agressão por atravessarem as fronteiras que demarcam os grupos dos homens e das mulheres tendo como referência a diferença sexual. Esse processo revela a dimensão histórica e social das regulações sociais em relação à diferença. O destino, portanto, é constituído nas relações sociais em cada particularidade histórica e transmitido no processo de socialização.

As pessoas *trans*, contudo, enfrentam a destinação a um grupo a partir da diferença sexual incorporando traços com os quais si identificam e transformando os presentes no corpo. Elas se apropriam do próprio corpo e destino; e, dos objetos culturais constituídos pelas formas históricas do trabalho. Elas também constituem vínculos que representam suporte a proteção frente à agressividade. Desta forma, a experiência *trans* é constituída nos processos culturais.

A cultura é constituída pelas realizações e instituições que afastam o modo como o ser humano vive em relação a seus antepassados animais (FREUD, 2010). Ela implica relação do ser humano com a natureza interna e externa: do sujeito consigo mesmo, com o outro nas relações sociais, e com os objetos da natureza externa (FREUD, 2010). A vida cultural incide, assim, em dois elementos fundamentais: proteção do ser humano frente às forças da natureza e regulação das relações sociais (FREUD, 2010).

Assim, a vida cultural implica transformação da natureza pulsional (GUIMARÃES, 2014). Esse processo consiste da transformação das metas de satisfação imediata pelo recalque e pela sublimação (GUIMARÃES, 2014). A agressividade é desviada e enviada de volta para o sujeito e a libido é mobilizada para a constituição de vínculos com o outro

nos processos de identificação e para as realizações culturais. A transformação de Eros pela sublimação da libido – a inibição da meta de satisfação sexual imediata - na forma da identificação inibe a agressividade. No processo de socialização do indivíduo, nas relações sociais, a agressividade é inibida pela identificação com o outro e o sujeito se diferencia dos objetos constituindo um Eu. As sensações de prazer e desprazer e a identificação com o outro como ideal ou por traços vão compondo o Eu ao longo da história do sujeito. Assim, o sujeito se apropria dos objetos que passam a constituir o Eu.

A vida cultural também implica transformação dos objetos via trabalho. A relação do ser humano consigo mesmo, as relações sociais, é atravessada pela relação com a natureza constituída pelo trabalho como objeto da atividade humana que a transforma no processo de satisfação de suas necessidades. As forças que ameaçam o ser humano são, assim, apropriadas por este e não meramente sentidas passivamente.

O conceito de trabalho é elaborado por Marx como constituído por dois movimentos: produção e alienação da vida, “possibilidade de realização da essência da humanidade” e conversão “em pura objetivação, pura exteriorização” (RESENDE, 2009, p. 55); e implica que na atividade de satisfação das necessidades humanas os objetos externos são transformados e também transformam o sujeito. Essa atividade, portanto, constitui reciprocamente sujeito e objeto num movimento de unidade e antagonismo (RESENDE, 2009). O sujeito, assim, se apropria de potencialidades, capacidades, propriedades e as desenvolve ao objetiva-las. Os desenvolvimentos culturais são, assim, produtos da atividade humana, enquanto objetivação de si e subjetivação da realidade, e, portanto, constituintes das formas históricas da cultura e dos limites e possibilidades de constituição e apropriação de objetos na relação com a natureza.

Estas características da cultura mediam as experiências *trans*. Nestas, os objetos no corpo que não são reconhecidos como parte do Eu são transformados pelo auxílio dos desenvolvimentos culturais na forma do trabalho; a transformação da libido em vínculos como os de amizade auxiliam no enfrentamento da agressividade e na apropriação de objetos e atividades reguladas historicamente a partir da diferença genital.

Nas experiências *trans*, o sujeito se apropria de objetos-aparatos como roupas e acessórios que investe no corpo e procedimentos como a hormonização e as técnicas cirúrgicas incorporando traços regulados como característicos do grupo dos homens ou das mulheres. O atravessamento das fronteiras entre grupos implica, contudo, necessidade de enfrentamento das regulações sociais que as estabelecem como destino dado pela diferença

sexual. Este enfrentamento é atravessado pela constituição de vínculos que dão suporte para o sujeito. Por um lado o sujeito rompe com a família, a escola e os grupos frente à agressividade destes e, por outro, num processo de negociação, reconstitui vínculos a partir de traços em comum como a história da relação com um irmão, valores compartilhados e situações em comum. Assim, o sujeito enfrenta, amparado pelos vínculos, as resistências da família que tende a dissuadi-lo e se interpor às transformações no corpo e ao investimento neste de aparatos, da escola e outros grupos, organizações e instituições a estas transformações interpondo limites e condições para, por exemplo, as transformações corporais, o reconhecimento do nome social e a utilização de espaços.

Assim, as experiências *trans* podem ser compreendidas como emblema das transformações culturais que possibilitam a transformação do corpo que são, entretanto, reguladas pelas relações sociais que estabelecem modelos que destinam sujeitos a grupos a partir da diferença sexual. Regulações constituídas historicamente e transmitidas no processo de socialização. Resistência e luta para quem carece se dizer para além dos estreitos limites que qualquer binaridade impõe às possibilidades humanas.

Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Editora Cutrix, 1973.

ATHAYDE, A. V. L. de. Transexualismo masculino. *Arq Bras Endocrinol Metab*, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 407-414, ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-27302001000400014&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 14/03/2017.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. (tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira e revisão por Marina Appenzeller) - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Millet. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, p. 549, 2011.

BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUTLER, J.; RUBIN, G. Tráfico sexual: entrevista. *Cadernos Pagu*, n. 21, p. 157-209, 2003.

_____. *Problemas de gênero: feminino e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DABHOIWALA, F. *As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual*. Trad. Rafael Mantovani. 1ª ed. São Paulo: Globo, 2013.

DUMARESQ, L. Ensaio (travesti) sobre a escuta (cisgênera). *Revista Periódicus*, v. 1, n. 5, p. 121-131, 2016.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cad. Pagu* [online]. 2002, n.17-18 [acessado em: 2017-08-12], pp.9-79. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000100002&lng=en&nrm=iso>.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza Albuquerque. – 1ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREUD, S. Tres ensayos para una teoria sexual [1905]. In: _____. *Obras completas*. Tomo II. 3ª ed. – Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.

_____. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). Trad. Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Psicologia das massas e análise do Eu* [1921]. In: _____. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* (1921-1923). Trad. Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *As pulsões e seus destinos* [1915]. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Obras incompletas de Sigmund Freud; 2).

GUIMARÃES, V. C. *Eros e o destino culturante da pulsão*. Goiânia: Ed. UFG, 2014.

HALL, S. Vida e época da primeira New Left. In.: *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, Tradução de Lucas Amaral de Oliveira e Weslei Estradiote Rodrigues. São Paulo, v.21.2, 2014, p.214-234.

JESUS, J. G. de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: 2012.

LAQUEUR, T. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MARQUES, L. Sexualidade e ética psicanalítica. In: JORGE, M. A. C.; QUINET, A. *As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

MICHEL, A. *As perturbações da identidade sexuada*. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias* [online]. 2009, n.21 [acessado em: 03/09/2014], pp.150-182. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100008&lng=en&nrm=iso>.

PAOLIELLO, G. A despatologização da homossexualidade. In: JORGE, M. A. C.; QUINET, A. *As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

PAULILO, M. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. *Serviço Social Revista*, Londrina, v.2, n.2, p. 135-148, jul./dez. 1999.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B. de; SZWAKO, J. E. (Org.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

PRECIADO, B. *Manifesto contrassexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

REICH, W. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977

RESENDE, A. C. A. Da relação indivíduo e sociedade. *Educativa*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 29-45, jan./jun. 2007.

_____. Subjetividade: a contribuição da psicanálise ao debate. In: _____; MIRANDA, M. G. de. (Org.) *Escritos de psicologia, educação e cultura*. Goiânia: Ed. Da UCG, 2008.

_____. *Para a crítica da subjetividade reificada*. Goiânia: Ed. UFG, 2009.

_____. A escola e a constituição do sujeito. In: COELHO, I. M. (Org.). *Escritos sobre o sentido da escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

SOUSA, E. L. A. O destino: a voz outra da incerteza. Neurose obsessiva. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 17, p. 88-93, 1999.

SPINK, M. J. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Rio de Janeiro: Edelstein, 2010.